



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO TABATINGUENSE: UM OLHAR
PARA A CIDADE DE FRONTEIRA**

ANTÔNIA MARINÊS GOES ALVES

MANAUS
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO SOCIEDADE E
CULTURA NA AMAZÔNIA - PPGSCA

ANTÔNIA MARINÊS GOES ALVES

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO TABATINGUENSE: UM OLHAR PARA A
CIDADE DE FRONTEIRA

Tese de doutorado apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para obtenção do título de doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Sistemas Simbólicos e Manifestação Socioculturais

Orientador: Prof. Dr. Michel Justamand
Coorientadora: Prof.^a Dra. Iraildes Caldas Torres

MANAUS
2022

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Alves, Antônia Marinês Goes
A474c A construção identitária do povo tabatinguense : um olhar para a cidade de fronteira / Antônia Marinês Goes Alves . 2022
128 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Michel Justamand
Coorientador: Iraildes Caldas Torres
Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) –
Universidade Federal do Amazonas.

1. Processos socioculturais. 2. fronteira. 3. identidade. 4.
Tabatinga-AM. I. Justamand, Michel. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

ANTÔNIA MARINÊS GOES ALVES

**A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DO POVO TABATINGUENSE: UM OLHAR
PARA A CIDADE DE FRONTEIRA**

Manaus, AM, 13 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Michel Justamand (presidente)
Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Prof. Dr. Alexandre Santos de Oliveira (membro)
Instituto Federal de Sergipe – IFS

Profa. Dra. Patrícia Sposito Mechi (membra)
Universidade Federal da Integração Latino- Americana – UNILA

Profa. Dra. Graziela Menezes de Jesus (membra)
Secretaria de Educação de Estado – SEDUC/ES

Profa. Dra. Márcia Maria Rodrigues Uchôa (membra)
Universidade Federal de Rondônia – UFRO

MANAUS
2022

AGRADECIMENTOS

Neste momento tenho um filme passando em minha mente. Muitos aprendizados, muitas vivências, experiências novas, percepções ampliadas, novos amigos e professores excepcionais, família sempre como base, Deus sempre como fé e “anjos” especiais ao longo da jornada. Superação constante. Só gratidão por TUDO.

Sou grata a Deus por tudo, graças a essa fé que me acompanha, em momentos muito difíceis recorri a ele para ter forças para seguir a jornada.

Em todos os momentos minha família foi minha maior motivação, pensando em minhas filhas Analice Alves Costa e Rafaela Alves fui superando os obstáculos que se apresentavam, independente da ordem que fossem. A existência de vocês é o meu grande alicerce e razão para seguir em frente na caminhada.

Meu reconhecimento aos meus pais, Aristão Alves Lopes (*in memoriam*) e Divina Goes de Lima pelo incentivo aos meus estudos e pelo apoio no cuidado com minhas filhas enquanto eu me dedicava ao meu sonho acadêmico.

Meus agradecimentos aos amigos e amigas que foram verdadeiros “anjos” em minha trajetória, trazendo leveza, incentivo e me dando a certeza de que eu seria capaz de conseguir.

Meu especial agradecimento e reconhecimento ao meu orientador, prof. Dr. Michel Justamand, ser humano incrível e de inteligência ímpar, quem sempre acreditou e confiou em meu potencial, até mesmo nos momentos em que eu duvidei. Meu especial agradecimento à generosa prof.^a Iraildes Caldas Torres, uma mulher admirável em todos os sentidos, coorientadora nesta tese, que também confiou em minha escrita e passou a trilhar conosco nesta jornada acadêmica e que à frente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA) levou a oportunidade de doutoramento ao interior do Amazonas por meio do retorno da interiorização do programa em 2017.

Agradeço ainda a todos os professores do PPGSCA que ministraram suas cátedras durante o curso, cada um contribuiu imensamente para uma qualificação acadêmica mais profunda e consistente.

RESUMO

Este trabalho buscou verificar a forma pela qual vai sendo construída a identidade do povo de Tabatinga – AM, assinalando os processos socioculturais vivenciados no contexto fronteiriço de uma cidade de trânsito. A compreensão do processo de construção identitária do povo tabatinguense, a pesquisa foi norteadada a partir dos aportes teóricos da Antropologia, Sociologia, Filosofia, Arte e Sociolinguística. Partindo da premissa da análise da construção identitária do povo de Tabatinga, nossa pesquisa teve o viés qualitativo, sem descartar os itens quantitativos que se façam necessários à compreensão dos dados obtidos, posto que são complementares para o trabalho no campo das ciências sociais (MINAYO, 1996); (GOLDENBERG, 2015), bem como a entrevista profunda (Bourdieu, 2007). A integração da pesquisa quantitativa e qualitativa permitiu que se fizesse um cruzamento das conclusões de modo a ter maior confiança de que os dados não sejam produto de um procedimento específico ou de alguma situação particular. Dessa maneira, é sob estes aspectos metodológicos, que desenvolvemos nossa investigação buscando construir, o mais próximo possível, um quadro interpretativo da realidade em que se insere nosso objeto de estudo, a construção identitária do povo tabatinguense.

Palavras-chave: Processos socioculturais – fronteira – identidade – Tabatinga/AM

ABSTRACT

This work sought to verify the way in which the identity of the people of Tabatinga – AM is being constructed, highlighting the sociocultural processes experienced in the border context of a transit city. To understand the process of identity construction of the people of Tabatingu, the research was guided by theoretical contributions from Anthropology, Sociology, Philosophy, Art and Sociolinguistics. Starting from the premise of analyzing the identity construction of the people of Tabatinga, our research had a qualitative bias, without discarding the quantitative items that are necessary to understand the data obtained, as they are complementary to work in the field of social sciences (MINAYO, 1996); (GOLDENBERG, 2015), as well as the in-depth interview (Bourdieu, 2007). The integration of quantitative and qualitative research allowed conclusions to be crossed in order to have greater confidence that the data are not the product of a specific procedure or any particular situation. Thus, it is under these methodological aspects that we develop our investigation, seeking to build, as closely as possible, an interpretative framework of the reality in which our object of study is inserted, the identity construction of the people of Tabatinga.

Keywords: Sociocultural processes – border – identity – Tabatinga/AM

RESUMEN

Este trabajo buscó verificar la forma en que se está construyendo la identidad del pueblo de Tabatinga - AM, señalando los procesos socioculturales vividos en el contexto fronterizo de una ciudad de tránsito. Comprendiendo el proceso de construcción identitaria del pueblo Tabatinguense, la investigación se orientó por aportes teóricos de la Antropología, Sociología, Filosofía, Arte y Sociolingüística. Partiendo de la premisa del análisis de la construcción identitaria del pueblo de Tabatinga, nuestra investigación tendrá un sesgo cualitativo, sin descartar los ítems cuantitativos que son necesarios para comprender los datos obtenidos, una vez que son complementarios al trabajo en el campo de las ciencias sociales (MINAYO, 1996); (GOLDENBERG, 2015), así como la entrevista en profundidad (Bourdieu, 2007). La integración de la investigación cuantitativa y cualitativa nos permitió cruzar conclusiones para tener mayor confianza en que los datos no son producto de un procedimiento específico o de una situación particular. De esta forma, fue bajo estos aspectos metodológicos que desarrollamos nuestra investigación buscando construir, lo más cercano posible, un marco interpretativo de la realidad en la que se inserta nuestro objeto de estudio, la construcción identitaria del pueblo tabatinguense.

Palabras clave: Procesos socioculturales – frontera – identidad – Tabatinga/AM

LISTA DE FIGURAS

Figura 2. Mapa da Faixa Fronteiriça brasileira	19
Figura 3 - Mapa de Tabatinga - Distância fluvial e aérea à capital Manaus/ Fronteira Brasil - Colômbia	20
Figura 4 - Monumento ao Forte São Francisco Xavier de Tabatinga	23
Figura 1 Projeto Calha Norte	40
Figura 5 - Mapa das cidades - gêmeas brasileiras	51
Figura 6 - Mapa das tríplexes fronteiras do Brasil	55
Figura 7- Feira Ticuna na comunidade Umariáçu II	79
Figura 8 - Placa da Feira Ticuna na comunidade Umariáçu II	79
Figura 9 - Feira Ticuna - localizada na Avenida da Amizade	80
Figura 10 - Mapeamento de especialidades dos restaurantes em Tabatinga - AM	88
Figura 11 - Tipos de Ceviches	89
Figura 12 - Carne assada de panela	90
Figura 13 - Restaurante São Jorge – comida típica peruana.	91
Figura 14 - Bebidas Restaurante São Jorge	92
Figura 15 - Restaurante Piracema	93
Figura 16 - Fachada do Restaurante Piracema	93
Figura 17 - Restaurante Asadero Cali Pollos – comida colombiana	93
Figura 18 - Venda de churrasco próximo ao Mercado Municipal de Tabatinga - AM	94
Figura 19 - Venda de peixe assado	95
Figura 20 - Djuena Tikuna - cantora indígena tabatinguense – Etnia Tikuna	102
Figura 21 Banner Festival de Música da Rádio Nacional Alto Solimões 2021	103
Figura 22 - Banner Divulgação do VII Festisol - 2022	104
Figura 23 - Festival de Quadrilhas Vovó Alaíde	105
Figura 24 - Fronteira Brasil/Colômbia	114

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	17
CULTURAS HIBRIDIZADAS NO PROCESSO DE RECOLONIZAÇÃO OCIDENTAL.....	17
1.1 Apresentando o campo da pesquisa.....	17
1.2 O contemporâneo e os processos de culturas hibridizadas.....	27
1.3 As relações de poder e a geopolítica em Tabatinga.....	37
CAPÍTULO II.....	48
AS FRONTEIRAS SIMBÓLICAS EM MOVIMENTO	48
2.1 As fronteiras linguísticas em movimento	48
2.2 As fronteiras das alteridades.....	59
2.3 As fronteiras de fricção interétnica	69
CAPÍTULO III	82
CULTURAS BIFURCADAS NA CIDADE DE TABATINGA.....	82
3.1 A gastronomia como expressão de processos hibridizados.....	82
3.2 Ritmos musicais do povo tabatinguense	96
3.3 O bilinguismo como processo de bem viver	106
REFERÊNCIAS	118

INTRODUÇÃO

Numa perspectiva interdisciplinar sobre a construção identitária do povo tabatinguense na tríplice fronteira, apresentamos uma discussão sob os vieses da Sociolinguística, da Sociologia, da Antropologia Social e da História. Com o intuito de verificar a forma pela qual vai sendo construída a identidade do povo de Tabatinga – AM, assinalando os processos socioculturais vivenciados no contexto fronteiriço de uma cidade de trânsito.

A temática teve especial dedicação e interesse por ter relação direta com minhas próprias indagações acerca do ser e estar numa comunidade amazônica fronteiriça. Considerando meus questionamentos iniciais, chegamos à construção deste trabalho sobre a vivência num espaço do interior amazônico que possui características ímpares e em constante movimento.

Como linguista, a Sociolinguística e os fenômenos linguísticos característicos da fronteira sempre tiveram especial destaque nos trabalhos desenvolvidos ao longo dos anos de pesquisa neste contexto sociolinguístico. Neste momento, abrimos espaço não apenas para a língua em seu caráter social, mas também ao protagonismo dos sujeitos que dão vida às falas e discursos que conformam o cenário sociocultural na tríplice fronteira.

Por fim, são apresentadas as considerações iniciais acerca do trabalho em construção, as quais buscam traçar um norteamento em direção aos próximos passos que deveremos tomar para que haja uma contribuição relevante para a análise da construção identitária tabatinguense.

Este estudo assume o propósito de problematizar os processos identitários dos habitantes de Tabatinga, município do Amazonas, que está localizado na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru. Busca-se estabelecer um diálogo interdisciplinar entre a Antropologia, Filosofia e Sociolinguística, em torno do tema da identidade do povo tabatinguense, mostrando os seus aspectos híbridos e flutuantes. As festas folclóricas também têm referências de outros lugares: Festisol (festival de tribos do Alto Solimões, uma assimilação do Boi Bumbá de Parintins, em que a personagem principal, é a onça, em vez do boi) como representação da referência indígena, festa junina (com danças folclóricas que remetem ao Nordeste – como no caso das quadrilhas), representado os ancestrais seringueiros. Linguisticamente, o sotaque do tabatinguense mostra-se diferenciado, em relação a outras

localidades amazônicas, possivelmente devido à presença de línguas diversas, indígenas e não indígenas. O diferencial na fala, se dá pelo fato de falar o português como língua adicional ou é bilíngue em algum grau em relação à língua espanhola de um dos países vizinhos. De acordo com Calvet (2002, p.34), “quando um indivíduo se confronta com duas línguas que utiliza vez ou outra, pode ocorrer que elas se misturem em seu discurso e que ele produza enunciados ‘bilíngues’.”

A formação do povo brasileiro comporta elementos múltiplos e diversificados em termos culturais e interculturais conferindo ao povo identidades multifacetadas. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, que abrange fronteiras com diversos países, a constituição identitária é multidimensional, tendo em vista a mistura de povos, raças, culturas, línguas. A multiculturalidade e o plurilinguismo são representações de nosso país, pois como sugere Bosi (1987, p.7), “[...] não existe uma cultura brasileira homogênea, matriz dos nossos comportamentos e dos nossos discursos.” Ao contrário disso, o autor nos fala que é necessário admitir que há um “caráter plural” e ao admitirmos, compreendemos que há um “efeito de sentido”, o qual decorre das interações multifacetadas e oposições oriundas do tempo e do espaço.

Nesse contexto plural da identidade do povo brasileiro se destaca a cidade de Tabatinga pelo fato de absorver diversos aspectos do multiculturalismo e plurilinguismo. Entre indígenas, não indígenas, estrangeiros, a cidade se constrói como esse espaço diferenciado no interior do Amazonas, de forma multicultural e sociolinguístico. De acordo com Santos (2008, p. 28), “as diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares.”

O cenário peculiar tabatinguense, possui grande potencialidade de análise e reflexão, tal qual assinala Berman (2007, p. 138), mostrando “que a vida moderna possui uma beleza peculiar e autêntica, a qual, no entanto, é inseparável de sua miséria e ansiedade intrínsecas.” Observar, analisar e descrever a cidade e sua gente em sua construção identitária exige que tenhamos uma percepção do lugar como um espaço do pensamento social da Amazônia. É necessário compreendermos a região amazônica a partir das pequenas cidades, pois, como afirma Oliveira (2914b, p. 29), “significa compreender a vida das pessoas simples, de onde brotam dimensões de espacialidades que quase sempre são desconsideradas, pois estão eivadas por coisas simples, transmutadas numa sensação de obviedade, pela frequência do estar sempre por aí.”

Estamos diante de um tema que se constrói por meio das culturas que transitam pelo lugar e que se entrelaçam com a cultura do próprio lugar, do povo local com o qual estabelecem relações de sociabilidade. Conforme Bosi (1987, p. 8), “os ritmos das culturas no Brasil são diversos.” E esse ritmo e diversidade culturais não podem e nem devem ser desconsiderados nos estudos culturais.

À medida em que nos inserimos neste contexto fronteiriço, percebemos que é necessária uma percepção diferenciada para compreender a cultura nesta região. A partir do pós-modernismo, identificamos o quanto é necessário compreender que a cultura se apresenta como um projeto em constante transformação, paradoxal, hibridizada (CANCLINI, 2019; HALL, 2003), especialmente se acrescida da dinamicidade e cosmopolitismo próprios da cidade de Tabatinga.

O tema identidade tem passado por ressignificação no tempo contemporâneo, sendo, pois, visto como constructos sociais. Santos (1994, p. 31) chama a atenção para o fato de que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.” Frutos de uma constante negociação, o autor conclui que identidades são “identificações em curso” (SANTOS, p. 31). Note-se que a construção identitária do povo tabatinguense mostra-se atual e instigante, preta de significados materiais e simbólicos que podem contribuir para que esse povo saiba definir-se quem é, no tempo e no espaço.

A construção identitária de um povo engendra processos socioculturais vividos de forma complexa e contraditória no curso da formação social desse próprio povo. Trata-se de constructos sociais que vão sendo construídos no seio da sociedade com idas e vindas, num processo dinâmico de movimentação. Conforme Hall (2003, p. 13), “a identidade torna-se uma 'celebração móvel': formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente.”

O uso da linguagem nas interações sociais possui mecanismos peculiares determinados pelos indivíduos durante o uso da língua. De acordo com Labov (1994, p. 27), “cada indivíduo cria o sistema para seu comportamento verbal de forma que ele possa se parecer com aqueles do grupo ou grupos com o (s) qual (quais) (...) possa querer se identificar.” Tais mecanismos guardam relação com a) sua identificação com os grupos; b) oportunidade para observar e analisar seus sistemas comportamentais; c) verificar se sua

motivação é forte o bastante para levá-lo a determinada escolha e para um comportamento adaptado e de acordo; e d) ser capaz de adaptar seu comportamento. (LABOV, 1994, p. 27).

Os processos identitários assentam-se numa historicidade de mão dupla, tanto por parte dos *modus vivendi* de um povo, quanto por parte do Estado brasileiro no campo da geopolítica. Trata-se de mecanismos de poder utilizados pelos sujeitos de forma arbitrária e autoritária que interferem na vida da coletividade. As relações de poder, não obstante, não se dão somente pela via do poder institucional, estatal, pois, como afirma Foucault (2006, p. 276), “para que se exerça uma relação de poder, é preciso que haja sempre dos dois lados, pelo menos uma certa forma de liberdade.” Ou seja, a construção identitária não se dá só por meio da dominação, mas também por meio de mecanismos pré-estabelecidos que orientam, consciente ou subconscientemente, os sujeitos em seus aspectos pessoais e no âmbito da coletividade.

O interesse por este tema tem origem na minha própria condição de pertencimento com a cidade de Tabatinga. Nascida, criada e moradora do lugar há 43 anos, professora, linguista e pesquisadora de minha região.

Este estudo se justifica não só em virtude de poder contribuir para com as ciências, especialmente a Antropologia Social e a Sociolinguística, mas sobretudo, porque poderá se constituir num importante documento – diagnóstico para ser utilizado nas escolas, e assim, fortalecer o debate sobre a identidade multifacetada do povo tabatinguense.

Esta pesquisa assume o aporte das abordagens qualitativas sem exclusão dos aspectos quantitativos, sob a inspiração da perspectiva rizomática e dialógica, instruída por Morin (2007). O aporte teórico assenta-se em autores como Hall (2006); Said (2007); Bhabha (1990); Labov (1994); Lefebvre (2008); Oliveira (2014b); Martins (2009); Maffesoli (1998); Santos (1994); Canclini (1990), dentre outros.

Esta pesquisa foi realizada na cidade de Tabatinga, município do Amazonas, com área de 3,239,3 Km² distante a 1.105 Km da capital Manaus, por via aérea e 1.607 Km por via fluvial. Tabatinga foi emancipada em 1981 e possui uma população estimada em torno de 68.502 habitantes (IBGE, 2021). O município está formado por cerca de 15 bairros sem sua sede urbana. Destes, destaca-se o bairro em área indígena, denominado Umariçu e está subdividido em I e II. Os bairros São Francisco, Santa Rosa e Xingu são periféricos e por quase toda sua extensão fazem divisa com o vizinho país, Colômbia.

O município teve sua criação a partir de um forte militar, o Forte São Francisco de Xavier de Tabatinga e por esta razão, toda a geopolítica regional definiu-se em razão das

decisões de cunho militar que foram sendo tomadas ao longo dos anos de sua criação e fundação. Mesmo após a emancipação política, por tratar-se de uma região de tríplice fronteira, as forças militares continuaram à frente das decisões estratégicas desta cidade.

A pesquisa comportou uma amostra de 15 (quinze) pessoas nativas e não nativas da cidade de Tabatinga - AM, sendo 01 (um) representantes de classes, sendo 01(um) escritor, 01(um) morador antigo, um intelectual, 01 (um) nativo colombiano residente da fronteira e 01 (um) nativo peruano residente, buscando-se compreender a visão desses sujeitos sobre a construção identitária neste município.

Os sujeitos (10) foram abordados a partir do questionário semiaberto virtual, onde fizemos indagações acerca de sua visão sobre as características da cidade. Foram ouvidos os demais sujeitos (cinco) por meio da entrevista profunda, inspirada em Bourdieu (2007) e Gondim (2003), sendo 01(um) escritor, 01(um) morador antigo, 01 (um) intelectual, 01 (um) nativo colombiano residente na fronteira e 01 (um) nativo peruano residente, buscando-se compreender a visão desses sujeitos sobre a construção identitária neste município.

Todas as técnicas que foram utilizadas buscaram atender às especificidades do trabalho desenvolvido, bem como atender à forma mais adequada de trabalhar com cada entrevistado visando o atual cenário pandêmico no qual ainda nos encontramos. Cabe ressaltar que a proposta inicial, que estaria composta de muito mais pessoas na amostra, teve que ser substituída por uma mais exequível e adequada ao contexto que, infelizmente, tivemos que nos acomodar, dada a pandemia e ao tempo de conclusão do doutoramento. Outros problemas de ordem de saúde física e mental também vieram a comprometer a programação inicial deste trabalho, outrossim, o resultado apresentado condiz com o rigor acadêmico necessário.

Nosso trabalho propõe 03 (três) capítulos organizados da seguinte maneira: no primeiro capítulo, realizamos uma abordagem histórica sobre o processo de recolonização ocidental e as culturas hibridizadas a partir deste cenário, apresentando a cidade de Tabatinga com seus processos hibridizados, bem como nosso campo de pesquisa em três seções que norteiam o leitor para que se inteire de toda a dinâmica referente aos processos socioculturais decorrentes da história, cultura e geopolítica local.

No segundo capítulo intitulado As fronteiras simbólicas em movimento, traçamos um panorama das interrelações sociais e processos socioculturais que se estabelecem nesta região fronteiriça. Conceitos como fronteira, alteridade e fricção interétnica são abordados e caracterizados a partir das falas de nossos entrevistados, distribuídas em três seções: 1. As

fronteiras linguísticas em movimento; 2. As fronteiras das alteridades; e 3. As fronteiras de fricção interétnica.

Já no terceiro capítulo apresentamos os diversos aspectos da cultura tabatinguense, por meio da abordagem de sua gastronomia, ritmos e arte, literatura e bilinguismo. Em destaque as particularidades indígenas, não indígenas, peruanas, colombianas da tríplice fronteira a partir de seus bens culturais.

CAPÍTULO I

CULTURAS HIBRIDIZADAS NO PROCESSO DE RECOLONIZAÇÃO OCIDENTAL

Se é verdade que a ficção pode superar a realidade, podemos afirmar que a “realidade” da Amazônia contém em si uma boa dose de ficção que a assemelha à trama dos melhores romances.

Márcio Souza

Neste capítulo iremos apresentar o campo de pesquisa, a cidade de Tabatinga e seus paradigmas socioculturais dada a recolonização ocidental e a convivência com culturas hibridizadas na região de tríplice fronteira. A percepção da dinâmica local em razão de suas facetas históricas e geopolíticas nos ajudam a compreender a realidade dos sujeitos e traz maior clareza na reflexão sobre os dados obtidos na pesquisa de campo.

1.1 Apresentando o campo da pesquisa

Analisar a construção identitária de uma cidade, exige um mergulho profundo na sua historicidade, por meio da fala de suas personagens, seu povo. Supõe, também, o distanciamento necessário do pesquisador, bem como uma postura adequada de entrada no campo.

Bachelard (1996, p.13) lembra que “o amor pela ciência deve ser um dinamismo” que se vê refletido na entrega que se realiza durante o fazer científico em sua diversidade de possibilidades. A escolha dos sujeitos, do campo de pesquisa, dos instrumentos a serem utilizados na pesquisa, tudo está diretamente ligado ao êxito do trabalho científico em desenvolvimento. Por este motivo, Bourdieu (2012, p. 27) destaca que “não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro: é um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco.”

No trabalho antropológico “tanto o ouvir como o olhar não podem ser tomados como faculdades totalmente independentes no exercício da investigação” (OLIVEIRA, 2000, p. 21). Ambos são complementares e permitem ao pesquisador apoiar-se para evitar que se disperse no caminho da pesquisa de campo.

O desenvolvimento do fazer antropológico suscita a “descrição densa, como tentar ler no sentido de construir uma leitura de um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos” (GEERTZ, 2008, p. 20). Recomenda-se a disciplina, atenção, foco no ato de olhar, ouvir e escrever para que a aproximação do pesquisador com o real seja a maior possível (OLIVEIRA, 2000).

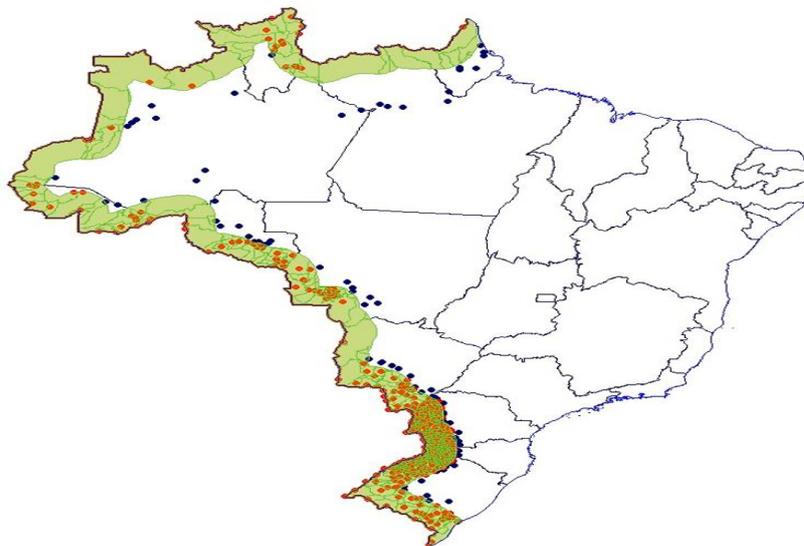
Nosso campo de pesquisa é concentrado na sede urbana do município de Tabatinga. A cidade possui cerca de 63.635 habitantes (IBGE, 2017), num cenário formado por brasileiros (indígenas e não indígenas), colombianos e peruanos, que convivem num contexto sociocultural diferenciado. Nesta harmônica interrelação, o jogo de poder se estabelece de forma discreta, oblíqua, em que cada qual faz a sua parte, tem o seu papel e todos convivem de forma amigável.

Para Gomes (2000, p. 322), “a paisagem, a região e os lugares, a despeito de suas características físicas, apreendidas imediatamente, são, de fato, estruturados por uma rede simbólica complexa.” Essa complexa rede está composta por “valores, representações, imagens espaciais vividas e, para ser percebida, demanda um trabalho de interpretação aprofundado” (GOMES, 2000, p. 322). A postura e zelo do pesquisador contribuem para que a imersão possa ocorrer de forma adequada.

O município de Tabatinga¹, no Amazonas, faz parte da extensa faixa de fronteira que liga o Brasil aos demais países da América do Sul (Figura 1). A faixa fronteira brasileira corresponde a 150 km da linha divisória que faz fronteira político - administrativa com países da América do Sul, paralela à linha divisória terrestre do território nacional, definida pela lei nº 6.634, de 2 de maio de 1979 e regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980, é uma área juridicamente diferenciada, regida por regulamentos especiais (IPEA, 2017; 2018).

¹ Segundo o IPEA (2017), essa faixa de fronteira oeste é subdividida em arcos: Norte, Central e Sul. Tabatinga está localizada no Arco Norte. Dentro do Arco Norte, o município está resguardado, por sua condição de área de fronteira, por ações do Ministério da Defesa, por meio da Marinha, da Aeronáutica e Exército Brasileiro, entre outros órgãos (IPEA, 2018).

Figura 1. Mapa da Faixa Fronteiriça brasileira



Fonte: **IBGE, 2019.**

Tabatinga encontra-se inserida numa tríplice fronteira num regime de arranjo transfronteiriço (IPEA, 2018). Essa nomenclatura refere-se ao fato de que a cidade faz parte de um contexto onde se interliga com cidades de outros dois países, em um deles de forma conurbada² (Letícia na Colômbia, cidade gêmea) e pelo outro, por meio fluvial, onde também se confundem os limites nacionais de ambos os países (Ilha de Santa Rosa no Peru). Encontra-se localizada na via fluvial, a cerca de 5 minutos de barco. Segundo Nogueira (2007a, p. 168): “Como as cidades estão na mesma margem do Rio Solimões, quem chega de barco não consegue definir onde começa uma ou outra” (Figura 3).

² Conurbada ocorre quando a “fronteira não é física (montanha, rio), mas uma linha imaginária, geralmente traçada por uma rua. A linha que as divide, mesmo que seja politicamente bem demarcada, é móvel e borrada pela movimentação de bens e pessoas.” Ver: NETO, W.A.D.; PENHA, B. As regiões de Fronteira como laboratório da integração regional no Mercosul. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8742/1/As%20Regi%C3%B5es%20de%20fronteira.pdf>. Consultado em 24.02.2022.

Figura 2 - Mapa de Tabatinga - Distância fluvial e aérea à capital Manaus/ Fronteira Brasil - Colômbia



Autor: Emerson Flávio Euzébio, 2014³.

Essa situação diferenciada de tríplice fronteira, dá à cidade de Tabatinga perspectivas diferenciadas em relação à cultura. Para Gonçalves (2011, p. 1), “tanto a identidade quanto a alteridade encontram-se presentes na estrutura do espaço fronteiriço, e é por meio de ambos que os sujeitos constroem sua cultura, seus costumes e formas de vida [...], configurando as relações sociais perceptíveis na fronteira.”

Tabatinga respira processos sociais hibridizados refletidos em uma complexa teia de relações socioculturais. Nesta pluralidade de línguas, culturas e de intensos deslocamentos, as relações de poder se emolduram de forma igualmente diferenciada: De acordo com Foucault (2008, p. 4), “[...] o poder é um conjunto de mecanismos e de procedimentos que têm como papel ou função e tema manter – mesmo que não o consigam – justamente o poder”.

Ao mesmo tempo que é fronteira, Tabatinga é Amazônia, é cidade ribeirinha, do interior do Amazonas. Por alguns é vista como a Princesinha do Alto Solimões⁴. Mas, sem dúvida, a grandeza de Tabatinga está nas pessoas deste lugar. Suas histórias, suas culturas, sua

³ Emerson Flávio Euzébio, «A fluidez territorial na fronteira ocidental da Amazônia: as cidades gêmeas Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)», *Confins* [Online], 21 | 2014, posto online no dia 21 agosto 2014, consultado em 21 janeiro de 2022. URL: <http://journals.openedition.org/confins/9659>

⁴ Também recebe o nome de Princesinha do Alto Solimões, ainda não sabemos precisar a origem.

identidade. A cidade nasceu a partir de diversos processos sociais que a permearam de forma multifacetada afetando a construção identitária de sua gente. Pode-se dizer que o município foi cenário de alguns processos sociais⁵ que até hoje impactam sua história, sua cultura, sua identidade.

Para Silva (1997, p. 99), “a Amazônia é sempre uma oportunidade para testar e avaliar as relações de força entre a cultura e a natureza, entre a divisão internacional das agendas científicas e o diletantismo da curiosidade do pesquisador.” O contato fronteiriço produz relações complexas e diferenças entre os povos destas nações. Deste processo simbiótico nascem as relações hibridizadas da trílice fronteira Tabatinga – Letícia – Santa Rosa (Brasil, Colômbia e Peru).

Na região do Alto Solimões, os indígenas são vistos como seus primeiros habitantes, mas posteriormente, eles foram deslocados de seus territórios. Conforme destaca Ferrarini (2013, p.25), “no Alto Solimões, ao tempo da chegada dos europeus, os nativos já viviam certo grau de organização sociopolítica, pois se dizia, por exemplo, que a aldeia de Aparia era governada por um senhor[...] das proximidades de Letícia e Tabatinga”. Foi, pois, após a fundação do Forte do Presépio (Belém) “que se acentuou o martírio para os povos da Amazônia” (FERRARINI, 2013, p. 25).

O processo de militarização está relacionado com o estabelecimento das fronteiras na região amazônica pelo Estado brasileiro. Desde 1500, relata-se a existência de um imenso mar de água doce do outro lado do Oceano Atlântico (HUERTAS, 2007); (EUZÉBIO, 2011). Não obstante, apenas em 1542, o navegador Francisco de Orellana, que servia ao rei de Castela, completa a primeira navegação pelo rio Amazonas até o Oceano Atlântico. O território percorrido pelo explorador, hoje a Amazônia, teve sua posse atribuída à Espanha.

Sob o controle da União Ibérica, que foi constituída no período de 1580 a 1640, em que Portugal e Espanha, juntas, conformaram o maior império territorial já existente, sob a ordem da Coroa Espanhola, estabeleceu-se o controle e bloqueio à navegação estrangeira na entrada do rio Amazonas e o controle de acesso à toda a região amazônica. (REZENDE, 2006); (EUZÉBIO, 2011). Sob o comando da Coroa Portuguesa, estava Pedro Teixeira, que comandou expedições que desmobilizaram ingleses e posteriormente, holandeses, preservando-se o controle da entrada do rio Amazonas a ambas as coroas Espanhola e Portuguesa. A situação complexa das fronteiras amazônicas segue-se até 1750, com a

⁵ Podemos elencar os processos sociais indígenas, da Igreja e missões religiosas, militares, o período da borracha e o de fronteira como os principais ocorridos na região.

assinatura do Tratado de Madri, antes disso, após o término da União Ibérica, o Brasil passou a estar sob o domínio da Coroa Portuguesa. Contudo, a Amazônia, pertencia à Espanha, graças ao Tratado de Tordesilhas.

A história da cidade de Tabatinga se confunde com a da cidade vizinha Benjamin Constant, isto porque sua área pertencia àquele município (subdistrito) e antes deste, em 1891, ao município de São Paulo de Olivença (até 1898, quando Benjamin Constant desmembrou-se deste e constituiu-se em distrito). “Tabatinga, lugar próximo de São José do Javari, à margem esquerda do Solimões, numa pequena elevação de terra, oferecia excelentes condições para os dois fins, isto é, posto militar e fiscal”⁶ (IBGE, 2020).

Pelo fato de a região de São José do Javari, ser ocupada pelo posto fiscal do destacamento militar e não atender às necessidades pretendidas, foi preciso transferi-lo para a margem esquerda do rio Solimões, a partir de 1766, quando o Sargento-Mor Domingos Franco, fundaria o povoado de São Francisco Xavier de Tabatinga. O responsável pelo estabelecimento do posto militar na região foi Fernando da Costa Ataíde Teives, o qual nesse espaço de tempo formou também um posto de guarda de fronteiras entre os domínios do Reino de Portugal e da Espanha, além de outros postos militares. Em 28 de junho de 1866 fixou-se o marco de limites entre Brasil e Peru perto da povoação recém fundada. “Tabatinga era, então, como ainda o é, ponto avançado nas fronteiras do Brasil com o Peru (ATAÍDE, 2020).

Com a fundação do Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga, em 1766, a Coroa Portuguesa pretendia coibir o avanço das tropas espanholas na Amazônia brasileira. Conforme Virga (2017, p. 10), “a localização da cidade já indicara uma posição estratégico-militar, visto que se tratava do lugar mais estreito do rio Solimões, propício para instalações de artilharia contra embarcações inimigas.”.

No entanto, tal instalação, bem como os povoados que surgiram ao redor deste, deixaram de existir, tendo sido “derrotado pela erosão”. Em 10 de julho de 1889, o príncipe Gastão d’Orleans e Bragança, em visita ao local, encontra o forte em ruínas. De acordo com Steiman (2002, p. 38), “foram necessários 11 anos para reconstruir o pequeno forte e voltar a ocupa-lo, mas em 1932 ele é novamente destruído por uma grande cheia e desta vez de forma definitiva.”.

⁶ IBGE, 2020: Os dados sobre Tabatinga foram retirados dos municípios Tabatinga e Benjamin Constant.

A figura 1 apresenta o monumento do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga, o qual foi erguido pelo Exército em 2000, próximo ao local onde estaria o antigo forte submerso.

Figura 3 - Monumento ao Forte São Francisco Xavier de Tabatinga



Fonte: Lia Machado, 2000⁷

Botía (2019) dá conta de que o pacto entre o Brasil e o Peru republicano, ajustou um acordo de navegação e limites para controle conjunto do acesso e do direito à navegação fluvial, excluindo a participação de seus concorrentes da Amazônia Andina. Conforme este autor:

[...] El comienzo del despertar se presentó a mediados del siglo XIX cuando el Brasil Imperial, después de haber abandonado el tutelaje colonial portugués decidió en 1851 – en un pacto con el Perú republicano -, protocolizar un acuerdo de navegación fluvial, así como el comercio em el río Amazonas y sus principales tributarios, con exclusión de los demás concurrentes andino-amazónicos⁸ (BOTÍA, 2019, p. 27).

Apesar de o Tratado Lozano – Salomón, ser datado de 1922, ratificado em 17 de agosto de 1927 por parte do Congresso Peruano, ele só foi efetivado pela nação colombiana em 1930. Após sucessivas demonstrações de má administração, organização e falta de estratégias políticas e militares foram destituídas da posse territorial do Trapézio Amazônico e

⁷ MACHADO, L.O. e STEIMAN, R. Relatório de Trabalho de Campo na Zona de Fronteira Norte. RJ, 2000. mimeo.

⁸ O começo do despertar se apresentou a meado do século XIX quando o Brasil Imperial, depois de ter abandonado a tutela da colônia portuguesa, decidiu em 1951 – em um pacto com o Peru republicano -, protocolar um acordo de navegação e limites para controlar de forma conjunta o acesso e o direito à navegação fluvial, assim como o comércio no rio Amazonas e seus principais afluentes, com a exclusão dos demais concorrentes andinos amazônicos. Tradução livre.

Putumayo, sendo expulsos pelo Governo peruano em 1932, refugiando-se na cidade de Tabatinga. Entre 15 de fevereiro e 25 de maio ocorre o conflito armado propriamente dito. Tal situação durou cerca de dois anos, tempo em que as forças militares colombianas tentavam restituir a posse da terra. Ao final deste período, ocorreu o acordo de “cessar fogo”. De acordo com Botía (2019, p. 90),

La devolución del Trapecio Amazónico a Colombia se verificó poco tiempo después de que se conformó una comisión de dicho organismo internacional que se estableció en Leticia, más exactamente em la hacienda La Victoria, em el mes de julio de ese mismo año, con el objetivo de administrar el Trapecio en nombre de Colombia y transferir su control en el lapso de un año, como en efecto ocurrió.

A cidade vizinha de Letícia, originariamente denominada Puerto San Antonio⁹, torna-se município somente em 1963, sendo logo no início, povoada por peruanos oriundos de Loreto – PE, embora já sob o domínio do Governo Colombiano (STEIMAN, 2002, p. 63).

Em 1964, os militares ascendem ao poder, trazendo importantes medidas sociais para a Amazônia. “A integração física da hileia ao restante do país foi a ideia dominante como resposta geopolítica à cobiça internacional.” (EUZÉBIO, 2011, p. 64). Com o lema “Integrar para não entregar¹⁰”, o regime militar expunha seus objetivos indissolúveis de integração e ocupação. (RIBEIRO, 2006). Tabatinga emancipa-se em 10 de dezembro de 1981 por meio da Emenda Constitucional do Amazonas nº 12, mas apenas em 1º de fevereiro de 1983 ocorreu a instalação do município no Clube Independente Tropical.

Castro (2012, p. 58-59), chama a atenção para o fato de que “experiências sociais e do campo de trocas, materiais e simbólicas marcam as relações e conformam a vida social e as relações com a natureza nessas regiões.” Em regiões fronteiriças, há movimentos migratórios de diferentes ordens e intensidade, impactando, de alguma maneira, a forma de interação nesses espaços. Conforme este autor, “a fronteira é um espaço complexo, com muitos atores sociais, étnicos e agentes econômicos, redes de comércio, migrantes que chegam com

⁹ Em 23 de agosto do mesmo ano (1867), chega ao novo local para verificar o melhor para construção da fortaleza, o engenheiro Manuel Charón que propõe à Comissão Hidrográfica que se encontrava no porto, para que se trocasse o nome de Porto Santo Antônio para ‘Letícia’, proposta aceita pela comissão que comunicou ao comando Geral da troca do nome, sugestão que mereceu a indignação do Comando, pois Letícia historicamente nada representava ao Peru. [...] O nome de Letícia prevaleceu historicamente por imposição de Don Charon, cunho nome era de uma bela jovem que tinha chegado por aquela época. [...] Charon ficou perdidamente apaixonado [...] trocou o nome da pequena cidade que começava a nascer por ‘Letícia’, sentimento amoroso que não foi correspondido (ATAÍDE, 2020).

¹⁰ “Integrar para não entregar”: frase histórica pronunciada pelo Presidente do Brasil à época, Costa e Silva. Foi tomada como lema do Projeto Rondon.

interesses diversos e veem aí um espaço também de oportunidades e de negócios (CASTRO, 2012, p. 58-59).

Na cosmopolita, embora interiorana cidade fronteira de Tabatinga, há um espaço complexo, onde os sujeitos e atores sociais e étnicos, além dos agentes econômicos tentam conciliar seus interesses para que possam viver em comunidade e constituir suas identidades. Numa cidade com uma intensidade de pessoas em trânsito, estão impregnados os diferentes traços culturais daqueles que por aqui passaram e continuam passando. Steiman (2000, p. 53), chama a atenção para o fato de que, “traços culturais característicos são típicos em áreas de fronteira de todas as partes do mundo pela interpenetração dos fluxos humanos. As inúmeras transações que se realizam em cidades de fronteira e sobretudo em cidades gêmeas acarreta uma intensa mobilidade da população.” A autora destaca que “tanto a mobilidade de curta duração [...], quanto a mobilidade de média ou longa duração[...] enriquece as cidades envolvidas com seus hábitos e costumes próprios, divulga a culinária de sua região original e cria grandes zonas de bilinguismo pela necessidade de comunicação (STEIMAN, 2000, p. 53).

Esses processos são complexos e diversificados e foram conformando a história deste lugar: indígenas, religiosos, militares, o período da borracha. Em todos esses processos é constante a presença de imigrantes das mais diversas partes do mundo e do país. A partir deste denso movimento migratório, forma-se um novo perfil do homem amazônico. Forma-se também um contexto migratório que dá origem ao povo e sua historicidade.

Quando se pergunta ao nativo de Tabatinga qual a sua origem, é algo difícil obtermos uma resposta concisa em face de tantos processos sociais inseridos na construção identitária deste povo. Avós são de uma região, pais de outro lugar, filhos fronteirços e sucessivamente. Quando algum agente externo chega a traçar teorias, atribuindo a origem a outro lugar, os moradores ficam indignados. Não conhecem a história do povo, da gente do lugar. Nossa história amazônica está transcrita a partir de todos esses processos que nos precederam. Torres (2005) nos mostra que o homem, a sociedade e a natureza possuem um dinamismo de pertença e afetividade. Para esta autora “inexiste o homem amazônico em si mesmo, como também parece inexato conceber a floresta e as culturas locais dissociadas das práticas sociais que engendram os estilos de vida neste espaço regionalizado.” Um dos informantes desta pesquisa revela o seguinte:

Eu considero Tabatinga como um município diferente de todos os municípios que eu já tive oportunidade de conhecer e talvez, né, diferente da maioria dos municípios. Primeiro porque a gente está numa área de tríplice

fronteira, onde existe uma diversidade cultural muito grande. (Jorge Barbosa, entrevista, 2022).

A afirmação de Jorge está centrada não apenas na questão geográfica, mas ganha destaque nos aspectos socioculturais implícitos na sua fala. Trata-se de aspecto humano de integração cultural entre os diferentes sujeitos desse lugar que formam “o conjunto de tradições, de estilo de vida, de formas de pensar, sentir e atuar de um povo” (PARAQUETT, 2001. p. 16).

Quando indagado qual razão de continuar morando na cidade de Tabatinga, Joel Santos expõe o seguinte:

Eu tô enraizado aqui. Eu gosto daqui. Aqui eu vi meus pais nos criar. Aqui meu pai e minha mãe trabalhavam 16 horas pra nos manter [...] aqui eu vejo o dia a dia dos meus pais. Esse lugar aqui (aponta referindo-se ao local do comércio onde trabalha) foi meu pai que deixou pra nós quando ele veio lá da beira do rio, ele comprou essa área aqui, não foi doado, foi comprado. (Joel, Entrevista, 2022).

Joel expõe sua condição de pertença ao lugar embasada no fato de ele ser um morador antigo do lugar, onde estabeleceu relações com pessoas que ainda vivem em Tabatinga e que também estabeleceram raízes com seus familiares. Um destaque na fala do entrevistado é sobre o fato de Tabatinga permanecer com ares de cidade pequena, embora seja considerada uma cidade de porte médio e esteja em constante crescimento populacional e urbano. Conforme Hall (2006, p. 89), as pessoas “carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. E prossegue narrando nos seguintes termos:

Eu poderia tá morando em Manaus, tenho uma filha em Curitiba. Curitiba é uma das cidades mais modernas do país, mas eu não tenho nada lá, eu não tenho identidade nenhuma, eu não conheço ninguém. Lá eu sou uma pessoa perdida no mundo. Aqui eu me encontro, eu me reencontro com os amigos. Hoje aqui, eu tomei café com dois amigos de infância, outro passou ali, deste tamaninho, e como é que vai, Manel? Aí chegou o Piabinha, que nós conhecemos os pais deles, então, a vida *pra* mim só faz sentido quando você se sente amparado, não é riqueza, pior coisa é o isolamento. (Joel, entrevista, 2022).

Observe-se que Joel concebe a cidade de fronteira, Tabatinga, como um lugar de pertencimento identitário. Sob este prisma, Oliveira (2005, p. 380), nos fala que a fronteira é um lugar diferenciado, onde “este ambiente plural transformou as fronteiras em territórios singulares. São singulares em relação ao território-nação e singulares entre si cada fronteira é uma fronteira”.

Martins (2009, p. 11) ressalta que a fronteira é “fronteira de muitas e diferentes coisas: fronteira da civilização, [...] fronteira espacial, fronteira de culturas e visões de mundo, fronteira de etnias, fronteira da história e da historicidade do homem.” A realidade fronteira de Tabatinga apresenta esse caráter acolhedor e aconchegante que confunde o rústico e o cosmopolita no mesmo cenário.

Veja que a situação da população inserida num contexto de fronteira, segundo Oliveira (2006, p. 103), possui “um grau de diversificação étnica que, somado à identidade natural ou conquistado do conjunto populacional de um e de outro lado da fronteira, cria uma situação sociocultural extremamente complexa”, tal qual ocorre no cenário tabatinguense.

Ianni (2001, p. 172), considera que “o mundo continua povoado de múltiplas e distintas formas culturais, línguas, religiões, tradições e visões do mundo, ao lado das mais diferentes formas de vida e trabalho.” Essa situação descrita pelo autor é presente na manifestação sociocultural dos indivíduos que interagem no município de Tabatinga. Lado a lado vemos a convivência de diferentes culturas sem, contudo, haver interposição umas às outras. Há, pois, uma vivência harmônica e pacífica entre as diferenças neste espaço da Amazônia profunda. Temos a percepção de que todos contribuem de alguma forma para a estruturação desse espaço fronteiro, numa simbiose cultural onde, implícita ou explicitamente, todos que passam e/ou permanecem se tornam parte do processo.

1.2 O contemporâneo e os processos de culturas hibridizadas

O contemporâneo é assimilado neste estudo como processos que têm o olhar voltado para a contemporaneidade. Significa reposicionar no contexto atual a percepção sobre as coisas da vida. Supõe ver os fenômenos com olhares atualizados dentro de sua época, compatível com o desenrolar dos processos históricos. De acordo com Agamben (2009, p.64), “contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o facho de trevas que provém do seu tempo.” O contemporâneo torna o olhar flexível, atualizado e reatualiza a percepção sobre as culturas, pois “nenhuma cultura é ilha [...]. Em outras palavras, todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos direto com tradições alternativas. A segregação só é uma possibilidade no curto prazo.” (BURKE, 2003, p.101-102). Said (1990, p. 16-17) nos fala

que “assim como o próprio Ocidente, o Oriente é uma ideia que tem uma história e uma tradição de pensamento imagística e vocabulário que lhe deram realidade e presença no e para o Ocidente.”

As culturas, como se vê, não estão segregadas ou distanciadas umas das outras. São produtos de processos hibridizados que se inter complementam e se interconectam. Existe, outrossim, relações de hegemonia que se estabelecem de forma hierarquizada no contexto das relações de poder. Conforme, Said (1990, p. 17), “a relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia.” Deve-se perceber que as relações socioculturais, políticas e econômicas, buscam manter o engendramento das hierarquias de poder às quais o colonizado *versus* colonizador está habituado. Tais relações nos levam a perceber que existem padrões e fatores que determinam ou direcionam o desempenho dos diferentes papéis nas relações de poder por parte de países, continentes e até mesmo na divisão do mundo em Ocidente e Oriente.

Para Said (1990, p.18), “não é uma fantasia avoadada da Europa sobre o Oriente, mas um corpo criado de teoria e prática em que houve, por muitas gerações, um considerável investimento material.” Isso ocorre porque por muitos anos a teoria criada sobre o Oriente vem se mantendo real, ensinada nas escolas, reproduzida pela mídia, de forma geral, reforçando cada vez mais a existência deste conjunto de conceitos. Também observamos, em Spivak (2010), um questionamento quanto à representação do sujeito do então Terceiro Mundo, quando a autora pergunta se o subalterno pode falar. De acordo com essa autora, “a produção intelectual ocidental é, de muitas maneiras, cúmplice dos interesses econômicos internacionais do Ocidente.” (SPIVAK, 2010, p. 20). Ou seja, paradoxalmente, se estabelece um jogo de poder buscando atender a interesses, muitas vezes implícitos, mas que têm relação com a política econômica que é desenvolvida.

Na América Latina, Quijano (2000, p. 44), destaca duas teorias que tiveram mais destaque em seu desenvolvimento sociopolítico, “teoria da modernização” estabelecida nos Estados Unidos e “teoria do imperialismo capitalista.” A teoria da modernização que passou a fazer parte do senso comum ainda vigente nos dias atuais, outorgou à cultura a condição de “sede e fonte das explicações acerca das diferenças entre os grupos humanos em relação ao ‘desenvolvimento’.” O imperialismo, por seu turno, tem relação com a “dependência externa” ou a ‘dependência estrutural’ que explica as diferenças entre ‘desenvolvidos’ e ‘subdesenvolvidos’.

O Brasil passou por um processo de recolonização. Uma recolonização do sistema de organização política sob os moldes de oligarquia dos coronéis de barranco; recolonização da economia na vertente do liberalismo que desmonta o sistema de proteção social, dentre outros. Gonçalves (2002, p. 188-189) afirma que, especialmente a partir de 1995, no governo de Fernando Henrique Cardoso, há uma crise sistêmica no Brasil, como “[...] a ocorrência simultânea de cinco processos: desestabilização macroeconômica; [...] desmonte do aparelho produtivo; [...] esgarçamento do tecido social; [...] deterioração política e institucional; [...] e perda de governança.

Um dos fatores mais nefastos e de deterioração das condições de existência do povo brasileiro é o encolhimento do Estado e a minimização de suas funções, como assinala Torres (2000), sobretudo após a abertura da economia em 1989. Para Soares (2003, p. 133), “as políticas de recolonização em curso no Brasil, denominadas de reforma do Estado não são uma necessidade absoluta imposta pela ‘globalização econômica’, caracterizada pelos apologistas do capital como uma ordem natural e eterna.”

O processo de recolonização reabilita uma memória de dor, mortes, agressão, genocídio indígena e todo tipo de violências praticadas contra os povos indígenas promovidas pela colonização portuguesa. Os povos indígenas foram massacrados, perderam suas terras, suas vidas. Os sobreviventes foram obrigados a abandonar suas crenças ancestrais, em nome da obrigatoriedade do batismo e de subserviência à Coroa Portuguesa, havendo, pois, um processo de resistência que leva muitas nações indígenas a construírem a estratégia de simulação dos vencidos. (TORRES, 2005).

No tempo contemporâneo a recolonização mata de fome brasileiros pobres, negros, indígenas, minorias sociais desprovidas de emprego, educação, saúde e outras políticas públicas. Há uma subserviência do país aos países de capitalismo avançado. Esta situação estabelece novas condições entre as relações socioculturais que são desenvolvidas na nação brasileira. Cada vez mais os papéis do colonizador x colonizado se reconfiguram na contemporaneidade, organizando novas estruturas sociais e culturais.

O conceito “pós-colonização” é associado a um processo de recomposição e reabilitação de ideias políticas, conceitos que se passaram em tempos idos. Quando nos referimos à pós-colonização, estamos nos referindo aos fatos que ocorreram ao término da colonização. Hall (2013), indaga sobre o significado do termo e o seu alcance na perspectiva da realidade dos fatos, principalmente quando se toma as personagens desta questão – o

colonizador e o colonizado. O autor reconhece que a pós-colonização sempre terá o veio binário pautado pelo ângulo da visão que tomamos¹¹.

Parece haver uma ruptura com as narrativas passadas e o surgimento de uma visão segundo a qual a colonização não é mais um simples processo de conquista de novos territórios pelas grandes potências mundiais. “Significa o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a ‘face mais evidente’, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia e, depois, ocidental, após 1492.” (HALL, 2013, p. 123).

Percebemos que a pós-colonização busca romper com a narrativa imposta pelos colonizadores, trazendo à reflexão todos os aspectos inerentes ao período de colonização e pós-colonização. Desenvolve um senso crítico mais apropriado para a realidade apontada e sentida nas ex-colônias. Para Robinson (1997, p. 121), a pós-colonização é: “um estado de cultura ou de estudos culturais, emergente do colonialismo e seus efeitos, preocupado com problemas de identidade de grupos conforme reproduzidos na linguagem.” Conforme este autor, é “aberto à diversidade de todos os tipos e com restrições a soluções simplistas para problemas complexos [...]. Isto é, reconhece-se que é a complexidade inerente às relações socioculturais” (ROBINSON, 1997, p. 121). Começamos a compreender que não se trata mais de impor ou dispor de uma cultura ou aspecto cultural em detrimento de outro, mas sim, perceber os processos para apreender destes e conceber culturas hibridizadas.

Um dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa, Joel Santos (73 anos), morador da cidade de Tabatinga se refere à formação do espaço urbano geográfico e social no município nos seguintes termos:

Com a abertura da estrada, aí foi doado muitos terrenos, aí os comerciantes se distribuíram, tudo isso foi doado pela Colônia Militar de Tabatinga. Esses aí, esses estabelecimentos todos aí foram construídos, aí veio o crescimento de Tabatinga. Aí misturou tudo, entendeu? Misturou tudo. Os daqui mesmo? Não. Você vai na Mallet¹² e pergunta: - O senhor mora aqui há quanto tempo? Não, eu vim de fora. Você vai aqui¹³, o senhor está aqui há quanto

¹¹ O autor apresenta a análise de vários autores sobre a temática, tais como Ella Shohat e Anne McClintock, as quais compartilham da ideia de que o conceito pós-colonial funde histórias, temporalidades e formações raciais distintas, em uma mesma categoria universalizante. Arif Dirlik, que afirma que o discurso pós-colonial é um culturalismo.

¹² Rua Marechal Mallet é uma rua comercial no Centro da cidade de Tabatinga, próxima de onde ficava a região do Marco Divisório de Tabatinga, no início da colonização do lugar.

¹³ Joel Santos sinaliza com as mãos para a rua Santos Dumont, local onde foi realizada a entrevista, em direção ao porto, área onde existe muitos comércios com donos de origem peruana.

tempo? – *Estoy aqui a poco tiempo.*¹⁴ O pessoal foi recebendo a notícia de que Tabatinga era um bom lugar.
(Entrevista, 2022)

A hibridização cultural, conforme Canclini (2019, p. 37), “é um processo possível de democratizar não só o acesso aos bens, mas também a capacidade de hibridá-los, de combinar os repertórios multiculturais que esta época expande.” Trata-se de fronteiras e grandes cidades como cenários estratégicos para que se organizem as misturas e fecundações entre culturas”. (CANCLINI, 2019, p.38). A fala de Joel Santos é ilustrativa da existência do hibridismo cultural em Tabatinga, lócus deste estudo.

Para Canclini (2019, p. 39), o termo hibridação é uma espécie de “tradução entre mestiçagem, sincretismo, fusão e os outros vocábulos empregados para designar misturas particulares”. Destaque-se que a abrangência do conceito não é o mais importante, mas sim, “como continuar a construir princípios teóricos e procedimentos metodológicos que nos ajudem a tornar este mundo mais traduzível, ou seja, convivível em meio a suas diferenças, e a aceitar o que cada um ganha e está perdendo ao hibridar-se”. (CANCLINI, 2019, p. 39).

Bhabha (1998, p. 165), destaca que a hibridização “é uma problemática de representação e de individuação colonial que reverte os efeitos da recusa colonialista, de modo que os outros saberes ‘negados’ se infiltrem no discurso dominante e tornem estranha a base de sua autoridade – suas regras de reconhecimento.” Em outros termos, é uma ação subversiva que trata de conciliar as perdas incalculáveis dos grupos minoritários e/ou inferiorizados em relação à cultura de poder, de massa.

O conceito apresentado por Bhabha (1998, p. 165) parte de uma leitura particular da definição bakhtiniana segundo a qual: “[...] a hibridização [...] é uma mistura de duas linguagens sociais dentro dos limites de um único enunciado; um encontro, dentro da arena de um enunciado, entre duas consciências linguísticas diferentes, separadas uma da outra por uma época, pela diferenciação social ou por algum outro fator”. Para Bhabha (1998, p. 55), o hibridismo é um momento ativo de desafio e resistência contra um poder cultural dominante, [...] rearticulação, ou tradução, de elementos que não são nem o Um, nem o Outro, mas algo mais que contesta os termos e territórios de ambos”. Ou seja, “o hibridismo não tem uma tal perspectiva de profundidade ou verdade para oferecer: não é um terceiro termo que resolve a tensão entre duas culturas [...] representa aquele ‘desvio’ ambivalente do sujeito discriminado em direção ao objeto aterrorizante, exorbitante, da classificação paranoica – um

¹⁴ Joel Santos fala em espanhol, referindo-se à resposta que seria dada pelos peruanos residentes naquele lugar.

questionamento perturbador das imagens e presenças da autoridade.” (BHABHA, 1998, p. 55).

As transformações geradas pela pós-modernidade, especialmente no mercado simbólico e na cultura cotidiana, pelas quais temos que passar, evidenciam a razão de tantos fracassos nas formas de fazer política com base em dois princípios da modernidade: “a autonomia dos processos simbólicos, e a renovação democrática do culto e do popular.” (CANCLINI, 2019, p. 345). A reorganização cultural do poder torna-se fundamental quando se analisa “as consequências políticas ao passar de uma concepção vertical e bipolar para outra descentralizada, multideterminada, das relações sociopolíticas”. (CANCLINI, 2019, p. 345). Para o autor, há toda uma movimentação dos detentores do poder, para que se mantenha tudo como está. “Aparentemente os grandes grupos, concentradores de poder são os que subordinam a arte e a cultura ao mercado, os que disciplinam o trabalho e a vida cotidiana.” (CANCLINI, 2019, p. 346).

Tabatinga se forma a partir da migração inicial dos militares, mas também de nordestinos que vieram para a região em busca do “ouro branco”, o látex, fruto da época áurea da atividade econômica da borracha. Jorge (58 anos), um dos moradores ouvidos nesta pesquisa revela o seguinte:

Meus avós eram cearenses, vieram pra cá pela questão do soldado da borracha e aí se fixaram aqui. Tanto é que a maioria da minha família ainda mora em Atalaia e Benjamin Constant. Já tem muita gente aqui, mas raízes mesmo tudo lá. (Entrevista, 2022).

Ferrarini (2013, p. 189) constata nos “livros paroquiais que os registrados, entre os anos 1895 e 1901, cerca de 95% dos habitantes, eram de origem nordestina, dos quais pelo menos 80% do Ceará.” Ao que tudo indica, tal realidade prosseguiu ao longo dos anos vindouros dadas as transformações sociais pelas quais a região amazônica, inclusive Tabatinga, que encontrava-se sob o domínio de Benjamin Constant, município do Amazonas.

Silva (1997, p. 147) considera que há “uma concepção do poder imperial com o objetivo de interiorizar o Estado - Nação na Região Norte.” Cria-se o argumento da defesa da soberania do território como equivalente à defesa da soberania política do país. Para este autor, “a Amazônia é um território brasileiro encravado entre nações estrangeiras e nações bárbaras, passível de ser invadida e violentada sem ter ninguém que a defenda” (SILVA, 1997, p. 148). Iniciaria então, a migração em massa para a região amazônica. Isto de acordo com Ataíde (2020, p. 94), “fez com que o governo incentivasse a vinda de nordestinos para o

Amazonas, região que desde 1870, enfrentava um período crucial para a sobrevivência, causada pela grande estiagem que atingiu a região nordestina”.

A vinda maciça de nordestinos para a região amazônica, especialmente, à região do Alto Solimões e Tabatinga, contribuiu para a intensa miscigenação de culturas e identidades deslocadas de sua região de origem, mas que necessitariam, a partir daquele momento, de serem reintegradas e reestabelecidas na nova situação à qual estavam sendo inseridos. Ataíde (2020, p. 94), ressalta que “a leva de nordestinos veio somar-se aos amazonenses, aos peruanos que já exploravam o Javari.”

Com o término da primeira fase da borracha no mesmo período da Primeira Guerra mundial, observa-se profundas mudanças na região do Alto Solimões. Ataíde (2020, p. 102) destaca que, “os aventureiros seringueiros vindos de tão longe, tiraram o Solimões da letargia secular vivida há décadas; sua população triplicou, porém, os problemas administrativos se avultavam pela precária situação política do Estado e conseqüentemente do município.”. De acordo com Joel Santos,

Eles foram brabos, os nossos pioneiros, os que chegaram aqui, muitos nordestinos que vieram atrás de dias melhores e vieram aqui buscar o nosso ouro branco e o que que era o ouro branco? A nossa borracha, que foi o que gerou a principal riqueza no Amazonas. (Entrevista, 2022)

Segundo Djalma Batista (2007, p.169), “a história da borracha é a mais longa de todas as gomas elásticas e não elásticas, porque começou há séculos.” No Brasil, no século XIX com o crescimento da extração da borracha, estabeleceu-se sua exploração, realizada pelos caboclos da região amazônica. (BATISTA, 2007).

Considerado um divisor de águas, a atividade econômica da borracha, gerou uma grande transformação na Amazônia brasileira, sendo representativa de dois grandes extremos: a riqueza e a miséria (GONDIM, 2007). Como tal, foi desencadeadora de muitos processos sociais na Amazônia que refletem até os dias atuais na miscigenação de nosso povo, inclusive o povo de Tabatinga, no Alto Solimões. Conforme Vicky Baum¹⁵, temos que concordar e chegar a um denominador comum quanto aos papéis desempenhados pela borracha: mocinho e vilão, explorador e explorado. Enfim, diríamos que a extração de látex e produção de borracha na Amazônia interliga diversos acontecimentos dentro da nossa história (GONDIM, 2007).

¹⁵ Autora do livro *A árvore que chora. O romance da borracha*. Porto Alegre: Globo, 1946.

Na região do Alto Solimões, comerciantes portugueses e peruanos que estavam fixados além da fronteira de Tabatinga, seguem para o Javari, região onde haveria um maior número de seringueiras para o extrativismo. São raras as informações acerca da temática, em razão de que a produção referente à região, era de apenas 10% do total da produção amazônica (ATAÍDE, 2020). Diante da necessidade, “o governo brasileiro diante das exigências do mercado internacional precisava de mão de obra para os seringais, porém frente a baixa demografia existente na região, fez com que o governo incentivasse a vinda de nordestinos para o Amazonas (ATAÍDE, 2020, p. 94).”

Não obstante, o período da borracha não influenciou apenas o aspecto econômico regional, Ataíde (2015, p. 30-31) revela que, “além das mercadorias para aviamento dos seringueiros, traziam também as prostitutas de luxo que se diziam francesas, mas eram polacas, flamengas, que divertiam os seringalistas”. Houve impacto direto em muitos aspectos da dinâmica regional, pois “tudo girava em torno daquelas árvores nativas perdidas no meio da selva, que jorrava a golpes da faca do seringueiro seu sangue em forma de leite, para enriquecer os patrões e ao abandono e miséria aos humildes seringueiros.”.

A Amazônia foi completamente transformada após o período da borracha, a quebra do isolamento em busca de uma internacionalização do comércio na região levado, principalmente pela mudança do perfil populacional, formado neste período por diferentes imigrantes que haviam chegado, atraídos pelas sonhadas riquezas que seriam obtidas a partir do látex, bem como pela necessidade de mão de obra na região (SOUZA, 2019).

Hardman (2009, p. 292), afirma que há uma “impossibilidade de uma fundação nacional simétrica ou harmoniosa, já que todas as construções identitárias, assim intentadas, foram produtos ideológicos da cultura dominante da ‘ordem e progresso’, sempre com marcha triunfal da desmemória.” O autor defende o “dizer não ao monolinguismo da razão imperial”, isto é, em nome da globalização, não se deve homogeneizar a cultura, o encontro de culturas, bem como a visão literária, que cada artista tem em relação a determinados períodos, fatos históricos. Jorge, retoma sua fala de entrevista para desenhar o seguinte quadro:

Institucionalmente, em termos de órgãos, nós temos um aparato muito grande, onde poucos municípios têm. E isso faz de Tabatinga uma movimentação muito grande por ser um município polo, onde nós temos o aeroporto, praticamente todos os municípios da mesorregião do Alto Solimões passa por aqui. Então é um fluxo muito grande de pessoas e nessas áreas de, nesses órgãos nós recebemos também pessoas de culturas diferentes, de regiões diferentes, costumes, com linguagens, com sua cultura que lhe são peculiares a cada local e aqui se mistura. Então a gente que é daqui de Tabatinga, às vezes nem consegue perceber isso, porque já está tão

enraizado que a gente não consegue perceber que existe essa mistura. E aqui a gente convive, além dessas pessoas, com os nossos irmãos indígenas, com muitos conterrâneos de Atalaia do Norte, Benjamin Constant que vem pra cá em busca de emprego, melhoria de vida, que vem de outros municípios, além de toda essa questão, hoje temos uma universidade do Estado do Amazonas, um Instituto Federal, uma Universidade Federal do Amazonas na cidade vizinha, isso traz de certa forma muita gente, seja professor, técnico, aluno e traz de certa forma, um movimento de pessoas com identidades e culturas diferentes, realmente muito, muito, muito grandes, além dos nossos coirmãos colombianos e peruanos. (Entrevista, Jorge, 2022).

A condição estratégica da cidade de Tabatinga, com a presença de instituições civis e militares, além de portos e aeroporto internacional, conforme assinala Jorge, tem sido umas das razões para promover a vinda e a permanência de muitos sujeitos neste município. Essa constante movimentação de pessoas desencadeia um processo de interrelação de culturas e identidades que vão se entrelaçando e dando espaço para uma cultura nova, hibridizada. De acordo com Canclini (2019, p. 285), “a expansão urbana é uma das causas que intensificaram a hibridação cultural”. Tal fato se vê expresso na realidade de Tabatinga, a qual vem em uma crescente ação demográfica nos últimos anos e, acreditamos que também influenciou a hibridação cultural local com a chegada de pessoas das diversas regiões, nações e cidades vizinhas.

Bhabha (1998, p.31), afirma que o hibridismo “é também uma ameaça porque é imprevisível.” Essa imprevisibilidade dá-se pela troca cultural que ocorre entre os sujeitos, mas que pode fugir da ordem dada, colonizador x colonizado. O hibridismo cultural também funciona como um ato de “resistência contra o poder colonial dominante”, foge à norma estabelecida, e ao desafiá-la, estabelece nova norma entre os sujeitos.

Jorge, expõe seu relato sobre a sua vivência quando criança em Tabatinga. Observemos:

A gente na época não tinha muitas condições de sair de Tabatinga. A gente não tinha conhecimento sobre outros municípios, em especial da capital. Em meios de transporte o que tinha era aviões da FAB¹⁶, na época o antigo Catalina, e alguns recreios que o pessoal fala que era a vapor, mas a gente não tinha essas condições financeiras, inclusive para se deslocar, então a nossa vivência toda foi realmente na cidade Tabatinga (Entrevista, 2022)

Mesmo com a tendência de haver poucos ou até mesmo restritos deslocamentos na cidade de Tabatinga, como expõe Jorge, havia o avião da FAB para transportar os militares

¹⁶ Força Aérea Brasileira.

que serviam no município. O acesso à cidade vizinha colombiana de Letícia ainda não havia sido criado. A Avenida da Amizade, via de ligação direta entre Tabatinga e Letícia, até 1968, “a via era apenas um caminho estreito, sem pavimento ou qualquer estabelecimento comercial às suas margens, apenas ladeada pela exuberância da selva.” (EUZÉBIO, 2014b, p. 7). Inaugurada em 1990, somente foi concluída em 1992, proporcionando um fluxo de entrada de estrangeiros, tanto os vizinhos colombianos e peruanos, como também os estrangeiros oriundos de outros países que buscavam a região para o turismo ecológico. (EUZÉBIO, 2014b); (ATAÍDE, 2020); (FERRARINI, 2013).

Ressalte-se ainda que no início do povoamento da cidade de Tabatinga poucos eram os que tinham acesso à educação escolar, promovida inicialmente pela Igreja e, posteriormente, repassada ao comando do Exército, pois a cidade não dispunha de moradores locais que tivessem formação apropriada à educação escolar. Por meio desse monopólio, era ensinado nas poucas turmas que ali eram formadas, sob a ordem militarizada vigente no Brasil durante a ditadura militar.

A divisão territorial pela qual a cidade de Tabatinga se desenvolveu, estava conformada por duas regiões: a região do Marco Divisório (zona civil) e a região da Colônia Militar (área militar). Entre estas não havia ligação por vias urbanas, apenas fluvial, pela frente da cidade, por meio do Rio Solimões. (FERRARINI, 2013); (ATAÍDE, 2020).

A cidade de Tabatinga foi projetada para ser uma vila militar, como tal, não estava nos planos iniciais que houvesse interação do espaço militar com a área civil. Com o tempo, o espaço foi adaptado. Milton Santos destaca que “as diferenças entre lugares são o resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares” (SANTOS, 2008, p. 28), ou seja, as divisões entre militares, civis indígenas e não indígenas denotavam uma especificidade local.

A partir desta peculiaridade local, relacionada à característica de ser uma tríplice fronteira, Farret (1997, p. 198) sintetiza que, “isoladas dos dois lados pelos seus respectivos governos nacionais, as áreas de fronteiras desenvolveram estratégias de sobrevivência, criando complementaridades, independentemente das macro-decisões nacionais, pela via dos fluxos de pessoas, bens e serviços”.

Joel Santos, um outro sujeito entrevistado expõe o seguinte quadro de sua história com a tríplice fronteira amazônica. Vejamos:

A nossa raiz, sempre eu falo isso muito, os nossos avós que eu conheci e os avós de muitos amigos meus que eu conheci também, chegaram aqui no início do século (XX). Meus dois avós chegaram aqui em 1914, há muito tempo, na Primeira Guerra Mundial (que a Segunda foi em 45), fugindo lá da

necessidade. Mas vieram pra cá meus avós, um pernambucano e um cearense. Chegaram aqui e não sabiam fazer nada. Lá era no campo, na roça, plantar o arroz e o feijão que era a cultura mais próspera lá no Nordeste. E aqui vieram aprender a remar, que lá era roça, aqui tudo pegava no remo, pra roçar lá era na foice, aqui tinha que roçar de terçado; lá tinha que pegar a espingarda, aqui tinha que aprender a usar o arpão pra pegar o pirarucu, o tambaqui. Tiveram que aprender a montar o espinhel, aprender a pescar de linha, os costumes mudaram completamente aqui. (Entrevista, 2022)

Evidenciamos na fala de nosso entrevistado que a cidade de Tabatinga possui uma formação cultural complexa, organizada a partir do deslocamento de vários indivíduos oriundos de diferentes regiões do Brasil, fenômeno ocorrido na Amazônia, especialmente em decorrência do sonho de enriquecer durante o período da borracha. De acordo com Calegare (2012, p. 212), “a formação sociocultural amazônica é muito mais complexa do que se imagina, pois durante diferentes épocas houve fluxo migratório intenso na região, por pessoas de várias culturas.”.

Neste processo de desconstrução e ao mesmo tempo de construção cultural a que o indivíduo se vê confrontado é “o próprio processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais [...]. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial, permanente.” (HALL, 2006, p. 12).

Em nossa dinâmica regional tabatinguense evidenciamos o contemporâneo e o processo cultural hibridizado como algo que faz parte de nossa multiplicidade cultural, em que referências amazônicas e cosmopolitas convergem para a formação social desse povo fronteiriço. Tabatinga é uma cidade cujos moradores se mostram conscientes de sua historicidade cultural e identitária, mas que também se mostram abertos para o dinamismo do novo, do cosmopolitismo que a abraça todos os dias com a chegada de novos moradores.

1.3 As relações de poder e a geopolítica em Tabatinga

A política territorial do Brasil é pensada de forma administrativa sob o ponto de vista da geopolítica, a qual segundo Becker (2005, p. 71), é “um campo do conhecimento que analisa relações entre poder e espaço geográfico.” A geopolítica está associada à história da Amazônia que, devido as suas várias fronteiras, recebeu intervenção militar desde o início de

sua ocupação. Silva (2013, p.11) destaca que “quanto mais a Amazônia é vista como um espaço geopolítico, um paraíso fiscal, um patrimônio da humanidade, uma zona econômica emergente [...] mais as contradições pretéritas e presentes [...] ganham complexidade no plano local.” A fronteira sempre foi e sempre será considerada, pela geopolítica clássica, como um dos mais importantes elementos do Estado (ANDERSEN, 2018, p. 2).

Precisamos definir inicialmente que “fronteira é um marco que limita e separa, que aponta sentidos socializados de reconhecimento.” (PESAVENTO, 2006, p. 10). Para esta autora, “o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença (PESAVENTO, 2006, p. 10). A fronteira pode ser vista como a representação de um cotidiano real, vivido por pessoas em meio aos processos históricos, representativa da identidade sociocultural. Estamos falando da fronteira simbólica, lugar de passagem, lugar a partir de onde os processos socioculturais começam a se fazer presentes.

Na visão de Martins (2009, p. 11), a fronteira tem um aspecto sociológico, pois “a figura social da fronteira e de sua importância histórica não é o chamado pioneiro. A figura central e metodologicamente explicativa é a vítima.” Para o autor, a fronteira abrange diversos aspectos que perpassam o geográfico e que estão relacionados com a cultura e o humano.

Oliveira (2006, p. 187) afirma que “os fatores geográficos apresentam a proximidade da fronteira como um grande convite à transposição dos limites, que nesse caso, são simplesmente geopolíticos.” Essa proximidade dupla às fronteiras com a Colômbia e o Peru, bem como a uma certa fronteira interna demarcada pela institucionalização militar, nos leva a refletir sobre a dinâmica sociocultural desenvolvida pela cidade de Tabatinga.

As políticas de fronteira foram resultantes da política vigente no Brasil. Soares (1972, p. 15), assinala que “esta política deve ser vigilante, previdente e construtiva, para que as fronteiras sejam estáveis e protegidas, assim como importantes demográfica e economicamente.” O Brasil, por meio de ações das Forças Armadas, especialmente, o Exército, na Amazônia e na região de Tabatinga, incorporou ações que buscaram estabelecer o rigoroso controle e domínio da posse das terras em nossas fronteiras. Porquanto, buscou também, estabelecer meios para que houvesse o aumento demográfico nessas regiões. Tabatinga, ano pós ano, vem se desenvolvendo, com a presença de vários órgãos públicos e privados que se incorporam na realidade local.

Em sua análise sobre a especificidade da cidade, Lefebvre (2001, p. 51), nos diz que “a cidade sempre teve relações com sociedade no seu conjunto, com sua composição e seu funcionamento, com seus elementos constituintes (campo e agricultura, poder ofensivo e defensivo, poderes políticos, Estados, etc.)”. Desta forma, percebemos que a análise da construção identitária de um povo passa pela investigação acerca dos diferentes aspectos anteriormente citados, os quais conformam o processo sociocultural da cidade em estudo.

Euzébio (2014b, p. 12), afirma que “a presença de instituições públicas no território qualifica o lugar. As instituições públicas são consideradas significativos objetos geográficos e podem contribuir para a fluidez territorial.” Essa fluidez assinalada pelo autor, tem proporcionado ao município de Tabatinga um alto fluxo de trânsito de pessoas que se deslocam para a utilização dos diversos serviços prestados pelas instituições civis e privadas que estão instaladas na tríplice fronteira.

De acordo com Hall (2003, p. 35), “as primeiras fases da dita história global foram sustentadas pela tensão entre esses polos de conflito – a heterogeneidade do mercado global e a força centrípeta do Estado-nação.” A globalização não é um fenômeno novo, posto que sua história foi concomitante a da história da exploração e colonização europeias, responsável pela formação dos grandes mercados capitalistas mundiais.

Nesta perspectiva, configura-se uma nova ordem urbana ditada a partir de diferentes aspectos que influenciam nessa formação. Lefebvre (2001, p. 27), afirma que “não existe sociedade sem ordem, significado, perceptível, legível de imediato.” Sendo necessário o debruçar profundo na história do lugar e de sua gente.

Tabatinga tem um suporte fortemente capitalista, o qual atraiu ao longo dos anos de sua formação, vários estrangeiros e migrantes para a cidade, chamando a atenção para projetos como o Programa Calha Norte (Ver Figura 1), que visava atender a três áreas geográficas com características específicas, eram elas: 1. A faixa de fronteira¹⁷; 2. A faixa ribeirinha¹⁸; e 3. A faixa interior¹⁹ (SILVA, 2007, p. 68).

¹⁷ É a área de, 150 km de largura, paralela à linha terrestre divisória do Brasil com os países limítrofes (Lei nº 6.634, de 02 de maio de 1979, regulamentada pelo Decreto nº 85.064, de 26 de agosto de 1980).

¹⁸ Compreendida entre a Calha dos Rios Solimões e Amazonas.

¹⁹ Denominada hinterlândia, situada entre as duas primeiras.

Figura 4 Projeto Calha Norte



Fonte: MACHADO, L. A Fronteira Agrícola na Amazônia Brasileira. Geografia e Meio Ambiente no Brasil. RJ, Editora Hucitec, 1998.²⁰

Para Silva (2007, p. 69) a “justificativa apresentada para a intervenção nessas áreas foi a carência de infraestrutura e de ações do governo, além da existência de ilícitos de várias ordens, na fronteira com os países amazônicos.” (SILVA, 2007, p. 69). Entre os problemas crescentes, aparece o interesse pelos recursos minerais da região; o tráfico ilegal de estrangeiros no território, conflitos de terras, entre outros, incluindo a extração de madeira de lei (mais valorizadas) ou a política de ocupação regional que ocasionou uma explosão demográfica na Amazônia para a qual a região não estaria preparada:

O Projeto Calha Norte (“Desenvolvimento e Segurança na Região ao Norte das Calhas dos rios Solimões e Amazonas”) foi concebido durante os governos militares, mas somente implantando no governo José Sarney, sob a coordenação do Ministério da Defesa. O objetivo manifesto do projeto era preencher o “vazio demográfico” da fronteira norte amazônica, na sua divisa com a Venezuela, as Guianas e o Peru, o que totalizava 6.500 km de extensão. A área do projeto abrangia aproximadamente 1.219.100 km², envolvia 70 municípios, significava 14% do território nacional e 24% da Amazônia Brasileira (ANDERSEN, 2018, p. 6).

Para Bueno (2002, p. 6), “a concepção sobre Amazônia, dos brasileiros nascidos nos últimos 50 anos, foi formada sob forte influência de toda a geopolítica montada para aquele território nos governos militares.” E essa concepção continua refletindo nas representações do

²⁰ Disponível em: ANDERSEN, S. A Fronteira na Concepção da Geopolítica Brasileira: Entendendo a origem dos conflitos. XII Bienal de Coloquio Transformaciones Territoriales. 2018. Disponível em http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/7mo-coloquio/mesa_6/20080239.pdf.

pensamento social da Amazônia referente a esse período. Desta forma, faz-se necessário a imersão na investigação referente à geopolítica regional e suas relações de poder.

A instituição militar na região Amazônica foi se estruturando primeiro com a presença física dos soldados e destacamento militar para realizar a proteção e guarda da região. Conforme Joel Santos, sujeito ouvido nesta pesquisa,

Aqui não tinha Marinha, não tinha Aeronáutica, só o Exército estava aqui, mas estava aqui nossos avós, pés descalços, pés no chão, pegavam um pedaço de terra e ninguém encostava, ali tinha um instinto do nordestino. Aí casavam, esperavam o filho nascer e ‘pegava’ tá aqui meu filho, isso aqui é pra você morar com sua mulher; aí casava a filha, pegue pra você ir morar com seu esposo e assim formaram-se as comunidades, aqui na saída do Aramaçá, em Bom Sítio, criou-se famílias enormes. (Entrevista, 2022).

Em sua narrativa, Joel aponta como era a organização e distribuição geopolítica na época em que seus avós chegaram à região de Tabatinga. A colônia militar não tinha a preocupação em cuidar dos espaços que estavam fora da linha do marco divisório e da zona militar. Aqueles que para cá vieram tinham a possibilidade de tomar a terra e distribuí-la conforme sua capacidade de manter o plantio, sua família e atender as necessidades de seus descendentes. De acordo com Joel, os seus avós sentiam-se guardiões da terra, tal qual os militares, pois os auxiliavam na guarda da terra nesta região de fronteira, evitando que estrangeiros se apropriassem da terra indevidamente. É o que podemos perceber em suas próprias palavras:

Eles chegaram aqui, nossos avós, não tinha sentinela, nem soldados, eles foram os sentinelas, gratuitamente, nunca receberam um centavo de ninguém. Nunca receberam um benefício, nunca ninguém olhou pra essa gente, governo nenhum, federal, nem estadual e municipal não existia. (Entrevista, 2022).

Havia, por parte da instituição militar uma falta de reconhecimento dos soldados civis que lutavam e protegiam a terra tal como os militares. Joel deixa claro que seus avós não tiveram nenhum reconhecimento ou benefício formal pelo trabalho desempenhado. Essa situação, conforme Soares (1972, p.170), ocorreu em virtude de o Governo Federal não ter criado mais áreas de fronteiras, “estruturas permanentes de colonização; e nem os quartéis dos Destacamentos de Fronteiras [...] eram bem organizados, bem providos de resistência orgânica e perfeitamente aparelhados para se transformarem em futuras cidades.” Esse tipo de organização das fronteiras, é denominado Fronteira Viva.

Sobre o deslocamento desses civis que chegaram à fronteira, Nogueira (2007a, p.169), afirma que “o controle do Estado sob o domínio dos militares, motivado pelo lema da segurança com desenvolvimento, e, com um pensamento mais efetivo sobre o território nacional, fez com que estes conseguissem mobilizar todo um contingente civil e militar rumo à região.” Na fala de Joel, vemos evidenciado que os civis, como seus avós, embora motivados para se deslocarem à região de fronteira, chegavam à região e se deparavam com várias situações adversas e não obtinham o apoio sinalizado quando de seus deslocamentos.

No que diz respeito à ocupação dessas pessoas que chegavam a Tabatinga, muitos passaram a trabalhar nos seringais e até mesmo no serviço doméstico de lavagem de roupas. Veja o que revela um dos sujeitos ouvidos nesta pesquisa:

Quando a gente era pequeno, eu lembro né, meu pai ficava quase o ano todo fora para trabalhar na seringa e na extração de madeira e a minha mãe fica aqui lavando roupa para as pessoas que tinham condições, né, e na época, a gente também não tinha tanta essa questão do que se tem hoje, de energia elétrica, de eletrodomésticos, então a gente sobrevivia porque plantava, plantava nossas roças, plantava nossas hortaliças, nossas frutas e também tinha muito nos outros, não tinha quintais, a lenha a gente tirava na roça, então a gente não sofria muito com isso. Não tinha como pagar energia, pagar a água porque a gente pegava da cacimba ou então pegava dos igarapés. Então, quando nosso pai vinha, geralmente vinha com paneiros de carne do mato salgada, peixe salgado, ovo de tracajá, tartaruga e aquilo ali era uma festa pra gente. A gente já plantava a roça aqui, já tinha a nossa farinha e de uma certa forma a gente sobrevivia, né, então a gente resolveu estudar. (Jorge Barbosa, 58 anos, entrevista, 2022)

Ataíde (2020, p. 94), chama a atenção para o fato de que “o governo brasileiro diante das exigências do mercado internacional precisava de mãos de obra para os seringais, porém, frente à baixa demografia existente na região fez com que o governo incentivasse a vinda de nordestinos para o Amazonas.” Esse deslocamento de pessoas para o Amazonas em busca de fortuna e melhoria de vida para seus familiares, quase sempre se via confrontado com uma realidade dura e de privações para si e para os seus.

De acordo com Benchimol (1999, p. 149), “os brabos eram entregues à sua própria sorte, condenados a sobreviver como pudessem, nos centros, nas colocações e nos tapiris [...] a maleira os dizimando, pouco a pouco extinguindo a chama da esperança e a vontade de luta.” Enquanto o verão não iniciava para que houvesse o início da fabricação da borracha, os seringueiros viam suas dívidas aumentando em níveis exponenciais junto ao patrão.

O acesso a determinados benefícios como a possibilidade de escolarização, material escolar, segurança, em certa medida atendia a demanda daquela população que ansiava, naquele momento, pelo mínimo, para si e para sua família. O sonho de enriquecer tinha ficado para trás, juntamente com sua terra natal. Restava-lhes buscar viver bem e agradecer pelo pouco que tinham e que lhes era proporcionado pelo Exército na região da tríplice fronteira. Becker (2009, p. 21), lembra que “o interesse e a percepção dominantes ainda atribuem à Amazônia a condição de fronteira de recursos.” Acredita-se que haja a solução para atender os interesses daqueles que dominam o poder econômico, desatendendo, proporcionalmente aqueles que precisam dos recursos oferecidos pela natureza.

Para garantir a ocupação, as Forças Militares foram criando braços no meio da floresta amazônica, por meio da construção de bases militares, rodovias e construção de redes de comunicação. Eram denominados de “pólos de irradiação fronteiriços” os assentamentos criados para a manutenção da fronteira viva para a defesa nacional (ANDERSEN, 2018, p. 7). Com os grandes desmatamentos ocasionados pela imersão na floresta, assim como a invasão de terras indígenas, eram construídos casas, escolas e postos de saúde para dar apoio aos colonizadores e a seus familiares.

Tabatinga, ainda no seu período de zona militar, por volta de 1910, volta a ser lembrada. Foram destacados cerca de 20 soldados para integrarem o pelotão que iria reerguer o pavilhão brasileiro, no Forte São Francisco de Xavier de Tabatinga. Em outubro de 1920, por meio de Aviso Ministerial ocorreu a transformação do Contingente Especial de Tabatinga para Pelotão Independente de Tabatinga. Mais tarde, foi construído o novo quartel, em alvenaria, inaugurado em 27 de abril de 1937 (ATAÍDE, 2020) (FERRARINI, 2013).

A nova denominação foi dada em 1953, quando passa a 5º Pelotão de Fronteira por disposição da Portaria Ministerial Reservada nº 143/111 de 30 de setembro de 1953. Posteriormente, em 1955, por meio do Decreto nº 38.138 de 19 de dezembro de 1955 para ser intitulado de 7ª Companhia de Fronteira. A Ditadura militar de 1964 fez reativar o projeto das Colônias Militares, com o qual as Forças Armadas almejavam “tirar as fronteiras do isolamento secular.” Dessa forma, em 20 de abril de 1967, criou-se pelo Decreto nº 60.606 a Colônia Militar de Tabatinga (ATAÍDE, 2020) (FERRARINI, 2013).

Com as diversas transformações sociais e econômicas ocorridas na região de Tabatinga, bem como o crescente fluxo demográfico, novas medidas foram tomadas visando manter a fronteira protegida e assegurada junto com seus assentados. O Exército executa nova transformação em sua estrutura, criando o Comando de Fronteira do Solimões e 1º Batalhão

Especial de Fronteira (CFSol/1º BEF) por meio do Decreto nº 63.975 de 10 de janeiro de 1969. Com a continuidade do crescimento populacional, urbano e econômico na região, as mudanças na área militar também continuaram ocorrendo. Logo depois, em 1992, por meio da Portaria Ministerial nº 001 de 10 de janeiro de 1992 passa a se chamar Comando de Fronteira do Solimões/ 8º Batalhão de Infantaria de Selva, denominação que dura até os dias atuais.

A primeira Escola no município de Tabatinga foi criada em 1947, denominada Escola São Sebastião, seu prédio inicial estava situado na orla do rio Solimões, ao lado da Igreja dos Santos Anjos. Pouco tempo depois passou a ser denominada Grupo Escolar Sete de Setembro. Depois que esta escola passou por reformas, objeto do convênio estabelecido entre o Comando Militar da Amazônia e a Prelazia do Alto Solimões, o Grupo Escolar passou a ser denominado Marechal Rondon. Jorge Barbosa (58 anos), morador de Tabatinga, ouvido nesta pesquisa, revela o seguinte:

Conheci Tabatinga que era uma divisão entre Tabatinga e Marco Divisório. Tabatinga era onde existia a Vila Militar, mas a gente não tinha acesso porque não tinha caminho. E existia a Vila do Marco Divisório, onde tinha uma escola, a Escola Marechal Rondon, a gente começou a estudar lá. E eu conheci só duas ruas, era a rua Marechal Mallet e a Rua Velha. (Jorge, Entrevista, 2022).

A Escola Marechal Rondon²¹ é um ponto de destaque na fala de Jorge Barbosa, momento em que ele rememora a Vila Militar e a Escola Marechal Rondon onde ele estudou. Na narrativa de nosso entrevistado há recordação de seu tempo de escola quando ele começou a vislumbrar a possibilidade de uma vida melhor na cidade. Carlos (2009, p. 24), nos diz que “a cidade aparece como materialidade, produto do processo de trabalho, de sua divisão técnica, mas também da divisão social.” Destarte, vemos em Tabatinga a materialização do processo de geopolítica desenvolvido no Brasil durante a época da ditadura, configurando-se, nesta cidade, até os dias atuais, numa divisão física e social entre a zona militar e a civil.

Nosso entrevistado segue relatando sobre suas condições à época em que iniciou sua trajetória escolar. Vejamos:

Então a gente resolveu estudar apesar de todas as dificuldades, né... porque na época tinha que se comprar material escolar, tinha que se comprar é,

²¹ É uma escola pioneira no município de Tabatinga. Fundada em 1947 com o nome inicial de São Sebastião (localizada à orla do Rio Solimões). Posteriormente foi denominada Grupo Escolar Sete de Setembro e quando foi ampliada em convênio da Prelazia do Alto Solimões e o Comando Militar da Amazônia, passou a ser chamada de Escola Marechal Rondon. Atualmente é uma escola estadual.

uniforme, mas uma coisa boa que se tinha na época era a questão da merenda. A merenda era bastante farta. Então era uma coisa que supria realmente a necessidade de uma alimentação e a alimentação na escola era abundante.

Observe-se que as condições de existência não eram fáceis aos moradores de Tabatinga. Jorge revela que a merenda escolar era um complemento importante para a sua alimentação e das demais crianças em atividade escolar.

O papel social do Exército para a comunidade local era evidenciado nessa complementação alimentar feita às crianças, em forma de merenda escolar. Os moradores do local se sentiam agradecidos pela contribuição dada àquela comunidade local. A ação assistencialista do Exército ocorreu depois da retirada da Igreja Católica. Vejamos:

Na época posso dizer que, praticamente quem tomava conta desse estabelecimento de ensino era a igreja católica e aí depois os militares. Eles assumiram esse comando da educação nessa época, a gente estudou lá no Marechal Rondon²² e começou a vir algum material escolar que já diminuiu o sofrimento da mamãe, principalmente porque quando começava o ano letivo tinha que, de uma certa forma, comprar um lápis e dividir com dois, uma borracha, dividir com dois, três, e a gente ia para a escola não tinha sombrinha, essas coisas, mas tinha as folhas de bananeiras que cortava, botava em cima e a gente ia.

A política de integração e ocupação social da Amazônia apresentado pelo Exército e pela gestão presidencial à época estava dando certo. A comunidade local do Marco Divisório e do Forte São Francisco de Xavier de Tabatinga pareciam estar satisfeitas com as ações estabelecidas sob o lema “Braço forte, mão amiga”²³. Sem dúvidas, pelos relatos apresentados por Jorge (58 anos), o cenário regional da Amazônia e, especialmente, da cidade de Tabatinga teve sua realidade impactada positivamente.

A presença forte do Exército na região aumentou após a instalação do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga, com isso, a sensação de segurança na região era muito maior que em outros municípios da área do Alto Solimões. Sobre a política de segurança existente na época da ditadura militar comparada com a de hoje. Conforme Joel Santos,

Na época, antes da emancipação, o que era 100% aqui, era segurança. Na época da ditadura militar, na época em que nós vivemos até a emancipação

²² Jorge Barbosa se refere à Escola Marechal Rondon.

²³ Lema do Exército Brasileiro.

do município, nós ouvimos dois tiros de pistola aqui em Tabatinga. Aí você tira a conclusão. Durante todo o período da ditadura, a gente dormia de janela aberta. (Joel, Entrevista, 2022).

Vê-se que Joel Santos atribui ao Exército a ordem e segurança existentes na cidade àquela época. O município de Tabatinga, a partir de sua emancipação política, recebeu a instalação de diversos órgãos de segurança como a Polícia Militar, Polícia Federal, Polícia Civil. Entretanto, essa presença não representou maior nível de segurança para a comunidade ao longo dos anos. Carlos (2009, p.43) nos afirma que “o acirramento das contradições urbanas, fruto do crescimento rápido, no qual o Estado se coloca a serviço da reprodução ampliada do capital, é um fato incontestável. O espaço urbano se reproduz, reproduzindo a segregação.”

Silva (1997, p. 125), afirma que “na óptica de que a Amazônia ficou mais importante no equilíbrio natural do planeta surgem novas possibilidades de articulações entre a região e a economia mundial.” Contudo, tais articulações estão direcionadas a atender os interesses econômicos e políticos daqueles de uma minoria detentora do poder.

Pode-se dizer que “na medida em que se desenvolvem e generalizam, os processos envolvidos na modernização ultrapassam ou dissolvem fronteiras de todo o tipo, locais, nacionais, regionais, continentais; ultrapassam ou dissolvem as barreiras culturais, linguísticas, [...] ou civilizatórias” (IANNI, 2001 p. 102). Paradoxalmente, a quebra dessas barreiras, não parece unificar as nações e diminuir as distâncias socioculturais envolvidas, ao contrário, existe uma barreira que não é quebrada em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais entre determinados países, regiões, cidades.

Destaca-se que “ao produzir sua existência os homens produzem não só sua história, conhecimento, processo de humanização, mas também o espaço.” (CARLOS, 2009, p. 28). Nesse entendimento, evidenciamos que não podemos desvincular o espaço físico da cidade do processo humano evidenciado na cidade de Tabatinga. O atual cenário deixa à mostra o processo histórico estabelecido na formação social e identitária da região, tal como descreve Calvino (1972, p. 7), “a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.”

Ianni (2001, p. 205), nos afirma que “evidentemente a globalização é problemática e contraditória, compreendendo integração e fragmentação, nacionalismo e regionalismo,

racismo e fundamentalismo, geoeconomia e geopolítica.” O que seria solução, torna-se mais uma problemática a ser enfrentada, debatida e convivida.

Para Silva (1997, p. 195), “há implicações de ordem teórica quando a Amazônia é envolvida no curso das mudanças sociais globais.”. Os problemas locais, são globais. São oriundos da sistemática intervenção externa sob a escusa de que estão contribuindo para o crescimento econômico e para o desenvolvimento regional. Há, em Tabatinga uma perspectiva clara de relações de poder hierarquizadas, que se sobrepõem à dinâmica da população local. A presença do Exército, seja por meio instalações de fortes e zonas militares, seja por políticas de Estado que introduziram a “mão amiga” deste ente em áreas da sociedade como a da educação e da geografia humana regional priva as populações locais de usufruírem dos recursos naturais que lhes eram de direito.

CAPÍTULO II

AS FRONTEIRAS SIMBÓLICAS EM MOVIMENTO

És mais forte entre as fronteiras
És mais nobre e hospitaleira
És vanguarda desta nação
Te amamos de coração.

Tabatinga se for preciso,
Lutaremos com todo ardor,
Defendendo tuas crianças,
Que no peito tem por ti imenso amor

Hino de Tabatinga²⁴ (Fragmento)

Este capítulo é dedicado ao simbolismo fronteiriço que se apresenta em constante movimento. Sejam linguísticas, das alteridades ou de fricção interétnica, todas estas fronteiras precisam de atenção e de um estudo minucioso para que se possa conhecer a tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, localizada na cidade de Tabatinga – AM. Como continuidade do capítulo anterior, vamos mergulhar nos conceitos, aspectos e percepções inerentes à fronteira.

2.1 As fronteiras linguísticas em movimento

Os estudos sobre fronteiras linguísticas nos remetem aos seus diversos significados e simbolismos, especialmente, às ideias de limite geográfico/espaço territorial e o espaço imaginário/simbólico entre um indivíduo e outro de nacionalidade/etnia diversa, bem como limites de produção de um ou mais idiomas pelos indivíduos.

Originariamente, o conceito de fronteira é oriundo do francês *'fronte'*, que significa frente, testa, outrossim, deu origem à forma em latim *'front'*, termo aportuguesado para a

²⁴ Letra e música de Adamastor Manuel da Rocha.

forma ‘fronte’, a qual refere-se às frentes de batalha. (UCHÔA, 2019; SILVA, 2004; MACHADO, 1998; NOGUEIRA, 2007b).

Nosso estudo refere-se a “uma fronteira que remete a uma ideia de demarcação, como espaço físico geográfico, mas também como espaço político-cultural que agrega ou conflita pessoas em suas múltiplas relações”. (UCHÔA, 2019, p. 49). É essa fronteira como linha imaginária que separa nações, línguas, culturas, sociedades, que também pode delimitar o espaço do eu e do outro nas relações socioculturais e nos processos identitários:

A pós-modernidade, ao derrubar muitos paradigmas, traz consigo este novo imaginário para fronteiras, agora como espaço de trocas ou como o “lôcus onde se encontram culturas diferentes, sociedades diferentes, economias diferentes, populações diferentes, enfim, onde ocorrem mudanças quantitativas e qualitativas nas vidas das pessoas e populações envolvidas (...) (CASTROGIOVANNI e GASTAL, 2006, p.9)

No aporte de Machado (1998, p.48) temos que a divisão fronteira ou “marcos de fronteira” acabam por ser “uma abstração, generalizada na lei nacional, sujeita às leis internacionais, mas distante, frequentemente, dos desejos e aspirações dos habitantes de fronteira.”.

Nogueira (2007b, p. 34), em sua análise sobre as interações ocorridas e o grau destas em uma fronteira, corrobora na constituição do que denomina “identidades fronteiriças”, conforme segue:

1. quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a um contraponto às regiões centrais, sendo essencialmente nacional. Aqui a fronteira é um espaço de referência identitária exclusivamente nacional; e 2) quando o ‘ser da fronteira’ diz respeito a uma interação de identidade binacional, em que os dois lados se reconhecem como fronteiriços e com tal identidade e forma de relacionamento frente aos respectivos estados nacionais. Ser da fronteira aqui significa uma superação dos limites formais do Estado Nacional, sendo a sociedade civil o principal agente da interação.

No estudo do contato linguístico, observamos que “o problema do contato linguístico tem que ser considerado no contexto amplo do contato cultural: as línguas, é sabido, fazem parte das culturas, e é impensável um contato só linguístico”. (ELIZAINCÍN, 2008, p.181). As relações de contato ocorrem em processos que envolvem os diversos aspectos da dinâmica complexa dos processos socioculturais existentes em uma fronteira ou em uma tríplice fronteira como é o caso de nosso campo de estudo.

Bakhtin (2002, p 156) nos apresenta o conceito de “hibridismo linguístico onde ocorre quando há a presença de dois códigos linguísticos que tendem a gerar “uma hibridação

involuntária e inconsciente (...) uma modalidade mais importante da existência histórica das transformações das linguagens”. Esse processo ocorre como forma de acomodação linguística na convivência em ambientes fronteiriços, multi e plurilíngue.

O Brasil é um país conformado por fronteiras linguísticas ao longo de sua extensa dimensão territorial, a qual faz limite com 10 dos 12 países que formam a América do Sul, a exceção de Chile e Equador. Nessa condição, “o convívio do Português com outros idiomas também se dá pela presença de um grande número de línguas indígenas e de imigração, as quais estabelecem situações de fronteira – culturais, linguísticas – em pleno interior do solo brasileiro.” (SILVA; GONÇALVES, p. 2, 2017).

Neste sentido, podemos falar de fronteiras bi e trinacionais que fazem limite com o território brasileiro. Em ambos os casos temos o contato linguístico entre português e espanhol em cenários culturais e sujeitos com vivências e identidades peculiares à sua dinâmica sociolinguística e sobre as quais iremos nos debruçar a partir deste momento.

Em relação às fronteiras temos como principais representantes as cidades gêmeas, as quais são zonas assim classificadas pela Portaria nº 2.507, de 5 de outubro de 2021, do Ministério de Desenvolvimento Regional (MDR):

Art. 1º Serão consideradas cidades gêmeas os Municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

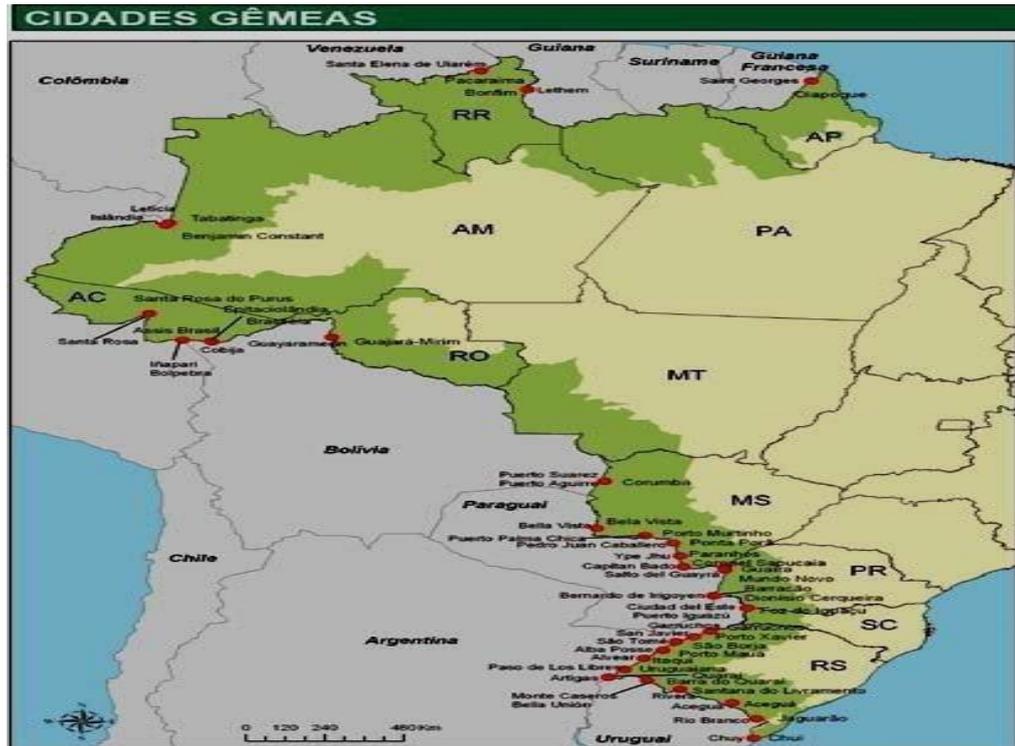
Art. 2º Não serão consideradas cidades gêmeas aquelas que apresentem, individualmente, população inferior a dois mil habitantes.

Parágrafo único. Os Municípios designados como localidades fronteiriças vinculadas em acordos internacionais celebrados pela República Federativa do Brasil e ratificados pelo Congresso Nacional, que não constam na lista do Anexo I desta portaria, serão considerados equiparados às cidades gêmeas.²⁵

As cidades-gêmeas se estendem por toda a faixa de fronteira brasileira, de norte a sul do país, conforme vemos na Figura 5 e Tabela 1:

²⁵ Ver tabela com lista de cidades-gêmeas em anexo.

Figura 5 - Mapa das cidades - gêmeas brasileiras



Fonte: <https://www.tudogeo.com.br/wp-content/uploads/2021/10/Cidades-gemeas.jpeg>

Tabela 1 - Cidades- Gêmeas no Brasil

CIDADES GÊMEAS NO BRASIL			
1	Aceguá (RS)	Acegua (Uruguai)	
2	Barra do Quaraí (RS)	Monte Caseros (Argentina)	Bella Unión (Uruguai)
3	Chuí (RS)	Chuy (Uruguai)	
4	Itaqui (RS)	Alvear (Argentina)	
5	Jaguarão (RS)	Rio Branco (Uruguai)	
6	Porto Xavier (RS)	San Javier (Argentina)	
7	Porto Mauá (RS)	Alba Posse (Argentina)	
8	Quaraí (RS)	Artigas (Uruguai)	
9	Santana do Livramento (RS)	Rivera (Uruguai)	
10	São Borja (RS)	Santo Tomé (Argentina)	
11	Uruguaiana (RS)	Paso de Los Libres (Argentina)	
12	Dionísio Cerqueira (SC)	Bernardo de Irigoyen	

		(Argentina)	
13	Barracão (PR)	Bernardo de Irigoyen (Argentina)	
14	Santo Antônio do Sudoeste (PR)	Santo Antonio (Argentina)	
15	Foz do Iguaçu (PR)	Ciudad del Este (Paraguai)	Puerto Iguazú (Argentina)
16	Guaíra (PR)	Salto del Guairá (Paraguai)	
17	Mundo Novo (MS)	Salto del Guairá (Paraguai)	
18	Bela Vista (MS)	Bella Vista (Paraguai)	
19	Corumbá (MS)	Puerto Quijarro (Bolívia)	
20	Paranhos (MS)	Ypejhú (Paraguai)	
21	Ponta Porã (MS)	Pedro Juan Caballero (Paraguai)	
22	Coronel Sapucaia (MS)	Capitán Bado (Paraguai)	
23	Porto Murtinho (MS)	Capitán Carmelo Peralta (Paraguai)	
24	Cáceres (MT)	San Matías (Bolívia)	
25	Assis Brasil (AC)	Iñapari (Peru)	Bolpebra (Bolívia)
26	Brasiléia (AC)	Cobija (Bolívia)	
27	Epitaciolândia (AC)	Cobija (Bolívia)	
28	Santa Rosa do Purus (AC)	Ucayali (Peru)	
29	Bonfim (RR)	Lethem (Guiana)	
30	Pacaraima (RR)	Santa Elena (Venezuela)	
31	Oiapoque (AP)	Saint-Georges de l'Oyapock (Guiana Francesa)	
32	Guajará-Mirim (RO)	Guayaramerin (Bolívia)	
33	Tabatinga (AM)	Letícia (Colômbia)	

Fonte: <https://www.tudogeo.com.br/2021/10/14/cidades-gemeas-o-que-sao-e-quantas-existem-no-brasil/> /Adaptado por Alves, 2022.

Observa-se que “quase dois séculos depois de conflitos, solucionados pelas armas ou pela diplomacia, ainda desconhecemos muito da situação de contato das línguas portuguesa e espanhola nas zonas fronteiriças do Brasil com os demais países hispano-americanos.” (STURZA, p. 47, 2017), razão pela qual faz-se mister que se estabeleçam estudos mais aprofundados sobre essas zonas de contato.

A fronteira do Brasil com a Bolívia apresenta uma extensão territorial de 3.423,2 km, perfazendo limites com os seguintes estados: Acre, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. No relativo a Brasil/Bolívia, a autora Uchôa (2019) nos apresenta a fronteira rondoniense analisando a política curricular adotada pela SEDUC -RO e suas implicações nas práticas curriculares das instituições educativas das localidades de Nova Mamoré e Guajará -Mirim - RO. Nesse estudo, evidencia a existência de discriminação sofrida pelos alunos imigrantes e descendentes de bolivianos, bem como a falta de políticas linguísticas específicas para que ocorra um atendimento apropriado ao contexto fronteiriço ao qual está inserido.

Já a fronteira do Brasil com a Venezuela tem uma extensão de 2.199 km, sendo limítrofes com os estados de Roraima e Amazonas. Em sua dissertação de mestrado, a autora Zambrano (2016, p. 22) realiza uma análise de como ocorre o “relacionamento dos ‘brasileiros venezuelanos’ dentro de uma instituição de ensino” brasileira, na fronteira das cidades-gêmeas Pacaraima – BR e Santa Elena de Uairén – VE. Em seu estudo, observa que a integração entre os estudantes ocorre de forma gradual e contínua, intensificando-se por meio da construção de uma identidade híbrida.

O autor Senhoras (2013, p. 1068) nos apresenta a fronteira com a Guiana, que representa 1.605,8 km ao longo dos territórios dos estados de Roraima e Pará. Seu estudo intitulado Dinâmica Fronteiriça das cidades-gêmeas entre Brasil e Guyana nos apresenta a fronteira entre as cidades de Bonfim - BR e Lethem – GU a partir do viés geopolítico, reforçando a “importância deste entorno fronteiriço, tanto para o desenvolvimento nacional, quanto para a integração regional”.

O Paraguai possui uma extensão territorial limítrofe com o Brasil de 1.365,4 km que abarca os estados do Paraná e Mato Grosso do Sul.

Com a Argentina, nossa fronteira se estende por 1.261,3 km ao longo dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em relação ao Uruguai, a extensão fronteiriça é de 1.068,1 km apenas com o estado do Rio Grande do Sul. Estudos apontam evidências que no Uruguai existe uma variante

linguística denominada “o fronterizo” que é um dialeto de base portuguesa, hispanizada, o qual quebra a homogeneidade linguística do espanhol no Uruguai (STURZA, 2005 p. 50).

O Brasil também possui fronteira com a Guiana Francesa, sendo 730,4 km com o estado do Amapá. É uma região com poucos estudos linguísticos no Brasil. A autora Day (2013, 180), afirma que esta fronteira “vive suas próprias realidades e seguem sendo, em certa medida, uma tradução do conjunto de regras que delimitam a paisagem política, jurídica, social, econômica, cultural e linguística deste estado-nação plurilíngue e pluricultural que é o Brasil”.

Com o Suriname, o Brasil tem uma extensão territorial de fronteira de 593 km em relação aos estados do Amapá e Pará. Poucos estudos linguísticos foram encontrados em relação a esta fronteira. Os trabalhos encontrados indicam tensão e aspectos conflituosos na relação entre ambos os países, tratando especialmente dos aspectos geopolíticos, ambientais e de diáspora.

Com a Colômbia, a extensão territorial fronteiriça é de 1.644,2 km apenas com o estado do Amazonas. Os estudos encontrados acerca deste limite, trata da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, possivelmente porque a fronteira se dá justamente nesse trecho, não havendo fronteira específica apenas com o Brasil.

Já a fronteira do Brasil com o Peru possui uma extensão de 2.995,3 com os estados do Acre e Amazonas, apresentando trabalhos binacionais relativos à fronteira Peru e Acre – BR. Em um destes trabalhos, o autor Pimenta (2012, p. 111) afirma que “as políticas governamentais dos dois países possuem características próprias e seus impactos se manifestaram diferentemente nos dois lados da fronteira”, estudo desenvolvido sobre etnicidade do povo Ashaninka na fronteira Brasil – Peru.

Os estudos sobre as fronteiras brasileiras envolvem os diferentes campos do conhecimento científico, político e social. Em nosso levantamento, observamos que ao longo dos anos as fronteiras vêm ganhando destaque como objeto de estudo dentro das academias. Importante ressaltar ainda que tal qual as fronteiras, os sujeitos que as compõem também têm sido atendidos dentro dos estudos realizados, posto que é o componente humano que habilita o processo social e identitário fronteiriço.

Segundo o Grupo de Pesquisa sobre Tríplice Fronteira – GTF/UNILA (Fig. 2), em nosso país temos apenas mais 9 locais na mesma condição (Figura 2). E no Arco Norte, apenas Assis Brasil/Bolpebra/Iñapari e Tabatinga/Letícia/Santa Rosa compõem tríplice

fronteira (IPEA, 2018). Orlandi (2007, p. 64), nos assevera que “o Brasil é multilíngue, pois, praticam-se línguas como o português, as línguas indígenas, as de imigração, as de fronteira, quanto no sentido de que o português se divide em várias ‘línguas’ em vários e diversos falares das regiões as mais diversas.”.

Figura 6 - Mapa das tríplexes fronteiras do Brasil



Fonte: Grupo de pesquisa sobre Tríplex Fronteira/ GTF/UNILA.

O conhecimento de como ocorre as relações linguística, especialmente entre português e espanhol nas zonas de contato, é importante condicional, a partir das políticas de integração de países, visando ao reconhecimento e respeito às especificidades socioculturais e linguísticas regionais, particularmente das fronteiras, subsidiando assim políticas pedagógicas a estas. (ESPIGA, 2006).

A cidade de Tabatinga é “circunscrita por diferentes povos que convivem lado a lado: brasileiros, colombianos, peruanos, árabes e indígenas. Desse modo, língua e cultura distintas conferem à cidade uma realidade intrinsecamente diversificada” (VIANA; MARGOTTI, 2021, p.41) no relativo a fronteiras linguísticas.

O estudo desenvolvido por Viana e Margotti (2021, p. 42), acrescentam o árabe à pluralidade linguística da cidade de Tabatinga. Em sua observação, ressalta que “a

comunidade árabe merece igual destaque, visto que, juntamente com as demais línguas e culturas, confere à tríplice fronteira uma característica inegavelmente cosmopolita”. Observa ainda sobre a comunidade árabe no município que:

Os primeiros imigrantes árabes chegaram à cidade de Tabatinga em 1968. Em sua maioria eram comerciantes do setor de calçados e, no decorrer dos anos, os árabes e seus descendentes casaram-se com brasileiras nativas da cidade. Com o passar do tempo, como resultado dos casamentos interraciais, a segunda geração passou a ter competência nas duas línguas, isto é, em português em árabe. (Op. cit.)

Pequena, mas cosmopolita, a cidade fronteira do interior Amazonas é cenário de muitos encontros linguísticos e culturais. Encontros, desencontros, processos socioculturais e linguísticos são produzidos neste lugar. Evocando-se, portanto, um estudo que analise a construção identitária deste lugar que remete a tantas culturas e línguas.

Em seu estudo, Suarez, (2013, p.11,12), assinala que:

Deve-se ter em conta que o espaço ocupado pelas cidades gêmeas de Tabatinga e Letícia e toda a sua área de influência apresentam características comuns que lhes permite desenhar estratégias de cooperação desde o nível local e regional até a necessária e coordenada articulação com o nível nacional onde suas relações decorrem por uma longa integração natural e de fato, relações de boa vizinhança e não de confronto.

O trabalho de Aponte - Motta (2001, p. 205) sobre a tríplice fronteira, apresenta que:

Leticia y Tabatinga son dos ciudades fronterizas que surgieron de un prolongado y conflictivo proceso de lucha por la definición de áreas de influencia y control territorial en la Amazonia, primero de las potencias coloniales y después de los estados nacionales. Han crecido por los intercambios transfronterizos que las vinculan con mercados regionales y globales, por los flujos migratorios que discurren por la cuenca del río Amazonas, así como por los esfuerzos de brasileños, peruanos y colombianos de hacer de estos puestos fronterizos ciudades articuladas a las economías nacionales²⁶.

²⁶ Tradução: Letícia e Tabatinga são duas cidades fronteiriças que surgiram de um prolongado e penoso processo de luta pela definição de áreas de influência e controle territorial na Amazônia, primeiro das potências coloniais e depois dos estados nacionais. Elas cresceram pelos intercâmbios transfronteiriços que as vinculam com mercados regionais e globais, pelos fluxos migratórios que decorrem pela bacia do rio Amazonas, assim como pelos esforços de brasileiros, peruanos e colombianos de fazer destes postos fronteiriços cidades articuladas às economias nacionais.

Para o nosso estudo das relações de contato e efeitos que esse processo desencadeia para a comunidade tri-fronteiriça, contamos também com o aporte da Sociolinguística, cujo “resultado dos contatos é um dos primeiros objetos de estudo da sociolinguística”. (CALVET, 2002, p. 27).

Em nossa pesquisa de campo, entrevistamos sujeitos que pudessem aportar dados sobre as fronteiras linguísticas que se expressam na zona fronteiriça de Brasil, Colômbia e Peru, observando os olhares de um brasileiro, um peruano e um colombiano em relação aos fenômenos linguísticos que decorrem destas relações plurais.

Na percepção peruana, a partir do olhar de nossa entrevistada, a qual será chamada de Rosa Maria²⁷, solteira, peruana, 40 anos, comerciante, evidenciamos em sua fala o reconhecimento à presença de língua indígena, além do português e espanhol, quando perguntada sobre que língua se fala na cidade de Tabatinga:

Portunhol (risos) e a indígena, o Ticuna, eu acho (risos). Não falo (Ticuna) mas aí vem um bocado *nhém, nhém, nhém*²⁸ mas não sei... Portunhol é o que a maioria fala, que mistura muito o português com o espanhol. Eu acho que o que eu falo é portunhol também.
(Rosa Maria, Entrevista, 2022)

De acordo a Bagno (2013, p.323), que “língua é e só pode ser um conceito sociológico, antropológico e político”, isto porque, segue o autor, trata-se de “um conceito inseparavelmente entrelaçado com as crenças, superstições, juízos de valor, preconceitos, representações sociais e ideologias que circulam numa sociedade, inclusive acadêmicos e científicos”. Na fala da entrevistada, embora reconheça a presença da língua Ticuna²⁹ no cotidiano da cidade, evidencia que é uma prática específica para os falantes indígenas. A população não-indígena, continua encaixando-se no perfil do falante bilingue português/espanhol, por meio da realização do portunhol.

Quanto à definição de portunhol, temos que:

A pessoa plurilíngue usa duas ou mais variedades linguísticas e é capaz de mudar de uma para outra quando necessário, independente, das competências, aquisição e distância entre as variedades. O *Portunhol* é o processo de interlíngua de um aprendiz de português ou espanhol em situação formal; ou este *Portunhol* pode ser a mistura dessas línguas usada

²⁷ A identificação real da entrevistada foi mantida em sigilo em razão de fala com manifestação de juízo de valor pejorativo. Desta forma, buscamos reduzir risco de exposição de nossa entrevistada. Suas respostas foram em língua portuguesa, possivelmente por estarem sendo dirigidas à pesquisadora, nativa de língua portuguesa.

²⁸ A entrevistada usou o termo *nhém, nhém, nhém* para se referir à sonoridade/forma como os ticunas falam/enunciam sua língua, pois segundo ela, não entende e não sabe reproduzir a língua Ticuna.

²⁹ Neste trabalho utilizaremos a grafia Ticuna para nos referirmos ao povo e língua indígena localizado no Alto Solimões/AM, de mesmo nome. A grafia Tikuna será utilizada em nomes ou citações textuais onde a etnia/povo esteja previamente grafada com k.

para a comunicação imediata, em qualquer situação informal, seja ela na fronteira ou não. (STURZA; TATSCH, 2016, p. 94, grifo das autoras).

De acordo a Sturza (2006, p. 65), no caso de línguas que são diferentes como é o caso do espanhol e do português, “o espaço de funcionamento dessas línguas é regulado pelas relações que estabelecem entre si e com as demais línguas da fronteira. Por ser um espaço contido pelas limitações geopolíticas, ele condiciona as línguas a uma situação de confronto e de convivência”.

Evidencia-se assim, um espaço de enunciação fronteiriço na região de tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, posto que as ocorrências linguísticas decorrentes do lugar contrariam os sentidos da língua nacional, dividindo espaço com as demais línguas do lugar em práticas linguísticas fronteiriças. (STURZA, 2006).

Na percepção colombiana, observada por Ángel Campo, 39 anos, colombiano, solteiro, a presença da forma linguística portunhol é reforçada por meio de sua fala, conforme podemos observar ao nos responder sobre qual a língua falada na cidade de Tabatinga:

Portuñol, cuando se mezcla mucho el portugués con el español, o sea, mezclan demasiado y aquí se ve mucho³⁰.
(Ángel, Entrevista, 2022)

Para Sturza (2010), muitas vezes o “portunhol” é tido como um desconhecimento da língua ou ainda associado a um “mal falar” do indivíduo. A estudiosa afirma que tal prática deve ser compreendida como uma certa síntese dos dois idiomas em contato, sem que um tenha privilégio sobre o outro. Conceitua que “o portunhol é esta mescla, mistura que se define por um estado de processo, em constante trocar-se, misturar-se”. (STURZA, 2010, p. 95).

Contudo, o nosso entrevistado destaca que observa que os brasileiros, normalmente não abrem mão de utilizar sua língua nativa, mesmo quando em diálogo com um hispanofalante, ainda que se dirijam a ele em espanhol.

En las relaciones predomina mucho el portugués, el brasilero nunca quiere dejar su lengua, este donde este siempre quiere estar hablando portugués y quieren, ni siquiera uno habla con él y tienen que hablar el portugués también³¹.
(Ángel. Entrevista, 2022)

³⁰ Tradução: Portunhol, quando se mistura muito o português com o espanhol, ou seja, misturam muito e aqui se vê muito.

³¹ Tradução: Nas relações predomina muito o português, o brasileiro nunca quer deixar sua língua, esteja onde estiver, sempre quer estar falando português e quer que a gente fale com ele em português também.

A autora Sturza (2005, p. 49) conceitua o portunhol como uma “interlíngua” o qual “[...] remete ao processo de aquisição, especialmente do espanhol por parte de falantes brasileiros”. Entretanto, o termo linguístico costuma ser usado equivocadamente por pessoas inexperientes. Interlíngua é “[...] aquele espaço cognitivo / linguístico existente entre a língua nativa e a língua que a pessoa aprende. Interlínguas são línguas não nativas, que são criadas e faladas sempre que houver contato linguístico” (SELINKER 2014, 223). Fernández (1997) analisa que a aprendizagem de uma língua estrangeira passa pelo uso, como etapa obrigatória, de uma interlíngua.

Também destacou que aprecia muito a sonoridade do falar brasileiro fronteiriço, quando pronuncia o espanhol com sotaque brasileiro, dizendo ser muito agradável aos ouvidos e peculiar à região:

Uno lo siente raro, una mujer o un brasilero tratando de hablar español, lo habla, el acento brasilero se escucha chévere, centradito, lo habla cantado, al brasilero, al acento brasilero³².
(Ángel, Entrevista, 2022)

Para Burke (2003, p. 14), “existe uma tendência global para a mistura e a hibridação, sendo os encontros culturais cada vez mais intensos”, desta forma, parece ser comum que a percepção de uma nova cultura, a qual o indivíduo se identifique, seja sonora, agradável para sua percepção de ouvinte.

2.2 As fronteiras das alteridades

Experiência feita do tecido de nossos atos diários, a alteridade é, antes de tudo, a percepção de que somos outros sem deixar de ser o que somos, e que, sem deixar de estar onde estamos, nosso verdadeiro ser está em outra parte.

Octavio Paz

³² **Tradução:** A gente sente algo estranho, uma mulher ou brasileiro tratando de falar espanhol, ao falar, o sotaque brasileiro se escuta legal, direitinho, fala cantado, à brasileira, ao sotaque brasileiro.

Os fenômenos decorrentes do encontro de culturas em uma cidade como Tabatinga – são ampliados dada a sua condição fronteiriça, a qual não é só geográfica, mas é também sociocultural envolvendo valores, afetividade, alteridade e pertencimento e de reciprocidade. Neste subcapítulo trataremos de abordar a questão com o “outro” dos países vizinhos Colômbia e Peru. Observa-se que ao “conceituar o estrangeiro nos possibilita localizar a figura do ser sob o olhar da alteridade: o Eu ser o Outro (s), pois quando o reconhecemos, o aceitamos.” (BERTELLI, 2020, p. 59).

Esse encontro de não iguais, ao mesmo tempo conflituoso e enriquecedor, constrói um espaço de nova cultura, uma cultura que poderíamos denominar cultura hibridizada, categoria em análise. De acordo com Said (1990, p. 460),

[...] um dos grandes progressos na moderna teoria cultural é a percepção, quase universalmente reconhecida, de que as culturas são híbridas e heterogêneas, e de que, como argumentei em *Cultura e Imperialismo*, as culturas e as civilizações são tão inter-relacionadas e interdependentes a ponto de irem além de qualquer descrição unitária ou simplesmente delineada de sua individualidade.

Nesse processo, Tabatinga se funda sob o manto de várias culturas que formam um caldo cultural híbrido, ao mesmo tempo em que se insere no processo de recolonização (reproduzindo o sistema colonizador x colonizado), mas também globalizado, apontando para o horizonte das alteridades (ALVES e JUSTAMAND, 2019). Conforme Gonçalves³³ (2011, p. 5):

Na fronteira a percepção da diferença é de fundamental importância para a afirmação de um grupo cultural, pois é ela que produz uma variedade de diferentes posições de sujeitos, ou seja, a identidade para os indivíduos. Assim, a alteridade se torna um paradigma da fronteira pelo fato de que a partir da mesma é que a identidade dos sujeitos que habitam as zonas fronteiriças é formada, pois são as diferenças, a forma como se enxerga o outro é quem vai influenciar a construção da identidade na fronteira.

Mesmo em lugares afastados dos grandes centros, como a cidade de Tabatinga, conectam-se com o mundo graças às diferentes redes de comunicação (rádio, TV, internet); é preciso abandonar a ideia de que estamos isolados e presos a um só padrão cultural (HALL, 2006, p. 74). Diante desta perspectiva, as fronteiras das alteridades afloram trazendo à tona os conceitos, pré-conceitos, cultura e percepção de mundo dos indivíduos.

³³ Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/15/. Acesso em: 25 jan. 2019.

Oliveira (2014b) em seu estudo, salienta que,

Na compreensão das cidades da Amazônia para além da paisagem aparente, é preciso compreender a complexidade da sociedade contemporânea e para isso, é necessária a superação de formas simplistas de interpretações e de intervenções, reconhecendo que estas práticas são engendradas a partir de condições objetivas e estão mediadas pelas contradições e conflitos da sociedade. Essa compreensão leva ao estabelecimento de estratégias para a resolução de problemas que na maioria dos casos não fazem parte das agendas das populações locais. (OLIVEIRA, 2014b, p. 8)

Neste jogo de poder o tradicional perde seu espaço dominante e a sociedade assiste à uma reorganização do “jogo dialético entre o local e o global”, obrigando a que os sujeitos escolham um estilo de vida, uma cultura nova, a partir do leque de opções que se apresenta (GIDDENS, 2002, p.13). Cai por terra o ideal pré-estabelecido de que lugares remotos, seriam “eticamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade” (HALL, 2005, p. 79-80). Vê-se os efeitos da globalização em todo lugar, inclusive na “periferia”. “A ideia de que há lugares ‘intocados’, ‘puros’, é fruto fantasioso do colonizador ocidental em sua forma de ver o outro.” (HALL, 2005, p. 79-80).

De acordo com Oliveira (2014b), o fato de se tratar de uma fronteira, difere o contexto da cidade de Tabatinga. Dessa forma, temos uma cidade ímpar no Amazonas, dadas suas características históricas e de seu povo. Sobre a tríplice fronteira Brasil, Colômbia, Peru, onde está localizada a cidade de Tabatinga, cidade gêmea com a cidade de Letícia, capital do Amazonas colombiano, Martins (2009, p. 150), avalia que:

A fronteira é essencialmente o lugar da alteridade [...] é o lugar do encontro dos que por diferentes razões são diferentes entre si [...] a fronteira é um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrente das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada grupo humano. O desencontro de temporalidades históricas, pois cada grupo está situado diversamente no tempo da História.

Mas, nem sempre, esse ambiente miscigenado e cosmopolita da fronteira tem uma concepção positiva, Albuquerque (2009, p. 155) alude dizendo conter um aspecto negativo, do ponto de vista do monopólio da soberania nacional vivenciada na fronteira Brasil e Paraguai (brasiguai). Vejamos:

[...]. Os moradores fronteiriços estão acostumados a misturar os idiomas, as músicas, a culinária, etc., a criar estereótipos sobre os outros e se identificar com suas respectivas nações. Mas os governos e a maioria dos educadores veem a mistura como um perigo e um medo de perder a soberania nacional. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 155)

Observe-se, pois, que os processos fronteiriços contêm aspectos positivos e negativos, dependendo de como se vê o processo e também de quem o observa. Identificar o *modus vivendi* dentro de uma sociedade fronteiriça, aponta para as bifurcações de suas culturas, tornando-se fundamental neste estudo sobre a construção identitária na cidade de Tabatinga. Castro (2012, p. 58-59) nos fala que: “A fronteira é um espaço complexo, com muitos atores sociais e étnicos e agentes econômicos, redes de comércio, migrantes que chegam com interesses diversos e veem aí um espaço também de oportunidades e de negócios.”

Quanto ao conceito de alteridade temos que “é um conceito mais restrito do que diversidade e mais extenso do que diferença”. (ABBAGNANO, 1998, p.34). Isto posto, observamos que o conceito aborda a subjetividade dos sujeitos quanto ao seu olhar para o outro, quanto a refletir no outro as suas percepções individuais construídas a partir de suas vivências, experiências, valores, cultura e identidade.

De acordo com Maffesoli (1998 p. 121), “podemos dizer que a partir da concepção que determinada época faz da alteridade é que se pode determinar a forma essencial de uma dada sociedade”. Para o autor, existe uma “lógica de rede” no desenvolvimento das sociedades pós-modernas “será menos o objetivo que se deseja atingir do que o próprio fato de estar junto que prevalecerá, ao que chama de “sociedade eletiva.”. (MAFFESOLI, 1998, p.121).

Para a autora Janet Paterson (2007, p. 16), os conceitos de “alteridade e identidade são inseparáveis”. Em sua discussão, apresenta que é preciso distinguir entre os conceitos de “diferença e alteridade”, posto que em muitos momentos somos diferentes dos demais, contudo, são diferenças que não provocam alteridade, “é o valor atribuído a essa diferença que produz a alteridade”. Sua abordagem esclarecedora sobre o conceito de alteridade e suas interrelações com o sujeito nos mostram que:

Quando discutimos o outro, frequentemente focalizamos formas diferentes de alteridade como se elas estivessem separadas de nossa consciência e identidade. Entretanto, alteridade implica um processo cognitivo (e, muitas vezes, ideológico) que se manifesta dentro do sujeito e conseqüentemente dentro da sociedade. (PATERSON, 2007, p. 15)

Discutindo sobre alteridade Hall (2008, p. 83), nos relata que para os povos que migram: “sua integração vertical a suas tradições de origem coexiste como vínculos laterais

estabelecidos com outras “comunidades” de interesse, prática e aspirações, reais ou simbólicas”. Nesta obra, o autor utiliza o termo diferença para expressar o conceito de alteridade, o qual contrasta com o de identidade. Em linhas gerais, denota-se que, ao que o sujeito se identifica com um determinado grupo, distinguindo-se de outros, tem marcada sua identidade. (Id., 2008). Ressalte-se que: “O caráter daquilo que simboliza o outro envolve identidade, diversidade, exclusão. Desse modo, é preciso administrar a diferença, ou seja, colocar-se no lugar do ‘outro’”. (MENESES, 2013, p. 31).

Em Todorov (1993, p. 3) discute-se sobre alteridade que: “qualquer pesquisa sobre a alteridade é necessariamente semiótica; e reciprocamente: a semiótica não pode ser pensada fora da relação com o outro”. Trata-se de um conceito complexo, posto que incute as representações internas do sujeito em relação ao outro, o qual também compreende representações internas diversas. O autor ainda destaca que a problemática da alteridade precisa ser distinguida em pelo menos três eixos:

Primeiramente, um julgamento de valor (um plano axiológico³⁴): o outro é bom ou mau, gosto dele ou não gosto dele, ou, como se dizia na época, me é igual ou me é inferior (pois, evidentemente, na maior parte do tempo, sou bom e tenho auto-estima...). Há, em segundo lugar, a ação de aproximação ou de distanciamento em relação ao outro (um plano praxiológico³⁵): a dos valores do outro, identifico-me a ele; ou então assimilo o outro, impondo-lhe minha própria imagem; entre a submissão ao outro e a submissão do outro há ainda um terceiro termo, que é a neutralidade, ou indiferença. Em terceiro lugar, conheço ou ignoro a identidade do outro (seria o plano epistêmico); aqui não há, evidentemente, nenhum absoluto, mas uma gradação infinita entre os estados de conhecimento inferiores e superiores. (TODOROV, 1993, p. 99).

Pensando nas relações intrínsecas desta tríplice fronteira pretendeu-se observar e analisar o olhar dos sujeitos desses dois países vizinhos, Colômbia e Peru, em relação ao município de Tabatinga e seus moradores, bem como perceber como se estabelecem as fronteiras das alteridades em relação aos imigrantes peruanos e colombianos, a partir da perspectiva do “outro” estrangeiro.

Uma dessas relações nos foi apresentada por meio da pesquisa de campo, por nosso entrevistado, o qual será chamado pelo nome fictício de Andrés³⁶, 39 anos, colombiano,

³⁴ É tudo aquilo que se refere a um conceito de valor ou que constitui uma axiologia, isto é, os valores predominantes em uma determinada sociedade. <https://dicionario.priberam.org/>

³⁵ Relacionado à atuação e ao comportamento humano. <https://dicionario.priberam.org/>

³⁶ O entrevistado realizou toda a entrevista em língua espanhola, sua língua nativa. Em alguns trechos da entrevista, ele relata que fala português, que entende muito bem, mas manteve-se em sua língua materna, apesar dos estímulos para que se sentisse à vontade para a alternância linguística. Em alguns trechos, faz menção a

cantor. Quando perguntado sobre qual a sua relação com a cidade de Tabatinga nos responde da seguinte forma:

Mi relación con la ciudad de Tabatinga es sobre todo la cultura. Me siento más brasileiro, que colombiano.³⁷
(Andrés, Entrevista, 2022).

Na fala de nosso entrevistado subentende-se uma relação de afinidade em relação ao Brasil, aos cidadãos tabatinguenses quando fala sobre “cultura”, estabelece não apenas o aspecto artístico, mas estendido ao modo de ser do brasileiro, sua maneira de tratá-lo, estabelecer relações e de viver e se relacionar.

Em seu relato, segue expondo sua percepção acerca de como é visto, percebido pelos brasileiros em Tabatinga:

Yo llego a Brasil, soy extranjero. No me considero extranjero, pero para la gente de acá, los brasileiros, yo soy extranjero. Me identifico mucho con Brasil. Tengo más amigos brasileiros, que colombianos y que peruanos.³⁸
(Andrés, Entrevista, 2022).

Notadamente, o entrevistado reitera que, embora estrangeiro e reconhecido estrangeiro pelos brasileiros na fronteira, não se sente assim, pois compartilha, admira e assimila a cultura brasileira. Sua atitude positiva em relação aos brasileiros, bem como a reciprocidade desta, vê-se refletida no fato de que mantém mais interações amistosas entre brasileiros do que entre os seus compatriotas colombianos e até mesmo em relação aos peruanos, que compartilham do mesmo idioma (espanhol) como língua materna.

Alves e Justamand (2019, p. 42) afirmam que há “interações complexas” na Tríplice fronteira, especialmente nas relações entre brasileiros e peruanos. Conforme esses autores, “os relacionamentos oriundos desse contato migratório ocasionam outros, de ordem sociolinguística, cultural e identitário.” Note-se que há um importante nicho de estudos referentes à alteridade na região, conforme nos mostra Gonçalves (2019, p. 6):

Na fronteira a percepção da diferença é de fundamental importância para a afirmação de um grupo cultural, pois é ela que produz uma variedade de diferentes posições de sujeitos, ou seja, a identidade para os indivíduos. Assim, a alteridade se torna um paradigma da fronteira pelo fato de que a

termos em língua portuguesa, como nomes próprios, os quais não teriam equivalência, sentido em sua língua nativa.

³⁷ Tradução: Minha relação com a cidade de Tabatinga é, acima de tudo, a cultura. Eu me sinto mais brasileiro que colombiano.

³⁸ Eu chego ao Brasil, sou estrangeiro. Não me considero estrangeiro, mas para as pessoas daqui, os brasileiros, eu sou estrangeiro. Eu me identifico muito com o Brasil. Tenho mais amigos brasileiros, que colombianos e que peruanos.

partir da mesma é que a identidade dos sujeitos que habitam as zonas fronteiriças é formada, pois são as diferenças, a forma como se enxerga o outro é quem vai influenciar a construção da identidade na fronteira.

Ainda durante a entrevista, perguntamos a Andrés, acerca de sua percepção quanto à presença de peruanos na cidade de Tabatinga. Na ocasião registramos o seguinte relato:

Hay bastantes. O sea, con todo respeto, se hacen pasar por brasileiros. A mí, si me preguntan: ¿Tú eres brasileiro? Porque dicen que tengo la fisionomía de brasileiro y que hablo bien el portugués, pero yo les digo: - No, yo soy colombiano. Ya los peruanos dicen: - Yo soy brasileiro. Pero con el acento peruano. Hay bastantes, bastantes, bastantes. Creo que la mayoría de los comerciantes del puerto son peruanos.³⁹
(Andrés, Entrevista, 2022).

A fala enfática de nosso entrevistado acerca da quantidade de peruanos percebida na cidade de Tabatinga denota um descontentamento quanto ao fato. É possível perceber que, embora não utilize o termo fingir ou enganar, deixa transparecer em seu relato o incômodo por se passarem por brasileiros sem o serem de fato. Acrescenta à sua fala que haveria uma similitude de sua aparência em relação aos brasileiros, ou seja, que há uma aparência física que denota o ser brasileiro⁴⁰ na qual o peruano não se encaixaria, a partir de sua percepção e alteridade.

Segundo estudos anteriores, Alves; Justamand (2019) nos apresentam os seguintes dados sobre a presença peruana na cidade de Tabatinga – AM, região de tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru:

Nesta localidade, a presença de peruanos é uma realidade. Muitos já foram naturalizados brasileiros; outros são residentes legalizados; e, há, ainda, aqueles que estão em condição clandestina. A grande presença desses imigrantes em nosso país se dá, não apenas pela proximidade à cidade peruana Santa Rosa; mas também pela busca por melhor qualidade de vida. São atraídos, principalmente, pela oferta de educação e saúde gratuita; bem como pelo desenvolvimento de atividades comerciais — visando a aproveitar as melhores condições econômicas que são percebidas no lado brasileiro. (ALVES; JUSTAMAND, p. 38-39).

³⁹ **Tradução:** Há bastantes. Ou seja, com todo respeito, se fazem passar por brasileiros. A mim, se me perguntam: Tu és brasileiro? Porque dizem que tenho a fisionomia e brasileiro e que falo bem o português, mas eu lhes digo: - Não, eu sou colombiano. Já os peruanos dizem: - Eu sou brasileiro. Mas com o sotaque peruano. Tem bastantes, bastantes, bastantes. Creio que a maioria dos comerciantes do porto são peruanos.

⁴⁰ O entrevistado é negro, cerca de 1,75m, heterossexual.

A presença peruana também é percebida a partir de outros dados, como os apresentados por Márcia Maria de Oliveira, em sua tese de doutorado “Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea” do programa de pós-graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, 2014a: “entre meados da década de 1990 até aproximadamente o final de 2005, os peruanos representavam a principal demanda pelo visto de permanência com base em prole ou matrimônio contraído com cônjuge brasileiro”, a partir de informação emitida pela Delegacia de Polícia de Imigração do Departamento de Polícia Federal — Superintendência Regional no Amazonas - DELEMIG. Essas situações desencadeiam uma expressiva presença peruana no município brasileiro, especialmente, no comércio localizado nas ruas próximas ao porto da cidade, posto que deixam sua terra natal em busca de novas oportunidades a serem vivenciadas neste país vizinho. Alves; Justamand (2019) também abordam sobre essa temática:

Temos uma mobilidade que está, diretamente, ligada aos problemas políticos, sociais e econômicos que estes encontram em seu país de origem (Peru). Assim, os que são obrigados (ou, sentem-se obrigados) a migrar são indivíduos de baixo poder aquisitivo, baixa ou nenhuma escolaridade; os quais se lançam ao novo destino — sozinhos ou com toda a família —, com a esperança de encontrar melhores condições de vida, para si e para os seus. Este fenômeno, por sua vez, gera uma nova problemática na região onde chegam. Isso advém, uma vez que a população local vê este movimento como algo preocupante e questionável, posto que o migrante ressignifica um gasto governamental; além de também reformular a ocupação de espaços de trabalho — que seriam, por lógica, de brasileiros. (ALVES; JUSTAMAND, 2019, p. 40).

Em representação à imigrante peruano, destacamos o relato acerca da cidade de Tabatinga por nossa entrevistada Luz Clara de Fátima Pena Arévalo⁴¹, peruana, 45 anos, residente em Tabatinga há 28 anos, comerciante:

*Pra*⁴² mim é uma cidade tranquila, o que mais destaco? As pessoas. As pessoas **son**⁴³ amables.
(Entrevista, 2022)

Na representação e percepção de nossa entrevistada, o povo tabatinguense é um amável. Vivendo na região há 28 anos, como comerciante, lidando com o público local

⁴¹ A entrevistada realizou suas respostas em língua portuguesa, embora com sotaque característico do espanhol. Em poucos momentos realizou alternância linguística português/espanhol durante sua fala. Tais ocorrências serão grafadas em negrito.

⁴² Abreviação coloquial de para (preposição).

⁴³ Tradução: são.

diariamente em seu ofício, percebe-se acolhida de forma receptiva pelos nativos do lugar. Seu relato segue no sentido de registrar suas raízes e sua identificação com o lugar escolhido para residir, trabalhar e viver:

Eu tenho a minha permanência. Eu já me considero daqui, pra mim já não **encajo**⁴⁴ lá. Eu conheço a sociedade um pouco lá. É como assim, tu *vai*⁴⁵ de uma casa pra outra casa. Eu me considero realmente tabatinguense. São 28 anos já, não é pouco tempo. Quase 30 anos.
(Entrevista, 2022)

Em seu trabalho intitulado *Alteridade na Tríplice Fronteira: uma questão sobre a imigração peruana*, Alves; Justamand (2019, p. 41), nos apresentam uma aproximação etnográfica quanto à percepção do brasileiro em relação ao peruano residente nesta tríplice fronteira, estudo prévio e complementar à tese em construção. Em seu relato, apresenta que: o brasileiro — nada obstante, conviva de forma diplomática com a presença dos nossos vizinhos — não deixa de ser impactado com a presença destes; seja qual for o aspecto (social, cultura, emocional, político, para apontar)”. Destacou-se ainda naquele trabalho que se evidenciava “elos de poder” que se estabeleciam na conexão social entre peruanos e brasileiros e que “conquanto prevaleçam as ligações diplomáticas e pacíficas; ainda permanecem, internalizadas, questões complexas acerca da visão que se tem do outro migrante”. (ALVES; JUSTAMAND, 2019, p. 45).

Olivar, Cunha, Rosa (2015) desenvolveram em seu trabalho de pesquisa “Presenças e mobilidades transfronteiriças entre Brasil, Peru e Colômbia: o caso da ‘migração peruana na Amazônia brasileira’” um panorama acerca da alteridade vivida pelos peruanos na região do Alto Solimões que dizia respeito à “necessidade social generalizada de identificar, localizar e qualificar – negativamente – aquelas pessoas, produtos ou espaços peruanos” em território brasileiro. O trabalho em questão também enfocou a percepção do brasileiro em direção à presença e mobilidade peruana na região sendo uma das pesquisas precursoras em relação à temática.

Bhabha (1998) nos apresenta o conceito de “entre lugar”, o qual é percebido como o espaço intermediário entre aceito e não aceito. Desta forma, observa-se na região que: “é tolerado, mas não é totalmente aceito”. (ALVES; JUSTAMAND, 2019, p. 41). Os autores ressaltam que “ficam evidentes os encadeamentos de poder presentes no discurso da maioria

⁴⁴ Tradução: encaixo.

⁴⁵ Expressão coloquial da flexão verbal: tu vais.

dos informantes; reiterando que, embora as migrações legal e clandestina peruanas sejam uma realidade, ainda prevalece o conceito subjacente do outro subalternizado, marginalizado”. (ALVES; JUSTAMAND, 2019, p. 44).

Acrescentamos, a partir deste trabalho, que o colombiano também apresenta uma resistência quanto à presença marcante dos peruanos na cidade de Tabatinga. Contudo, também observamos que tal condição não é percebida pelo olhar peruano, conforme relato de nossa entrevistada:

Eu acho que é porque aqui é tranquilo. E porque aqui tem oportunidade que o Brasil nos dá. O que essa parte aqui nos dá é a oportunidade. Eu acho que não só o peruano, mas o estrangeiro fica num lugar que lhe traz oportunidade. Naquela **ciudad**⁴⁶, país que lhe dá oportunidade e foi por **eso**⁴⁷ que a gente ficou **acá**⁴⁸: pela oportunidade. Na época, quando a gente veio morar, do Peru, a gente não estava bem economicamente, mamãe e papai já viajavam *pra*⁴⁹ cá trazendo mercancia pra lá e pra cá. E é isso, conversamos e decidimos vir *pra*⁵⁰ cá e aproveitar a oportunidade. (Entrevista, 2022).

Daiani Barth (2009, p. 19) destaca sobre a imigração que também há outros fatores que promovem e estimulam esse movimento: “existem outros motivos, como os desejos de vivência em outro país, de mudanças e ampliação do conhecimento de outros processos culturais”. Contudo, na maioria dos casos, esses aspectos não são analisados pela percepção do país que recebe o estrangeiro.

Destaque-se ainda que, segundo Alves e Justamand (2019, p. 40), na região da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, é possível que os peruanos que se mudam para esta zona, possam acessar: “melhores condições econômicas e sociais; e, simultaneamente, conseguem ficar próximos de seus familiares e amigos”. Desta forma, atrás de novas oportunidades de vida, o desbravador peruano consegue “manter sua cultura e sua identidade avivadas; a despeito de residir em território estrangeiro”. (ALVES; JUSTAMAND, 2019, p. 40).

Alessandra Santos (2013, p. 70), a partir de sua perspectiva, nos convida à reflexão quanto aos movimentos migratórios próprios das fronteiras, que tendem a colocar uma pecha

⁴⁶ Tradução: cidade.

⁴⁷ Tradução: isso.

⁴⁸ Tradução: aqui.

⁴⁹ Idem 32.

⁵⁰ Idem 32.

sobre o estrangeiro e, desta maneira, “a questão migratória passa a ser vista pelo Estado brasileiro e pela própria população como problema”.

Lima (2019, p.40) nos assinala que fronteiras são “lugares singulares que, entre outras coisas, se caracterizam por ser o espaço de encontro da alteridade, por serem locais de conflitos étnicos e por serem espaços de contato e acomodação nacional e transnacional”. Vemos que a cidade de Tabatinga, como integrante de uma tríplice fronteira é cenário de vários processos de alteridade em relação aos peruanos e colombianos, mas também em relação a outros estrangeiros que também são moradores ou transeuntes dentro de seus limites geográficos.

Precisamos registrar nesse estudo que estamos em uma sociedade pós-moderna onde o complexo, o pluriculturalismo, as multifacetadas sociedades primam pelo “respeito pela heterogeneidade e pela diferença”. (PATERSON, 2007, p.16). Temos nesta região múltiplas culturas, identidades plurais, complexidade linguística que não nos permitem a simplificação de pessoas em estereótipos concebidos a partir de ideologias ultrapassadas. As diferenças precisam ser percebidas e evidenciadas no sentido de complementar o que falta no outro, não para distanciar ou subalternizar o outro a partir de nossos critérios.

Não é possível pensarmos a dinâmica regional sem a presença e interação cosmopolita entre o Brasil/Colômbia/Peru, assim como outras nacionalidades que transitam pela cidade por motivos diversos. Os estudos dessa região da tríplice fronteira passam, necessariamente, por análises que envolvem a alteridade e seus diversos aspectos inerentes, tais como relações de poder, aceitação, cortesia, entre outros. É mister que rompamos as fronteiras das alteridades, dando novos significados para as nossas diferenças socioculturais.

2.3 As fronteiras de fricção interétnica

“Índio” eu não sou.
Sou Kambeba, sou Tembê
Sou Kokama, sou Sateré
Sou Guarani, sou Arawaté

Sou Tikuna, sou Suruí
 Sou Tupinambá, sou Pataxó
 Sou Terena, sou Tukano
 Resisto com raça e fé.
 Márcia Waina Kambeba

Embora os livros de história ainda teimem em apresentar a descoberta do Brasil apenas em 1500, também é fato de que estes mesmos livros relatam que os portugueses quando aqui chegaram, encontraram os indígenas, nus... este relato, por si mesmo, contradiz a história da descoberta.

A primeira aventura europeia em solos amazônicos não ficou apenas no deslumbramento da grandiosidade e beleza da região. Iniciou, de mesma forma, na história da Amazônia, uma cadeia de encontros – seguidos imediatamente de confrontos – com os nativos, já que o primeiro contato resultou na captura de 36 nativos, embarcados nos navios espanhóis. (UGARTE, 2003, p. 5).

Negar ao indígena o direito à propriedade da terra onde sempre viveu não foi o único delito cometido contra estes. A história indígena em terras brasileiras passa por terror, usurpação material e imaterial, genocídio em nome de Deus e das Coroas portuguesa e espanhola.

O contraste cultural vivenciado pelos povos indígenas e os europeus que aqui chegaram por meio das grandes navegações portuguesas e espanholas determinou que estes povos fossem cerceados de sua cultura tradicional para serem imergidos numa cultura que em nada os representava ou atendia. No poema intitulado Território Ancestral, a indígena, Márcia Waina Kambeba⁵¹ nos apresenta o relato do que ocorreu a seu povo, a partir da perspectiva de suas referências ancestrais:

Território Ancestral

*Maá munhã ira apigá upé rikué
 Waá perewa, waá yuká*

⁵¹ Márcia Waina Kambeba é indígena Kambeba, nascida na Aldeia Belém do Solimões, município de Tabatinga/AM. Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM, é também escritora, poeta, compositora, fotógrafa e ativista. Disponível em <https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/poesia/3-poemas-de-marcia-kambeba/> Acesso em 23/04/2022.

Waá munhã maá putari
(tradução)
O que fazer com o homem da vida
Que fere, que mata
Que faz o que quer?

Do encontro entre o “índio” e o “branco”
Uma coisa que não se pode esquecer
A arma de fogo superou minha flecha
Minha nudez se tornou escândalo
Minha língua foi mantida no anonimato
Mudaram minha vida, destruíram meu chão.
(fragmento)

Seja em nome de Deus ou em nome da Coroa, o indígena foi protagonista de um processo de invisibilização cultural. Segundo Márcio Souza (2013, p. 107) havia uma lógica da conquista que formou a colonização: “Os conquistadores trabalhavam com paixão, e a prática da escravização daqueles homens desnudos e que pactuavam com o diabo era, para eles, uma prática justa”. Sua língua, seus costumes, suas vestimentas, sua alimentação foram alvo de ataques concretos e abstratos. Àqueles que resistiam ao choque cultural e decidiam por sua cultura, lhes era imposta pena de morte ou de tortura/escravidão. Aos que se submetiam ao processo (por meio da catequese ou da força) restava-lhes a subserviência à cultura, Coroa e Cruz europeias. O resultado do contato entre as raças consideradas superiores e as inferiores tem sempre o mesmo fim: “Extermínio ou degradação. Principalmente por que o vencedor entende de impor ao povo submetido a sua moral inteira, maciça, sem transigência que suavize a imposição” (FREYRE, 2004, p.178).

Em mais um poema, Márcia Kambeba relata a história de sua ancestralidade desde a atribuição do termo “índio⁵²”, por um engano de Cristóvão Colombo, quando confundiu o novo território a que chegara com as Índias. Apresenta-nos ainda a conotação pejorativa que o termo adquire ao longo da história, associando o indígena ao aspecto preguiçoso, selvagem ou outros aspectos ruins. A insistência no uso do termo, traz à tona o histórico de massacre e dor pelos quais seus antepassados passaram.

⁵² O termo índio é considerado pejorativo pelos povos indígenas, desta forma, está utilizado para afirmar o uso do termo adequado é “indígena” e em citação direta. “Na língua portuguesa, índio ou indígena significa nativo, natural de um lugar. É também o nome dado aos primeiros habitantes (habitantes nativos) do continente americano, os chamados povos indígenas. Tudo isso foi o resultado de um mero erro náutico, onde Cristóvão Colombo imaginou que o continente americano denominado Índias e assim genericamente apelidou os indígenas que hoje de acordo com seu grupo étnico tem uma denominação própria”. (CALEFFI, 1997, p. 49-65).

Índio eu não sou

*Não me chame de “índio” porque
Esse nome nunca me pertenceu
Nem como apelido quero levar
Um erro que Colombo cometeu.*

*Por um erro de rota
Colombo em meu solo desembarcou
E no desejo de às Índias chegar
Com o nome de “índio” me apelidou.*

*Esse nome me traz muita dor
Uma bala em meu peito transpassou
Meu grito na mata ecoou
Meu sangue na terra jorrou.
(fragmento)*

Márcia Waina Kambeba⁵³

Os estudos sobre povos indígenas desenvolvidos no Brasil, anteriores a 1960, apresentam a marca de teorias que não condiziam com a realidade apresentada no país e com a diversidade dos povos indígenas que aqui residiam/residem. Em prefácio escrito ao livro de Roberto Cardoso de Oliveira⁵⁴, o antropólogo Darcy Ribeiro apresenta a seguinte observação quanto à peculiaridade e seus processos interétnicos locais:

Índios, assim, tão poucos indígenas, fogem do interesse do etnólogo clássico, interessado precisamente naqueles grupos intocados que melhor conservam as singularidades da cultura tradicional. (...), todavia, eles oferecem um interesse científico igual, senão maior que as tribos isoladas, porque somente seu estudo poderá nos levar a uma compreensão melhor do processo pelo qual os povos tribais se integram em sociedade nacionais e como e por que resistem a fundirem-se na população regional (OLIVEIRA, 1960, p. 10).

Essa insatisfação vivenciada por Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira, viria a gerar relevantes contribuições para uma nova perspectiva de estudos e visão sobre os processos socioculturais e interétnicos vivenciados pelos indígenas brasileiros. (ATHIAS, 2007). A realidade brasileira dava conta de povos indígenas em diferentes situações de contato: isolados, em reservas indígenas, fora de reservas. Todos igualmente indígenas e que

⁵³ Ver item 41.

⁵⁴ Fragmento do prefácio escrito por Darcy Ribeiro ao livro de Roberto Cardoso de Oliveira, intitulado “O processo de assimilação dos Terena” (1960).

deveriam estar contemplados dentro de estudos científicos que dessem conta de suas vivências e processos identitários étnicos com os demais.

Em 1962, Roberto Cardoso de Oliveira apresenta o conceito de fricção interétnica e começa a difundi-lo por meio do projeto “Estudos de áreas de Fricção Interétnica”, conjuntamente com seus orientandos e demais pesquisadores que tinham interesse no trabalho que seria desenvolvido.

Diante desta nova perspectiva, Roberto Cardoso de Oliveira (1960) nos apresenta como conceito de “fricção interétnica”:

o contato entre grupos tribais e segmentos da sociedade brasileira, caracterizados por seus aspectos competitivos e, no mais das vezes, conflituais, assumindo esse contato muitas vezes proporções “totais” envolvendo toda a conduta tribal e não tribal que passa a ser moldada pela situação de fricção interétnica. Entretanto, essa “situação” pode apresentar as mais variadas configurações (...). Desse modo, de conformidade com a natureza socioeconômica das frentes de expansão da sociedade brasileira, as situações de fricção apresentarão aspectos específicos (OLIVEIRA, 1962, p. 86).

Nesta abordagem diferenciada, o autor buscava romper com o modelo da teoria da aculturação, o qual foi inserido pelos norte-americanos, considerando assim que as relações de contato contribuem para constituir um sistema conflituoso, embora interdependente. Nesta ruptura, os estudos direcionam-se para as relações sociais e processos identitários que eram vivenciados pelos grupos indígenas.

Em seus estudos, Oliveira (1978) elabora ainda o que classifica como “obstáculos ideológicos a um indigenismo racional”, quatro tipos mentalidades existentes no Brasil acerca dos povos indígenas:

Quanto à mentalidade *romântica*, desenvolve, sobretudo entre os intelectuais, e não tem a possibilidade de influir sobre os meios de decisão; exprime-se através de uma imagem estereotipada do índio adquirida na literatura, como por exemplo, os textos de José de Alencar, Gonçalves Dias entre outros, até os autores contemporâneos. O índio aí é visto como: puro, ingênuo e o sistema sócio-político deste bom selvagem são apresentados como um paraíso ideal, um modelo a ser imitado. O terceiro obstáculo é o de mentalidade *burocrática* e trata-se da imagem existente na administração oficial, impregnada de um paternalismo exagerado e influenciada por certa dose de "romantismo"; esta visão era dominante entre os primeiros funcionários do SPI que não tinham nenhuma preparação técnica ou científica e substituíam esta falta por esta perspectiva. É preciso assinalar que esta mentalidade não é mais dominante em nossos dias. Finalmente, a quarta mentalidade, a *capitalista*, seria aquela que existe, sobretudo nos principais meios de decisão. Aqui os índios são vistos como improdutivos.

Para ilustrar esta mentalidade, que hoje é mais observada no caso brasileiro, seria preciso lembrar a célebre frase do ex-ministro do Interior, Costa Cavalcanti, à imprensa brasileira: "*Daremos toda nossa assistência ao índio, mas ele não poderá ser um obstáculo ao desenvolvimento do país*" (O Estado de São Paulo, 21.2.71). (ATHIAS, 2007, p. 34-35)

O indigenismo racional proposto por Roberto Cardoso de Oliveira (1978, p. 14), vem atender a uma crítica que apresenta sobre a percepção e tratamento dada ao indígena: "o índio sempre foi considerado uma categoria genérica devendo ser integrado à sociedade nacional". Outrossim, condenava a política indigenista praticada no país, afirmando que esta "confirma a 'redução' das etnias indígenas a uma categoria abstrata chamada: índio, inventada pelo civilizado, outra categoria abstrata". Os tipos de mentalidades assinaladas pelo autor costumam ser condutas acionadas por valores éticos, morais e ideológicos que construímos ao longo de nossa formação educacional, política, social e cultural. A partir destas, o olhar em relação ao indígena é sempre de desmerecimento, descaso, distanciamento.

Posteriormente, Darcy Ribeiro (1970, p. 13) direciona seus estudos em direção às relações que os povos indígenas estabeleciam com as sociedades nas quais estavam inseridos. Para o autor, os processos iriam além da aculturação ou da miscigenação dos povos indígenas, haveria um outro processo, ao qual denominou de "transfiguração étnica". Nesse processo, o confronto com as sociedades nacionais "preenchem as condições necessárias à sua sobrevivência enquanto entidades étnicas, pelas alterações sucessivas de seu substrato ideológico de subculturas e das formas de relações com a sociedade circundante".

Em 1995, Ribeiro apresenta em seu livro *O povo brasileiro* (1995, p. 17) o que diz ser "um texto antropológico explicativo", onde buscou fazer parte de uma "nova luta por um Brasil decente". Este país decente almejado por Ribeiro, fez reconhecimento aos indígenas e negros subalternizados, por meio de sua explicação da transfiguração étnica brasileira, pois o processo em voga reproduzia continuamente o que era cultura entre os colonizadores que aqui chegaram:

Assim, um Brasil que nasce "ninguém", fruto do perverso processo de "desindianização", "desafricanização" e "deseuropeização" de contingentes humanos, assim permanece na continuidade do Brasil arcaico que convive com os efeitos de uma industrialização dependente. Modernos na periferia do mundo, desenvolvemos uma forma singular de organização sócio-econômica que combinou o escravismo e a servidão à economia capitalista internacional. O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ninguentude de não índios, não europeus e não negros, que eles se veem forçados a criar a sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, 1995, p. 131).

Segundo Ribeiro (2007, p. 70-71), “cada contingente humano engajado no sistema global tornou-se, simultaneamente, mais uniforme com respeito aos demais e mais discrepante com relação ao modelo europeu”, em razão da fricção interétnica. Desta forma, vemos vários povos reconstituindo-se a si próprios em um processo que não foi desejado pelos colonizadores (RIBEIRO, 2007, p. 72). Não obstante esse processo não reconhecido pelos povos europeus viria a constituir “a configuração histórico-cultural mais característica das Américas, espalhados em todo o continente”. (RIBEIRO, 2014, p. 117). Os países sul americanos, por exemplo, são oriundos deste processo assinalado pelo antropólogo brasileiro.

Evidencia-se que “o pensamento anticolonial de Darcy dialoga com o pensamento pós-colonial e decolonial pela ampliação do universal. Em comum, atentam para a violência da colonização e suas sequelas nas dimensões econômica e simbólica da vida social ontem e hoje”. (RIBEIRO, 2014, p. 125). Percebe-se que essa nova linha de estudos e desenvolvimento de pesquisas trata de atender à demanda existente quanto a reconhecimento dos povos indígenas em todos os seus processos sociais, especialmente com outros povos/sociedades.

Dialogando com essa nova linha de pensamento, Hall (2003, p. 49), nos diz que “a cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seu recurso, seu ‘trabalho produtivo’. A tradição, como um passado que nos capacita através da cultura, nos deixa os mesmos, embora mudados”. Ressalta ainda que “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Desta forma, podemos afirmar que os povos indígenas mantêm sua cultura independente dos processos socioculturais pelos quais passem, pois as tradições podem mudar ao longo do tempo e devido às interrelações vivenciadas por estes.

As fronteiras de fricção interétnicas na Amazônia ocorrem a partir da ocupação de seu território, conforme nos relata Freire (2003, p. 215): “a chegada do europeu no Amazonas, considerado então como rio Babel, implicou rupturas e um reordenamento ‘catastrófico’, que encontrou na língua um dos princípios organizadores”. Segundo o autor, o europeu mantém “forma predatória” inclusive em relação ao uso das línguas indígenas, promovendo pelo interesse do colonizador a busca por uma unidade linguística o que acarretou na extinção de muitas das línguas existentes à época.

No século XVII ocorre a entrada da língua portuguesa no Grão-Pará, o que estabeleceu o contato entre os falantes de português com as diversas línguas indígenas existentes na região, ocasionando um bilinguismo entre os falantes de língua portuguesa, não

obstante, a língua portuguesa era minoritária, restringida apenas aos missionários, soldados e funcionários portugueses presentes naquela área. (FREIRE, 2004).

Tanto o processo de “portugalização” e de “castelhanização” registrados no período colonial passam por condições muito similares. Rodrigues (2021, p. 34), afirma que “isso pode ser pensado como a primeira política linguística da implementação do monolinguismo e de silenciamento das línguas consideradas rústicas, de idolatria falada por selvagens, do ponto de vista eurocêntrico”.

Os dados históricos apontam que o Brasil sempre “buscou manter a visão linguística homogeneizadora de país monolíngue e, para isso, valeu-se de truculentas políticas linguísticas tanto com as populações indígenas e africanas escravizados, como com os imigrantes”. (PREUSS; ÁLVARES, 2017, p. 4). Este fato se confirma quando o Marquês de Pombal determinou que não houvesse uso de outra língua além da portuguesa, como forma de combate à língua franca (Nheengatu) no século XVIII.

Segundo Vieira (2016, p. 125), “a família linguística Tupi Guarani se expandiu pelas terras baixas da América do Sul estando atualmente divididas entre as fronteiras da Argentina, Brasil, Paraguai, Bolívia, Guianas, Peru e Colômbia”. Discorre ainda sobre a premissa de as fronteiras serem propícias para “a articulação intercultural e desenvolvimento de novas configurações sociais”. Tais configurações tendem a estabelecer relações de diversas ordens como as econômicas, sociais, religiosas, políticas e parentesco com os moradores do país vizinho, que com os nativos de seu próprio país.

Na ocupação da Amazônia por meio de suas fronteiras e espaços, o índio manteve-se e mantém-se forte, presente, resiliente. Resistindo aos processos históricos e sociais da Amazônia, o indígena ainda permanece vivo por meio de sua cultura. Felizmente ainda são vários os povos que habitam nossa tríplice fronteira. Segundo Justamand (2017, p. 6), temos que:

No Amazonas, dos mais de 170 mil autodeclarados indígenas, 36 mil pertencentes aos Tikuna no lado brasileiro, mais os 8 mil na Colômbia e outros 7 mil no Peru. Na região fronteira tríplice amazônica (Brasil, Colômbia e Peru), que se encontra na rota do Rio Solimões, além dos Tikuna, há a presença de outros grupos indígenas, tais como os: Kaixana, Kambeba, Kanamari, Karapanã, Kokama, Matsés, Miranha, Mura e Witoto [...]. Além desses grupos, a região possui uma das maiores Terras Indígenas já demarcadas, a TI Vale do Javari. Nela, estão presentes os Korubo, Kulina, Kulina Pano, Marubo, Matis, Matsés (Mayoruna), Tsohpm-Dyapa e os isolados. (JUSTAMAND, 2017, p. 6)

De acordo a Vieira (2016, p. 46), na região da tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru “é habitada por uma diversidade de etnias: Tikuna, Kokama, Uitoto, Yaguá, Matsés, Marubo, Kanamari, Matis entre outras, entrelaçadas por redes de socialidade: trânsito de pessoas, relações de parentesco, objetos, conhecimentos, práticas rituais e religiosas”. Em Tabatinga, temos a reserva indígena Ticuna Umariacu I e II, na área urbana do município. A maior tribo indígena do país, com cerca de 46.045 indígenas (IBGE, 2021⁵⁵), mantém-se viva por meio de sua resistência no uso de sua língua materna para uso social dentro e fora de suas aldeias. Distribuídos entre os países que compõem a tríplice fronteira, o índio Ticuna intitula-se trilingue (língua materna/português/espanhol) pelo manejo que faz das línguas presentes na região. (JUSTAMAND, 2017).

As lutas pelo reconhecimento de sua cultura e de sua língua dentro da educação escolar, ainda permanece vinculada à aldeia indígena. Dentro dela, o ensino de Língua Ticuna é obrigatório, inclusive, no ensino fundamental possuem professores indígenas que ministram aulas em seu idioma materno. Os professores não indígenas, atualmente, são requisitados quando não existe o profissional indígena daquela área específica.

Em relação aos indígenas Kokama da fronteira, Vieira (2016, p. 120), nos apresenta que “vivem num contexto multiétnico, formado por diferentes povos indígenas, enquanto os da Amazônia peruana habitam áreas marcadas pela presença majoritária de vizinhos considerados mestiços”. Segundo o autor esta população indígena não é reconhecida pelas políticas indigenistas de nenhuma das três nações, pois não se encaixam no perfil que é atribuído aos verdadeiros indígenas.

No poema Tana Kumuera Ymimiua (nossa língua ancestral), Márcia Kambeba⁵⁶, a autora traz à tona sua crítica quanto aos que dizem que os Kambeba não utilizam ou não sabem sua língua nativa, bem como sua resposta à falta de políticas para seu povo indígena:

Tana Kumuera Ymimiua
[nossa língua ancestral]

*Não se pode dizer que os Kambeba
Esqueceram a língua Tupi
Ainda existem falantes
Que não a deixam sumir
No ensinamento dos que sabem
Memorizo o que aprendi.*

⁵⁵ Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias.html>. Acessado em 23.01.2021.

⁵⁶ Ver item 41.

*Kumiça yuria! Kumiça ypaçu!
[Fala, mata! Fala, lago!]*

*May-tini na sua grandeza
Por não conseguir entender
Viu nossa fala com estranheza
Português fez o povo aprender.*

*Mas os Kambeba com esperteza
Ensinavam em segredo
Superando o que seria
O fantasma do seu medo.*

*A língua não é determinante
Para se poder dizer
Que um indígena não é Kambeba
Por não saber escrever
Na língua do seu povo
A afirmação está no seu ser.*

Para Vieira (2016, p. 51), “a sobrevivência física, cultural e a qualidade de vida da população da tríplice fronteira Brasil/Peru/Colômbia depende da existência de uma rede de relações sociais, econômica, política, religiosa e linguística transfronteiriça”. A partir destas relações, cria-se o cenário para a “construção de um espaço que contemple e valorize a etnodiversidade”.

Os povos indígenas do Alto Solimões costumam transitar pela tríplice fronteira motivados por várias razões: “visitas a parentes, conflitos internos nas comunidades, escassez de recursos naturais (peixes, caça ou terrenos agricultáveis), proximidade de escolas e hospitais, busca de emprego; enfim, buscam aquilo que consideram uma qualidade de vida mais favorável”. (VIEIRA, 2016, p. 74).

Segundo Ferrarini (2013, p. 83), “é salutar a apropriação, pelos sujeitos amazônicos brasileiros da tríplice fronteira, do multiculturalismo como caminho de afirmação e de luta pelo reconhecimento da pluralidade de valores e diversidade cultural”. Muitos grupos apresentam particularidades em suas necessidades socioculturais, desta forma, faz-se necessário culminar “num processo de reetnização das identidades políticas e construção de uma nova identidade nacional, que considere a pluralidade cultural dos sujeitos da Amazônia”.

É comum a visitação à aldeia de Umariáçu II para a compra de peixe, carne de jacaré e outros produtos que são ofertados pelos indígenas na feira em sua comunidade ou em suas residências em bancas improvisadas, mas a interrelação entre os sujeitos parece restringir-se

ao aspecto comercial e de oferta – demanda de produtos ofertados pela população indígena Ticuna na região.

Figura 8 - Placa da Feira Ticuna na comunidade Umariçu II



Autoria: Pesquisa de Campo, 2022.

Figura 7- Feira Ticuna na comunidade Umariçu II



Autoria: Pesquisa de Campo, 2022

Entretanto, fora da aldeia, vemos a invisibilização do indígena: sua língua, sua cultura, seus costumes não são destaque dentro das escolas e/ou instituições oficiais, exceto no dia 19 de abril, dia do índio. É comum vermos os indígenas nas ruas ou mercados vendendo frutas, peixes, ou seus artesanatos (este último pouco se vê na cidade atualmente). A partir desta questão, o poder público municipal destinou um espaço na principal avenida da cidade, exclusiva para indígenas, para que eles pudessem comercializar seus produtos. Mas efetivamente, os produtos comercializados são frutas (banana, umari, tucumã), verduras, macaxeira, farinha, peixe, entre outros, conforme Figura 7, nas visitas realizadas não se observou a venda de artesanato indígena. Porém não é comum a autoidentificação do tabatinguense não-indígena com o indígena Ticuna ou outras etnias e suas culturas. Não é comum o interesse em aprender suas línguas. O tabatinguense não indígena não reconhece o seu conterrâneo indígena como tal. E o indígena dentro do espaço não indígena, muitas vezes prefere não se auto identificar como tal ou é silenciado diante da cultura que não lhe é própria.

Figura 9 - Feira Ticuna - localizada na Avenida da Amizade



Autoria: Pesquisa de Campo, 2022.

Segundo Alves, Reyes, Furtado (2022, p. 121), “a educação escolar para o indígena, fora de sua aldeia, ainda se encontra atrelada a aspectos socioculturais que têm mantido a relação de poder do não-indígena sobre o indígena”. Embora seja um fato a presença indígena nos diversos cenários sociais (igreja, escola, política, entre outros), esse espaço ainda está condicionado a um certo silenciamento como regra pré-estabelecida pelos não-indígenas. Desta forma, observa-se um alto índice de abandono escolar, baixo desempenho acadêmico, estrita representação em organizações sociais não-indígenas:

Ouvir o índio é reconhecer que ele tem hipóteses sobre a linguagem, é focalizar, na relação com a linguagem, suas atitudes. É reconhecer que se está diante de um sujeito, intelectualmente ativo, que procura adquirir conhecimento, que se coloca problemas e que trata de resolvê-los segundo sua própria metodologia. (ORLANDI, 1984, p. 26).

Na tríplice fronteira, a fricção interétnica ocorre de forma conflituosa, especialmente entre indígenas Ticuna e os não-indígenas. Isso porque, ainda se resiste em associar o indígena aos seus costumes originários e à sua língua. Observa-se que as demais etnias presentes na região, mas que não falam entre si sua língua originária ou possuem uma aparência que remeta a seu povo indígena são absorvidos na sociedade de forma natural, sem

restrições. O indígena Ticuna ainda é percebido na condição de subalternizado, sendo tolerado nos demais ambientes em que não é bem-vindo pelos demais, apesar das políticas vigentes garantirem o seu amplo e irrestrito acesso.

Percebe-se que refletir sobre “nossa realidade plurilíngue e multicultural atenderia não apenas aos alunos indígenas, atenderia a todos”, temos uma riqueza linguística regional que “é comprimida em apenas uma língua majoritária, inferiorizando a cultura e a língua dos povos indígenas presentes e atuantes no processo sociocultural”. (ALVES; REYES; FURTADO, 2022, p. 135)

O Brasil é já a maior das nações neolatinas [...] precisa agora sê-lo no domínio da tecnologia da futura civilização[...]estamos nos construindo na luta para florescer amanhã como uma nova civilização, mestiça e tropical, orgulhosa de si mesma. (RIBEIRO, 1995, p. 120). Uma nação que não ignora os seus: o seu povo – indígena, mestiço, negro, miscigenado.

CAPÍTULO III

CULTURAS BIFURCADAS NA CIDADE DE TABATINGA

O Brazil não conhece o Brazil
 O Brasil nunca foi ao Brazil
 Tapir, jabuti
 Liana, alamanda, ali, alaúde
 Piau, ururau, aki, ataúde
 Piá carioca, porecramecrã
 Jobim akarore, jobim açu
 Uô, uô, uô
 Pereê, camará, tororó, olerê
 Piriri, ratatá, karatê, olará

 Canção: Querelas do Brasil

No último capítulo deste estudo, buscamos colocar em destaque as riquezas culturais presentes na região, como as contribuições e presença de diversas etnias indígenas, de peruanos, de colombianos e de outros povos que igualmente contribuem com seus bens culturais para um espaço sociocultural diversificado e único no Amazonas e no Brasil.

3.1 A gastronomia como expressão de processos hibridizados

Comida é tudo o que somos. É uma extensão
 da sua história pessoal, da sua região, do seu
 bairro, da sua tribo, da sua avó. A comida é
 inseparável dessas coisas desde o princípio.
 Anthony Bourdain

As culturas são bens de um povo, de uma coletividade que está sempre em construção, em movimento. De acordo com Morin (2006) a cultura engendra uma certa metabolização, estando, pois, em constante movimentação e em ressignificação de seus valores. Ou seja, “a cultura é como um sistema metabolizante[...] que assegura as mudanças (variáveis e diferenciadas segundo as culturas) entre os indivíduos, entre o indivíduo e a sociedade, entre a sociedade e o cosmos” (MORIN, 2006, p. 79)

Em Hall (1997) também vamos compreender que a cultura “não pode mais ser estudada como uma variável sem importância, secundária e dependente em relação ao que faz o mundo mover-se” (HALL, 1997, p. 23). “A cultura move o mundo, reflete nos seus comportamentos e processos socioculturais, é determinante “(HALL, 1997, p.23). Também não podemos deixar de considerar que, a formação social do povo tabatinguense é, por si mesmo, um complexo emaranhado de culturas: do povo tradicional, do imigrante, do migrante, do indígena, da cultura de massa. Toda essa multiculturalidade presente nesta fronteira, mas, às vezes discreta, outras, abertas, leva-nos a refletir acerca dos processos que envolvem esse fenômeno.

Ainda há muito que avançarmos na discussão sobre políticas culturais, dadas as problemáticas decorrentes dela (preconceitos, racismo, xenofobia, entre outros). De acordo com Canclini (1990, p. 148), temos que:

Una política es democrática tanto por construir espacios para el reconocimiento y el desarrollo colectivos como por suscitar las condiciones reflexivas, críticas, sensibles para que sea pensado lo que se obstaculiza ese reconocimiento. Quizá el tema central de las políticas culturales sea hoy cómo construir sociedades con proyectos democráticos compartidos por todos sin que iguallen a todos, donde la disgregación se eleve a diversidad y las desigualdades (entre clases, etnias o grupos) se reduzcan a diferencias. (CANCLINI, 1990, p. 148)⁵⁷

Reafirmamos a ideia de que a cultura é uma realidade em movimento, em construção, em transformação. Não é uma constatação que ocorre somente na pós-modernidade, é uma situação presente em todos os tempos no Brasil, desde o evento da colonização. Urge a reflexão sobre os aspectos paradoxal e ininterrupto das culturas hibridizadas. (CANCLINI, 1990; HALL, 2003; BAUMAN, 2012).

E nesse manancial de culturas pode-se dizer que se gera uma certa “crise de identidade” a que a comunidade tem sido exposta, aponta para esse processo de mudança mais amplo, conforme HALL (2005, p. 7):

[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o

⁵⁷ Tradução nossa: Uma política é democrática tanto por construir espaços para o reconhecimento e o desenvolvimento coletivos como por suscitar as condições reflexivas, críticas, sensíveis para que seja pensado o que se obstaculiza esse reconhecimento. Quizá o tema central das políticas culturais seja hoje como construir sociedades com projetos democráticos compartidos por todos sem que igualem a todos, donde a desagregação se eleve a diversidade e as desigualdades (entre classes, etnias ou grupos) se reduzam a diferenças.

indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

Santos (1994) também destaca que nesse processo de culturas hibridizadas há “uma forma cultural de fronteira, precisamente porque esta se alimenta dos fluxos constantes que a atravessam.” (SANTOS, 1994, p. 50). Evidenciamos assim, que nosso estudo perpassa as questões de cultura e identidade, faz-se necessário circundar e aprofundar o estudo sobre a cidade de fronteira e seus processos:

Os hábitos alimentares de cada indivíduo são aprendidos muito cedo, geralmente através dos adultos pertencentes ao mesmo contexto familiar e social. O que se aprende em relação aos alimentos não é senão o resultado de traços culturais que são estruturados ao longo do tempo e da história. Daqui resulta que a alimentação desempenha um papel fundamental naquilo que é o ensinamento social próprio de qualquer cultura, cujos membros mais jovens são treinados desde o nascimento. (FRANZONI, 2016, p. 5)

Para Achinte (2014, p. 58), “a produção de conhecimentos tem diversos cenários e um deles [...] é o da gastronomia como marcador da diferença cultural no qual foi exercido uma colonialidade dos saberes e paladares”. Essa influência se vê marcada em nossas mesas e em nosso cotidiano alimentar. Para tanto, a gastronomia é conceituada como:

Estudo das leis do estômago, passou a preceitos de comer e beber bem; a arte de preparar as iguarias para obter delas o máximo deleite, tornando-as mais digestivas. A arte de cozinhar de maneira que se proporcione o maior prazer a quem come. Arte de regalar-se com finos acepipes ou iguarias. Também se entende por gastronomia o ato de comer mais por prazer do que por necessidade. (GOMENSSORO, 1999, p. 252).

Franzoni (2016) assevera que por meio da alimentação, o indivíduo traça seu sentido de pertencimento aos contextos social e cultural, sendo um elemento indispensável à existência humana. Todas as ações que envolvem o preparo e o consumo dos alimentos são simbólicos, carregados de sentido, capazes de retratar uma cultura, uma nação, identidade étnica.

Nessa perspectiva, encontramos na gastronomia um nicho indispensável para a análise sobre a construção identitária do povo tabatinguense, dado que “o sistema alimentar contém e transporta a cultura de quem a pratica”. (MONTANARI, 2013, p. 183). Fonseca

(2001) corrobora ao tema quando nos explica que a maneira de comer pode ser considerada um elemento que caracteriza culturas e sua história, sendo categórica quanto à essa construção identitária. Temos que cultura alimentar é:

o resultado de um processo de aprendizagem desde o nascimento, sendo consolidado no contexto familiar e social. As formas de comer, as maneiras de preparo, os produtos consumidos estão correlacionados aos recursos locais, como clima e solo, produção agrícola e pecuária (HERNANDEZ, 2005).

Murrieta (2001, p. 2) afirma que “poucas dimensões da vida humana são mais profundamente conectadas com a sobrevivência básica e, ao mesmo tempo, com elementos social e simbolicamente construídos, do que a alimentação”. Isso porque a alimentação está diretamente ligada com a história e a cultura dos sujeitos de um lugar. Inicialmente os alimentos nos são apresentados a partir da cultura familiar e posteriormente, a partir de nossas representações socioculturais individuais e coletivas, somos apresentados a novas possibilidades de aromas e paladares.

Em suma, a composição alimentar de um povo não serve apenas para atender a sua funcionalidade básica, da segurança alimentar, mas também para “expressar um paladar cultural e historicamente formado” (GONÇALVES, 2004, p. 44).

Na gastronomia brasileira temos uma miscigenação, fruto da influência dos povos indígenas, africanos, europeus e demais povos que compõem a nossa história:

Considerando a amplitude do território do país, a culinária brasileira apresenta pratos ou comidas de todos os gêneros, espécies ou tipos praticados na arte culinária universal: crus, grelhados, guisados, cozidos, curtidos ao sol, aerados, avinhados, avinagrados, massas, saladas, apimentados, quentes, frios, embrulhados, picados, refogados, cozidos, recheados, temperados com alho e sal, condimentados, empanados, à milanesa, desidratados, feitos em banho maria, rescaldados, caramelados, tostados, flambados, entre tantos outros. (BARROCO, 2008, p. 3).

O panorama gastronômico da tríplice fronteira Brasil – Colômbia e Peru apresenta-se pluriétnico e multicultural. A disposição geográfica permite que o visitante/nativo aproveite a riqueza gastronômica do lugar no mesmo dia, seja dentro da cidade de Tabatinga (nos diferentes restaurantes que oferecem comida dos três países dentro do município), seja por meio de deslocamento realizado pelas três localidades que compõem a tríplice fronteira. Além

destas culinárias, é possível encontrar ainda na cidade a culinária árabe, a chinesa, a japonesa, a italiana, a indígena assim como outros pratos no estilo *fast-food*⁵⁸ (norte-americana).

Em minha vivência fronteiriça, a culinária remete à infância com sabores e odores que agradam e trazem memórias afetivas sobre o lugar, pessoas, experiências. O café da manhã no mercado ao lado de meu pai, quando criança. As reuniões com amigos e familiares de nacionalidades diferentes, seja do lado de cá ou de lá da fronteira, onde se abria um espaço para deleitar-nos na gastronomia dos três países.

Em entrevista, o Sr. Luís Ataíde⁵⁹, nos relata sobre a historicidade gastronômica do lugar:

Ah, a comida, com os seringueiros vieram a ter uma nova noção de comida, porque a nossa comida aqui era herdada do povo indígena. É o peixe seco porque não existia geladeira, na época da piracema todo mundo pegava peixe, deixava no paneiro⁶⁰ pra se aprontar pro inverno e era muito comum na frente das casas as pessoas botar um tendal⁶¹, como se estendessem roupa lavada e ali secavam os peixes para secar e guardar nos paneiros pra guardar pro inverno. então depois muitos seringueiros vieram pra cá fazer roça, faziam farinha, faziam o beiju⁶², pra fazer a tapioca.

Na beira do rio, muita gente plantava-se feijão de praia e milho, então nós, todo mundo criava galinha, lógico nessa época não existia frango congelado, todo mundo criava galinha, tinha ovos frescos e muita gente aqui pra trás de Tabatinga ia caçar, matar paca, porco do mato, queixada que aparecia e assim o povo sobrevivia. Então a farinha como sempre na região amazônica era infalível, jamais podia faltar a farinha, o pirão, nem a banana verde. Então a comida sempre foi questão de sobrevivência pro povo, que o povo soube se fazer e adquirir seus próprios hábitos e seus pratos. Geralmente a comida aqui era peixe. Era difícil carne. No comando década de 60 eles criavam bois. Mas era apenas para os militares, dia Sete de Setembro, por exemplo, o comandante matava três, quatro bois e vinha aqui convidar o povo do marco para participar do 7 de setembro. Muita gente ia a pé ou de canoa porque era no meio da mata porque não tinha estrada. Então pra comer carne assim, carne bovina era um luxo. Na década de 70, 75 lá em Leticia criaram-se alguns açougues, no mercado, mas eles não queriam receber o Cruzeiro. Porque o Cruzeiro eles diziam, desculpa a expressão da palavra, eles diziam: - Me cago em cima del cruzero⁶³. Quer dizer que não valia nada. Então muitos brasileiros iam comprar carne em Leticia, mas tinha duas filas,

⁵⁸ Tradução nossa: Comida rápida, lanche: cachorro-quente, hambúrguer, sanduíches.

⁵⁹ Escritor tabatinguense, funcionário público aposentado, brasileiro, 75 anos

⁶⁰ Cesto de vime tecido pelos indígenas locais. (Conceituação nossa a partir da explicação do entrevistado).

⁶¹ Lugar ou armação onde se estende a carne ou o peixe para secar. Vide Dicionário online Priberam. <https://dicionario.priberam.org/tendal>

⁶² Espécie de bolo achatado feito da tapioca e também da massa de tapioca. Vide Dicionário online Priberam. <https://dicionario.priberam.org/beiju>

⁶³ Tradução: Eu cago em cima do cruzero. (Expressão de baixo calão para expressar que a moeda brasileira não tinha valor para os colombianos, em razão do câmbio monetário da época.

uma pra quem tinha peso colombiano e outra pra quem tinha cruzeiro, pros brasileiros. Primeiro eles iam atender os colombianos, quem tinha peso, só depois, se sobrasse alguma coisa de carne, aí que comprava. A mesma coisa era lá com os militares, quando matava o boi, primeiro os militares, o capitão, o tenente, tantos quilos, cinco quilos, aí o pessoal civil tinha que esperar lá pelas 11 da manhã, se ninguém quisesse mais comprar algum pedaço de osso, aí que ia escolher lá algum pedaço de osso que tinha um restinho de carne e comprava, era assim o civil era o último que se servia, lá o civil e em Leticia o cruzeiro, então assim esse povo daqui sempre foi discriminado. São coisas que você guarda para sempre, para o resto de sua vida que você passa na infância. (Ataíde, Entrevista, 2022).

O relato de nosso entrevistado foi emocionado, emocionante, visivelmente se passou em sua mente as lembranças de uma infância com restrições alimentares ocasionadas, muitas vezes, não pela falta do poder aquisitivo para adquirir o alimento, mas por força de organizações sociais que privavam e/ou limitavam este ou aquele de ter acesso a produtos como a carne bovina, que se apresentava como um produto nobre à época, tal qual ainda permanece sendo nos dias atuais. Franzoni (2016, p. 34) destaca que “cada cultura e cada produto alimentar são o resultado da história, das trocas, da contaminação e, portanto, das mudanças sociais de cada época histórica”.

Tal qual nos versos da música *Amazônia é Brasil*, do Grupo Musical *Raízes Caboclas*⁶⁴, apresenta-se em poesia, a força da gente deste lugar: “Em plena selva, Brasil, ao vivo, vive uma gente que é nossa, lida na roça. Gente valente. Vence a corrente, vence, do rio bravo. E faz da selva, mundo vazio, cheio de amor, mundo vazio, cheio de amor”. Evidenciamos ainda a presença de gente forte e que resistiu/resiste às adversidades às quais se viu/vê submetida.

É preciso compreender que a identidade deve ser percebida como um processo em constante reconstrução, que se molda de forma coletiva, e por isso mesmo está sujeita a constantes mudanças. (MACIEL, 2005). As constantes mudanças e processos socioculturais aos quais somos submetidos ao longo da vida, contribuem para essa emoldurar a reconstrução identitária dos sujeitos.

Sob este panorama, buscamos observar a movimentação identitária no relativo à gastronomia ofertada pelos restaurantes em Tabatinga, trazendo a percepção do

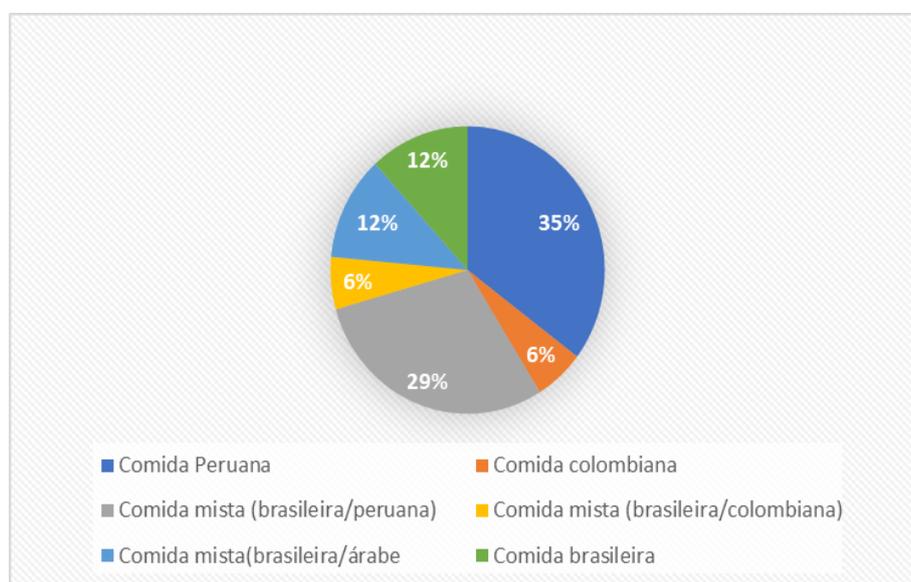
⁶⁴ Grupo Musical formado no início da década de 80, o *Raízes Caboclas* tem como principal objetivo a abordagem das raízes culturais da Amazônia, buscando referências nas diversas tendências musicais da região. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/raizes-caboclas/biografia>

usuário/cliente e do comerciante/proprietário para entender como ocorre essa dinâmica fronteiriça no relativo à alimentação. Entendendo-se que:

A alimentação e a comida, enquanto instrumentos identitários e símbolos culturais, desempenham essa função; eles representam, na verdade, um ponto de aterragem segura, à qual fazer recurso no cotidiano, cujo valor consiste em permitir, tanto para o indivíduo como para a comunidade, criar os fundamentos para uma futura redefinição da própria identidade, com base na força identitária que lhe pertence. (FRANZONI, 2016, p. 28)

Nosso trabalho realizou um mapeamento acerca dos principais restaurantes da cidade de Tabatinga – AM e suas especialidades⁶⁵, conforme vemos no gráfico abaixo:

Figura 10 - Mapeamento de especialidades dos restaurantes em Tabatinga - AM



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.
Elaborada pela autora.

Em nossa pesquisa de campo, buscamos ouvir sobre a cultura alimentar e gastronomia fronteiriça, onde obtivemos alguns relatos de habitantes das nacionalidades brasileira, peruana e colombiana:

Ouvindo Luz Clara Pena, dona do restaurante típico peruano São Jorge⁶⁶, o qual funciona há 28 anos na cidade de Tabatinga, ela nos destaca que:

⁶⁵ No levantamento não foram contabilizadas as lanchonetes e banquinhas de lanche informais.

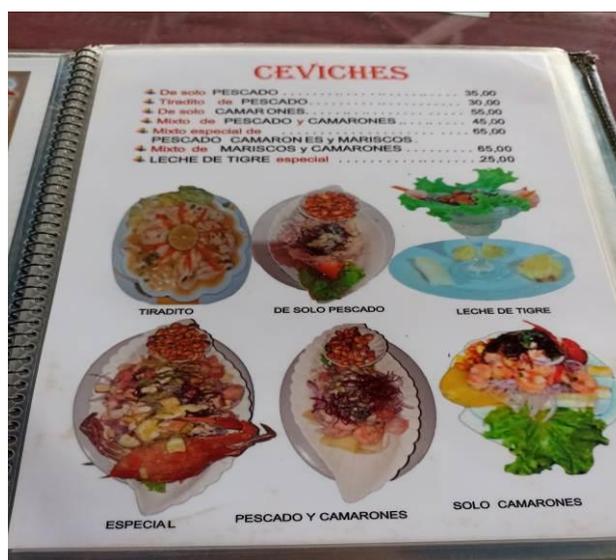
⁶⁶ Ver Figura 13. Localizado à Avenida da Amizade, centro de Tabatinga – AM. Funciona há 28 anos na cidade.

Aqui em Tabatinga tinha pessoas que não comiam ceviche, que não gostavam do ceviche, tanto é que a experiência a gente tem é que os brasileiros mesmo comiam ceviche com farinha, por causa que todo mundo aqui, brasileiro come peixe com farinha. Como o ceviche era peixe... com farinha. Logo no começo, muita gente, depois fomos aprendendo, colocando mais comidas do Peru.

(Luz Clara, Entrevista, 2022).

Neste importante relato de nossa entrevistada, podemos perceber a introdução de uma nova cultura gastronômica ao local, o ceviche⁶⁷ hoje é uma iguaria vendida não apenas em restaurantes típicos peruanos, como o dela, mas também em outros estabelecimentos brasileiros que vendem comida *à la carte* ou *à quilo*, devido à alta procura na região, tanto por brasileiros como por visitantes de outras nacionalidades, inclusive peruanos.

Figura 11 - Tipos de Ceviches



Fonte: Cardápio do Restaurante São Jorge.

Autoria: Pesquisa de campo, 2022.

Um de nossos entrevistados, Ángel Campo⁶⁸, destaca sobre sua percepção como habitante fronteiriço quanto ao prato típico tabatinguense e a seu prato favorito da cozinha brasileira o seguinte:

Plato típico de Tabatinga es la fariña, es infaltable. Que yo he comido y me gusta mucho es la *carne asada de panela*. Cuando vengo a Tabatinga, vengo a comer eso⁶⁹.

⁶⁷ Prato típico peruano cuja base é peixe cru, limão e cebola. (Definição nossa).

⁶⁸ Cantor, 39 anos, colombiano, solteiro.

(Ángel, Entrevista, 2022)

Em sua fala temos destacada que a farinha é um elemento alimentar recorrente na mesa do brasileiro, do tabatinguense, embora não manifeste que seja do seu agrado, reforçando que o tabatinguense ainda a mantém em sua dieta alimentar diária. Em sequência, ao relatar sobre a “carne assada de panela⁷⁰” demonstra que é o prato que o faz querer vir à Tabatinga somente para saboreá-lo, em razão de seu diferencial quanto ao sabor. Obviamente que os gostos são muito individuais, mas pela norma, esperaríamos que o prato favorito remetesse a algo que fosse peculiar da região amazônica ou mesmo do Brasil. Afinal de contas, a carne de gado é uma matéria-prima que se encontra com facilidade na Colômbia e na tríplice fronteira. A iguaria é um prato relativamente simples: carne com legumes, mas que pode ser preparada com condimentos diversificados os quais trazem um sabor diferenciado ao paladar de quem o saboreia.

Figura 12 - Carne assada de panela



Fonte: <https://demodelando.wordpress.com/tag/carne-de-panela/>

Barbosa (2012, p. 2), nos diz que “o ato de comer, está entre o que é natural e o que é social/cultural no homem, pois para sua sobrevivência é indispensável o alimento, que por sua vez, é utilizado e adaptado de acordo com os hábitos e costumes praticados em seu meio”. A adaptação condimentar que é feita na região, provavelmente atendeu aos critérios de sabor exigidos, tornando-se assim seu prato favorito entre tantos outros. Assim,

Entendendo-se a identidade social como um processo dinâmico, relacionado a um projeto coletivo que inclui uma constante reconstrução, e não como algo dado e imutável, pode-se afirmar que essas cozinhas agem como

⁶⁹ Tradução nossa: Prato típico de Tabatinga é a farinha, não pode faltar. Que eu tenha comido e que eu gosto muito é a carne assada de panela. Quando venho a Tabatinga, venho comer isso.

⁷⁰ Apesar de não se saber ao certo sua origem, a carne assada de panela é um dos pratos típicos brasileiros mais saborosos. Disponível em: <https://demodelando.wordpress.com/tag/carne-de-panela/>

referenciais identitários, estando sujeitas a constantes transformações (MACIEL, 2005, p.50).

A cidade apresenta-se plural com oferta de gastronomia de diferentes formas e lugares, de restaurantes mais conceituados e caros até bancas, carrinhos que oferecem as iguarias a preços mais módicos, servindo a todos as iguarias locais. Inclusive algumas destas só são disponibilizadas em um ou outro estabelecimento, logo, para a experiência do sabor local é preciso que o nativo ou o visitante tenha que despojar-se de certos preconceitos e estar disposto a se sentar à beira da calçada ou em pé para saborear algum prato da fronteira. Para Mascarenhas (2005, p. 2), “as diferenças e semelhanças entre os hábitos alimentares tornam-se atrativos e complementam a oferta turística”.

Figura 13 - Restaurante São Jorge – comida típica peruana.



Autoria: Pesquisa de campo, 2022.

No restaurante São Jorge⁷¹ (Figura 13), há 28 anos na cidade de Tabatinga, se oferece apenas comida típica peruana e se mantém como um dos preferidos da região, funcionando inclusive como um ponto de turismo gastronômico.

Segundo a proprietária, os frequentadores do espaço são de toda ordem: brasileiros, peruanos, colombianos, estrangeiros de outras nacionalidades, indígenas oriundos das três nações. Inclusive reafirma que o atrativo do local é a exclusividade da culinária típica peruana, atendendo aos que procuram o sabor da culinária peruana. Motivo de muita procura

⁷¹ Ver item 65.

aos restaurantes peruanos são as bebidas fabricadas pelo Peru: Inca Kola, Cervejas de Trigo e outras especialidades típicas do país, conforme disposto na Figura 14:

Figura 14 - Bebidas Restaurante São Jorge



Fonte: Pesquisa de Campo, 2022.

Outro destaque em nossa pesquisa é relativo ao restaurante típico peruano Piracema⁷², seu proprietário, Chef de Cozinha Panduro trabalha na região há cerca de 30 anos, mas está estabelecido na cidade de Tabatinga com seu restaurante há pouco mais de três anos. Seu diferencial está em apresentar-se como museu, onde ficam dispostos pelo local várias estatuetas, placas, bandeiras das três nações fronteiriças, roupas típicas indígenas, entre outros artefatos que estimulam o visitante a tirar fotografias e a buscar conhecer um pouco mais da cultura indígena amazônica e fronteiriça. Em seu cardápio também oferece outros tipos de pratos como pizzas, lasanhas, cachorro-quente, característicos de uma lanchonete, provavelmente buscando atender a outros perfis de público que buscam o restaurante.

⁷² Movimento de migração dos peixes durante o período reprodutivo, no qual eles deslocam-se do sítio de alimentação até onde realizam a desova. <https://www.biologianet.com/zoologia/piracema.htm>

**Figura 16 - Fachada do Restaurante
Piracema**



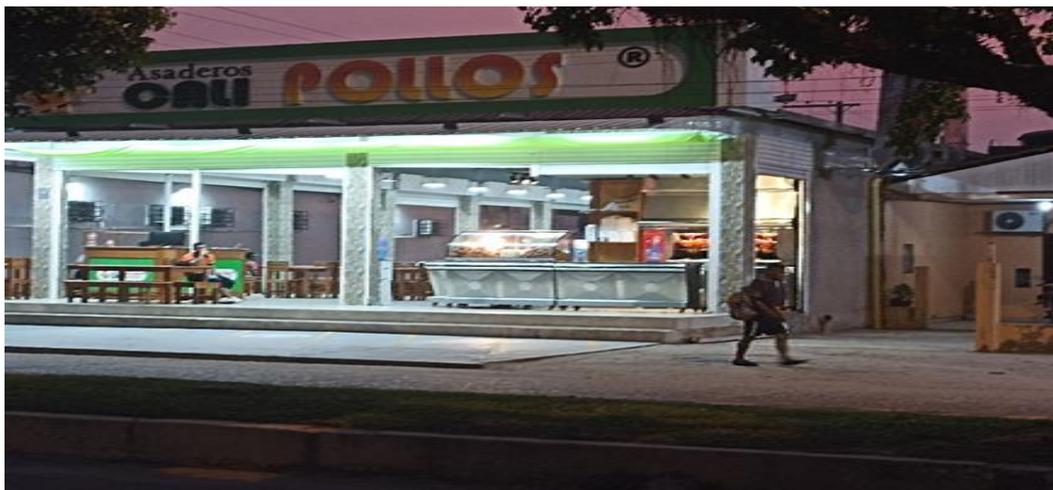
**Figura 15 - Restaurante
Piracema**



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

O mais recente restaurante estabelecido na cidade é colombiano: Asadero Cali Pollos. Trata-se de uma filial de restaurante com mesa estrutura e oferta de pratos localizado na cidade vizinha de Letícia – CO. A presença de brasileiros em visita ao restaurante na cidade de Letícia era bastante alta, o qual vende, além de frango assado e frito, outras iguarias da cozinha colombiana, como sopas, peixes, carnes.

Figura 17 - Restaurante Asadero Cali Pollos – comida colombiana



Autoria: Pesquisa de campo, 2022.

Como característica local, estão os vendedores de comida informais, em destaque o churrasco (Figura 18), o qual é encontrado por toda a cidade, em diferentes horários e em diferentes apresentações, seja somente com farofa ou com outros acompanhamentos diversos: baião de dois, arroz branco, *tacacho*⁷³ de banana, macaxeira cozida, entre outros. Normalmente são oferecidas as variedades de espetinhos de frango, carne e calabresa.

Figura 18 - Venda de churrasco próximo ao Mercado Municipal de Tabatinga - AM



Fonte: Trabalho de Campo, 2022.

Durante a pesquisa de campo, foi encontrada a oferta contínua de peixe assado apenas em um local, na metalúrgica e peixaria do Sr. Flávio. Contudo, o interessado precisa comprar o peixe para consumo em sua própria residência, pois não há mesas disponíveis. Mesmo assim, a venda ocorre diariamente, sendo disponibilizados peixes como: tambaqui, pacu, matrinxã, sardinha, entre outros. Como acompanhamento oferece baião de dois, pimenta e farofa. Sua banca é bastante movimentada e procurada pois a oferta de peixe assado é escassa na cidade⁷⁴.

⁷³ Prato típico peruano da zona de selva feito com banana verde cozida e amassada na consistência de uma massa. É servida como acompanhamento de carnes, peixes.

⁷⁴ Ver figura 19.

Figura 19 - Venda de peixe assado



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

Maciel (2005, p. 53) afirma que nossas raízes culinárias no Amazonas são “raízes indígenas”, contudo, observa-se que o tabatinguense prefere comer o peixe quando está em sua residência, deixando o espaço dos restaurantes, na maioria das vezes, para usufruir de outras iguarias que não fazem parte de seu dia a dia. Tal afirmação é reforçada por Silva (2018, p. 92) em sua pesquisa sobre diversidade alimentar na tríplice fronteira:

Na Tríplice Fronteira as escolhas alimentares não são tomadas levando em consideração limites e demarcações políticas. A comida ultrapassa essas barreiras recebendo influências de toda uma mistura cultural ali presente, indígena, brasileira, colombiana e peruana. (SILVA, 2018, p. 92).

Nosso trabalho evidencia que “se a identidade social decorre de valores e normas compartilhadas por mais indivíduos pertencentes à mesma sociedade, a alimentação pode, certamente, ser interpretada como um importantíssimo símbolo de identidade. (FRANZONI, 2016, p. 18), Neste processo simbólico, a cidade de Tabatinga na tríplice fronteira Brasil – Colômbia – Peru está em constante processo de hibridação cultural, onde mantém suas raízes indígenas, mas também flui para o novo, para a diversidade, permitindo que novas percepções gastronômicas façam parte de seu rol cultural.

3.2 Ritmos musicais do povo tabatinguense

O ritmo e a harmonia penetram no fundo da alma humana e a afetam mais fortemente, tornando-a mais perfeita.

Aristóteles

Como já temos observado, os estudos relacionados a fronteiras costumam focar nas questões geopolíticas, as quais expressam apenas os aspectos relacionados ao espaço, ao poder, contudo, o cenário fronteiro é um espaço que abrange muito mais aspectos, como o humano. E no relacionado a este aspecto, Cardin e Albuquerque (2018, p. 119), nos apresentam que elas podem ser compreendidas “também como territórios de oportunidades, de trânsitos, de intercâmbio cultural e de expressões identitárias que permitem construir uma mirada específica e situada dos diversos fenômenos contemporâneos”.

Como espaço de expressão e construção identitária, devemos perceber que “o conceito de identidade, (...) de modo geral (...), se relaciona ao conjunto de compreensões que as pessoas mantêm sobre quem elas são e sobre o que é significativo para elas (...)” (Giddens, 2005, p.43). Essa compreensão está pautada nas experiências sensoriais e sentimentos evidenciados ao longo de sua existência.

Para Giddens (2005, p. 44), ao construirmos nossa identidade pessoal desenvolvemos um processo na “(...) formulação de um sentido único de nós mesmos e de nossa relação com o mundo à nossa volta (...)”. Também afirma que se trata de “negociação constante do indivíduo com o mundo exterior que ajuda a criar e a moldar seu sentido de si mesmo. O processo de interação entre o eu e a sociedade ajuda a ligar os mundos pessoais e públicos de um indivíduo”.

Para Rousseau (1978, p. 198), a música é “a voz da natureza”, meio pelo qual o indivíduo expressa suas paixões sem nenhum tipo de mediação. Para o autor, “os sons na melodia, não agem em nós apenas como sons, mas como sinais de nossas afeições, de nossos sentimentos. Desse modo, despertam em nós os movimentos que exprimem e cuja imagem nele reconhecemos”.

Aristóteles (1990), analisa sobre os ritmos e as melodias, o seguinte:

É precisamente nos ritmos e nas melodias que nos deparamos com as imitações mais perfeitas da verdadeira natureza da cólera e da mansidão, e também da coragem e da temperança, e de todos os seus opostos e de outras disposições morais (a prática prova-o bem, visto que o nosso estado de espírito se altera de acordo com a música que escutamos). A tristeza e a alegria que experimentamos através das imitações estão muito perto da verdade desses sentimentos (...) no que se refere às sensações restantes, tais como o tato e o gosto, nenhuma delas imita as disposições morais. No caso da visão, a imitação é tênue: há de fato figuras que imitam disposições morais, mas de modo muito débil (...). Por outro lado, nas próprias melodias há imitação de disposições morais. E isso é claro, visto que as melodias se caracterizam por não serem todas de natureza idêntica; quem as escuta reage de modo distinto em relação a cada uma delas. Com efeito, umas deixam-nos mais melancólicos e graves, como acontece com a mixolídia; outras enfraquecem o espírito, como as lânguidas; outras incutem um estado de espírito intermédio e circunspecto como parece ser apanágio da harmonia dórica, porquanto a frígia induz ao entusiasmo. (Aristóteles, 1990).

Na obra *Encontro de Civilizações*, Ferrarini (2013, p. 246) faz uma breve, porém interessante observação acerca dos ritmos musicais ouvidos em Tabatinga: “E o que dizer da música que se ouve em Tabatinga, nos botecos, comércio, nos clubes, nas embarcações! Tem uma animação bem grande? Aí está uma música, um ritmo bem colombiano ou peruano ou andino!”. O relato do autor remete ao que seria uma característica do lugar, embora não indique o nome do ritmo, indica a possível origem da sonoridade percebida no município durante a sua estada. Em análise ao seu relato, chama a atenção para o fato de que embora cite lugares diversos, onde sujeitos diversos frequentariam, não faça menção para a presença de ritmos de origem brasileira juntamente com os latinos.

Uma possível hipótese é de que haveria a presença dos ritmos brasileiros, embora não tenham chamado a sua atenção, posto que já seria algo corriqueiro, de seu conhecimento. Outra possibilidade, é de que, de fato, não teria identificado a presença de ritmos brasileiros e por isso o destaque para a questão.

O fato é que se evidencia que a música, o ritmo musical é parte importante da representação cultural de um lugar. Quanto a esse aspecto, o tema nos chamou a atenção quanto ao ritmo que representa esta fronteira e sua população como parte de sua construção identitária. Desta forma, buscamos apresentar a representação sociocultural musical fronteiriça por meio de falas de sujeitos dos três países que aportam para nosso trabalho e apresentação de personagens que representam a sonoridade deste lugar. Rousseau (1995, p. 411), discorre que “dizer e cantar eram o mesmo... falava-se tanto pelo som e pelo ritmo quanto pelas articulações e pelas vozes”.

Maffesoli (1995, p. 65), de forma alegórica, afirma que “a vida cotidiana é um bom revelador do estilo da época, pois destaca muito bem como a existência é determinada pelo sentido do coletivo. [...] Por meio de constrangimentos, dos usos e costumes, do habitus, toda vida individual é limitada”. A interação do sujeito com o cotidiano traz elementos de análise para a compreensão do processo sociocultural no qual está inserido.

Para Luís Ataíde, nosso entrevistado, os ritmos musicais de Tabatinga tiveram influência da história e organização social da fronteira, vejamos:

Para cá era muito difícil escutar uma música brasileira, então as músicas vinham naquelas “bolachonas” (disco de vinil), eu tenho alguns exemplares aí, era difícil adquirir aqueles discos, só depois que implantaram dois clubes aqui, um chamado Tropical que ficava na Marechal Mallet (rua) e outro clube chamado Dom Bosco, na Rua Velha, aí que se propagou muito mais a música brasileira, principalmente na década de 70, na Jovem Guarda, aí muita gente fazia questão de ter a música brasileira.

Hoje está mais implantada a música brasileira porque era muito difícil você escutar, né. Hoje está 70% música brasileira e 30% de música estrangeira. O povo gosta muito da cumbia, da música estrangeira, tem muita música, porque antes era até difícil você escutar música brasileira, então hoje tem muita sofrência, né, essas músicas sertanejas que ninguém escutava, a Rádio Nacional teve uma importância muito grande de trazer uma noção do que é a cultura do Brasil que ninguém conhecia, e as escolas também, porque não tinha uma escola, uma universidade para a gente aprender e preservar também as nossas músicas.

Hoje em dia a gente faz questão de escutar, logicamente que toda música é bonita, depende do seu gosto, né, mas a música colombiana e peruana deixou de ser a rainha dessa região há muito tempo, então a música brasileira, o pessoal tomou gosto, juntamente com os festivais, os sambas, a música sertaneja, os bregas também, o pessoal gosta muito. (Ataíde, Entrevista, 2022).

Napolitano (2007, p.7), afirma que “a música popular brasileira não aconteceu apenas como um conjunto de eventos históricos, mas também como narrativa desses eventos, perpetuada pela memória e pela história, que nos articulou e rearticulou como se fossem expressão de ‘tempos fortes’ e ‘tempos fracos’ da história”. Em nossa Amazônia profunda, o acesso a ela foi tardio em razão das longas distâncias e dificuldade de acesso. Diríamos ainda que a necessidade de sobrevivência diária se sobrepuja. Nossa música é um importante referencial mundial:

A música brasileira é considerada como um exemplo importante e significativo de criatividade coletiva, contribuindo na formação da identidade cultural brasileira. [...] ela - a música brasileira - passa

periodicamente por verdadeiros saltos produtivos, verdadeiras sínteses críticas, verdadeiras reciclagens: são momentos em que alguns autores, isto é, alguns artistas, individualmente e em grupos, repensam toda a economia dos sistemas e condensam os seus múltiplos elementos, ou fazem com que se precipitem certas formações latentes que estão engasgadas. Podemos apontar alguns, talvez os mais salientes desses movimentos metacríticos: o nascimento do samba em 1917, a bossa-nova, o tropicalismo, o pós-tropicalismo (como chamar a década de 70?) (WISNIK, 1979, p.15).

Na década de 1980, a cidade foi palco de muitos cantores de repercussão nacional, como Reginaldo Rossi, Beto Barbosa, Pinduca⁷⁵. Este último, incorporou ao seu repertório uma composição sua em homenagem à cidade e região de fronteira, intitulada Tabatinga:

TABATINGA

*Tabatinga, olé, olé, olá, Leticia está cantando meu caricumbia.
Tabatinga como eu sou brasileiro, abraço em ti Leticia, amigo estrangeiro.*

*Uma carinha bonita, dançava o meu carimbó, achava muito gostoso, o sirimbó da vovó
Já lhe mostrei tambuí, já lhe mostrei siriá, agora eu fiz pra você meu caricumbia*

*Tabatinga, olé, olé, olá, Leticia está cantando meu caricumbia.
Tabatinga como eu sou brasileiro, abraço em ti Leticia, amigo estrangeiro*

*Até peruano dançava, ninguém queria parar, não esqueça a tartarugada na casa da tia Sabá
Em Benjamin conheci, ticuna, índia cunhã, eu mando aquele abraço a Benjamin Constant*

*Tabatinga, olé, olé, olá, Leticia está cantando meu caricumbia.
Tabatinga como eu sou brasileiro, abraço em ti Leticia, amigo estrangeiro*

Para nosso entrevistado, Ángel, cantor, que trabalha com música há quatorze anos na cidade de Tabatinga e região de fronteira, sua percepção e preferência quanto aos ritmos musicais executados na fronteira se identifica bastante com os ritmos brasileiros, veja:

Me gusta mucho el forró, soy más forrozeiro que... aunque el pagode es otro género que me gusta mucho. Se escucha mucho el forró, cuando pasa uno em las calles de Tabatinga. En los carros con sus altavoces se escucha el forró, las toadas se escucha mucho acá. Se siente mucho la diversidad em el sentido de los géneros musicales, pero la más es forró. Se escucha

⁷⁵ Cantor, músico e compositor paraense, conhecido por difundir o ritmo paraense Carimbó. Ver: <http://dicionariompb.com.br/artista/pinduca/>. Acessado em: 02 de junho de 2022.

vallenato⁷⁶ y la salsa más que otra, pero aquí dentro de Brasil se escucha netamente es los géneros brasileiros, se apoya mucho su cultura musical brasileira⁷⁷.

Em relação ao seu ofício musical, trabalhando como cantor e músico (baixo e guitarra) da Banda Komara Show⁷⁸, assevera que existe diferença nas preferências musicais dos sujeitos das três fronteiras quando realizam seus pedidos musicais:

Brasileros piden que les cante salsa, les gusta la salsa y yo les canto. Los colombianos les gusta mucho que les cante vallenato y le cante uno que otro forró. Los peruanos les gusta que les cante la música de ellos.⁷⁹

Observa-se que na cidade de Tabatinga existe espaço e sujeitos que se identificam com a cultura musical dos três países, aproximando-se mais da colombiana, seja por sonoridade ou por difusão do ritmo em nível nacional, internacional e local. A existência de casas de show, discotecas, bares na fronteira, seja em Letícia ou em Tabatinga, dão destaque às músicas colombianas e brasileiras. As músicas peruanas ficam concentradas em nichos mais periféricos.

Em Rocha (2005, p.117), constata-se que:

A sociedade de consumo institui um vocabulário, uma gramática e uma estilística do consumo, cabendo aos indivíduos apropriarem-se dessa linguagem para elaborar suas narrativas. É aderindo a determinados comportamentos, estilos de vida, ideias e atitudes que criamos uma identidade e instituímos uma consistência (sendo a própria vida pessoal entendida como o bem de consumo por excelência).

Sob esse prisma, os ritmos mais difundidos pela sociedade de consumo, acabam chegando ao público e se popularizando. Os ritmos peruanos não são difundidos no Brasil e

⁷⁶ Gênero musical colombiano.

⁷⁷ Eu gosto muito de forró, sou mais forrozeiro que..., mas o pagode é outro gênero que eu gosto muito. Se escuta muito o forró, quando a gente passa nas ruas de Tabatinga. Nos carros, com seus alto-falantes se escuta forró, as toadas se escutam muito aqui. Se sente muito a diversidade no referente aos gêneros musicais, porém a mais é o forró. Se escuta vallenato e a salsa mais que outra, porém aqui dentro do Brasil se escuta bastante os gêneros brasileiros, se apoiam muito em sua cultura musical brasileira.

⁷⁸ A Banda Komara Show existe na fronteira há quase duas décadas, formada por músicos dos três países da fronteira Brasil, Colômbia e Peru.

⁷⁹ Brasileiros pedem que cante salsa para eles, gostam de salsa e eu canto. Os colombianos gostam que cante vallenato e que cante um ou outro forró. Os peruanos gostam que cante a música deles.

tem pouco destaque nas plataformas mundiais, ocasionando essa falta de atenção ou de procura quanto aos ritmos. Enquanto os ritmos apresentados por cantores colombianos, como reggaeton, funk, pop acompanham as diretrizes desta sociedade, sendo muitas vezes reconhecidos mundialmente, bem como os *feat*⁸⁰ com cantores brasileiros: Shakira, Maluma e Anitta, Lucas Lucco e Maluma, MC Fioti e J Balvin, Nego do Borel e Maluma, Karol G e Léo Santana⁸¹.

Uma característica em destaque, observada em nossa pesquisa de campo que poderia ser acrescentada à cidade de Tabatinga, é a sua peculiaridade de investir em talentos regionais e shows de música ao vivo o que, não é comum na cidade de Letícia e em outros espaços na região fronteira, onde a música é operada por *Djs*. Os shows locais dão espaço para muitos ritmos: latinos e brasileiros.

A presença de brasileiros de diferentes regiões do Brasil também acrescenta ao cenário musical local, pois as bandas locais tentam atender e manter a clientela que frequentam os espaços de shows. Para esse público, a musicalidade latina chama muito a atenção, pois não é comum em outras regiões do Brasil que não conformam fronteiras.

Para Hall (1997, p. 8), ao definir “nossas identidades”, acredita que a melhor definição seria “as sedimentações através do tempo daquelas diferentes identificações ou posições que adotamos e procuramos viver, como se viessem de dentro, mas que, sem dúvida, são ocasionadas por um conjunto especial de circunstâncias, sentimentos, histórias e experiências única e peculiarmente nossas, como sujeitos individuais”. Da mesma forma que os tabatinguenses experimentam e reformulam culturas a partir da aproximação a novas culturas em processos socioculturais, ocorre a formação identitária destes e daqueles que transitam neste espaço fronteira.

Ferrari (2013, p. 246) faz destaque para outro aspecto, o turístico: “pouco se trabalhou para se tornar a região um grande polo turístico. Ainda é minguado o número de estrangeiros que visitam a região. E não é porque ela não tenha atrativos”. Acrescentaria que também é escassa a visita de brasileiros com a motivação turística. A maioria dos que chegam são trazidos por questões laborais, como o caso de militares, prestadores de serviços, empreiteiros, funcionários públicos dos diversos órgãos que estão instalados no município.

⁸⁰ Tradução: parceria

⁸¹ Música Vibra continente – Tema oficial da Copa Libertadores da América - CONMEBOL – 2019.

Os ritmos indígenas também tem espaço dentro da dinâmica local tabatinguense por meio de individualidades que se destacam, inclusive em nível nacional, como o caso de Djuena Tikuna, seja dentro de festivais que reconhecem a presença e a importância de valorização dos povos indígenas da região.

Djuena Tikuna é uma cantora indígena tabatinguense que está fazendo história no Amazonas e no Brasil levando a sonoridade e cultura indígena para os mais diversos espaços socioculturais. Na abertura dos jogos olímpicos no Rio de Janeiro, em 2016, realizou uma bela apresentação levando sua língua Tikuna a todos os rincões do mundo ao cantar o hino nacional brasileiro em sua língua materna. No Teatro Amazonas no ano de 2017, em Manaus, protagonizou a primeira apresentação de uma mulher indígena naquele palco realizando o lançamento de seu primeiro álbum discográfico, denominado Tchautchiuãne. Em 2018 a artista foi indicada na categoria de Melhor Artista Indígena Internacional por seu álbum de lançamento no Indigenous Music Awards, que foi realizado no Canadá.

Figura 20 - Djuena Tikuna - cantora indígena tabatinguense – Etnia Tikuna



Fonte: <https://djuenatikuna.com>

Nos espaços locais de suas aldeias, Umariçu I e II, área indígena na sede do município de Tabatinga, outros músicos e cantores indígenas realizam suas composições musicais baseadas em sua história ancestral e vivências locais. Quanto à sonoridade, incorporam a tradição de cantos indígenas a sonoridades latinas e nacionais.

Como espaço de divulgação local e nacional da cultura fronteiriça, o Festival de Música da Rádio Nacional Alto Solimões⁸², que realizou sua quinta edição em 2021, apresenta-se como um espaço franco para a música e línguas regionais por meio de composições inéditas em: língua portuguesa, indígena ou espanhola. Na figura 21 vemos em destaque o banner de divulgação do evento com os três segmentos representados: português, espanhol e língua Ticuna.

Apresenta em suas edições sete categorias premiadas: 1. Melhor música em espanhol; 2. Melhor música indígena; 3. Melhor música em português; 4. Melhor intérprete; 5. Melhor Letra; 6. Música mais votada pela internet⁸³; e 7. Melhor torcida.

Figura 21 Banner Festival de Música da Rádio Nacional Alto Solimões 2021



Fonte: <https://radios.ebc.com.br/festival-de-musica-da-nacional-do-alto-solimoes>

A cultura indígena local também ganha espaço dentro do Festival Internacional de Tribos do Alto Solimões – FESTISOL. O referido festival segue a referência do Festival de Parintins – AM, mas em vez de boi, apresenta como figura principal a onça, como representativa da cultura regional. Durante o festival, duas agremiações: Onça Preta⁸⁴ e Onça

⁸² Link da final do Festival da Rádio Nacional do Alto Solimões realizado em 2021 na cidade de Tabatinga – AM. <https://www.youtube.com/watch?v=W1DaSLJEt8c>

⁸³ A música mais votada foi a composição Pirarucu e teve 6.400 votos pela internet.

⁸⁴ Parte da apresentação Onça Preta – Festisol 2011 - <https://www.youtube.com/watch?v=pDE4-rVS2XI>

Pintada⁸⁵ fazem suas apresentações com diferentes itens e alegorias que pontuam durante a disputa. Contudo, considerando a região fronteira, durante o evento ocorre a apresentação de músicos dos países vizinhos e artistas locais mostrando diferentes ritmos musicais.

A agremiação Onça Preta que defende as cores azul e branca, representa a Tribo Ticuna, já a Agremiação Onça Pintada nas cores vermelha e branca, representa a tribo dos Omáguas (Figura 22). Em suas apresentações buscam exaltar os costumes, folclore, crenças e histórias das tribos indígenas do Alto Solimões e do Brasil.

Figura 22 - Banner Divulgação do VII Festisol

- 2022



Fonte: <https://www.facebook.com/festisoltabatinga/>

No solo tabatinguense também há espaço para as danças folclóricas juninas, como as quadrilhas. Também faz parte da cultura local a realização de arraiais para arrecadação de fundo para igrejas, escolas e outras instituições locais. Com o advento do Festisol que substituiu outros festivais folclóricos que ocorriam na região, criou-se o Festival de Quadrilhas Juninas Vovó Alaíde, que se encontra em sua quinta edição (Figura 23). Acredita-

⁸⁵ Parte da apresentação Onça Pintada - <https://www.youtube.com/watch?v=i3U2z7e4HGM>

se que essa cultura tradicional é oriunda da ancestralidade nordestina que povoou a cidade nos primórdios de sua fundação.

Figura 23 - Festival de Quadrilhas Vovó Alaíde



Fonte: Foto divulgação portaltabatinga.com.br⁸⁶

A cidade conta com espaços culturais como a Praça de Alimentação que possui um palco acústico e um centro de convenções (onde ocorre as apresentações do Festisol). Entretanto observa-se que estes espaços são pouco explorados em relação a aportes culturais fora de eventos pontuais como os já citados ou apresentações de atrações nacionais que vêm à cidade por iniciativas privadas.

Em análise aos ritmos musicais tabatinguenses, damos destaque ao que Bhabha (1998, p. 19), enfatiza que “o ‘além’ não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado”. Na cidade, estamos em constructo social identitário, “em um hibridismo cultural que acolhe a diferença sem uma hierarquia suposta ou imposta”. (BHABHA, 1998, p. 22).

Canclini (2019, p. 22), observa que “hoje existe uma visão mais complexa sobre as relações entre tradição e modernidade. O culto tradicional não é apagado pela industrialização dos bens simbólicos”. A veiculação da cultura fronteiriça via internet pelas redes sociais colabora com o registro e divulgação de nossa força artística e não o contrário. O autor destaca ainda que: “é necessário preocupar-se menos com o que se extingue do que com o que se transforma”, chamando a atenção para o fato de que precisamos nos libertar dos conceitos cartesianos de cultura e identidade cultural.

⁸⁶ <https://portaltabatinga.com.br/2022/vem-ai-o-v-festival-de-quadrilhas-juninas-de-tabatinga-vovo-alaide/>

3.3 O bilinguismo como processo de bem viver

Para sobreviver às fronteiras
 Você deve viver sem fronteiras
 Ser uma encruzilhada
 (Fragmento) Viver nas fronteiras significa que você
 Gloria Anzaldúa.

Em sua obra, *O direito à cidade*, Henri Lefebvre (2008), explana várias concepções e análises sobre a cidade e o urbano ao longo da história, apresentando uma abordagem a partir da perspectiva da modernidade. Para o autor, “apenas hoje é que começamos a apreender a especificidade da cidade (dos fenômenos urbanos).” (LEFEBVRE, 2008, p. 51). Também destaca que a cidade sempre está em relação com a sociedade no seu conjunto, em sua composição e funcionamento, com sua história. Reconhecer essas relações complexas e dinâmicas dentro das cidades também nos ajuda a compreender que os processos sociais ocorrem em diversos níveis e não estão dissociados, necessariamente, do espaço e lugar onde ocorrem. Para este autor,

As relações sociais são atingidas a partir do sensível; elas não se reduzem a esse mundo sensível e, no entanto, não flutuam no ar, não fogem na transcendência. Se a realidade social implica formas e relações, se ela não pode ser concebida de maneira homóloga ao objeto isolado, sensível ou técnico, ela não subsiste sem ligações, sem se apegar aos objetos, às coisas (LEFEBVRE, 2008, p. 51).

Mas, antes, precisamos conhecer os caminhos trilhados pelas cidades da Amazônia por meio do tempo e do espaço. Nessa perspectiva trazemos o aporte de José Aldemir de Oliveira (2014b), segundo o qual:

As estruturas e as dimensões socioespaciais na Amazônia hoje são compartilhadas de modo diferente do que era passado. Novos e velhos sujeitos, (indígenas, movimentos sociais, empresas, governo, forças armadas, pacifistas e mídia), produzem espacialidades diversas e articulam as estruturas preexistentes quase sempre locais, às novas dimensões agora globais. No curso dessa articulação, o poder se dilui entre os vários sujeitos sociais que se articulam no nível nacional por meio das instituições, mas também se articulam para além do Estado Nacional e, em alguns casos, já atingiram um grau de relações supranacionais. (OLIVEIRA, 2014b, p. 2)

A discussão sobre identidade não é novidade na academia e nem fora dela. Em seus estudos, Boaventura Santos (1994, p. 32), afirma que “poderíamos dizer até que a modernidade nasce dela e com ela.” Tal afirmação dá-se porque são através dos questionamentos internos dos sujeitos quanto ao que é e quanto ao que poderia ser, que o mundo passa pelas constantes transformações que visam à sua evolução. Castor Castoriadis (1992, p. 262), traz a afirmação de que “[...] um sujeito não é nada se não for a criação de um mundo para ele numa clausura relativa [...]. Essa criação sempre é a criação de uma multiplicidade. [...]”. O autor considera que os sujeitos podem realizar essa multiplicidade de duas maneiras: “o modo do simplesmente diferente, como diferença, repetição [...] e o modo do outro, como alteridade, emergência criadora, imaginária ou poética” (SANTOS, 1994, p. 262).

Também concordamos com o fato de que “as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação.” (SANTOS, 1994, p.31). É fato patente que o estudo da construção identitária de um povo é sempre relevante, dado seu carácter transitório e em permanente transformação. Hall (2006), é enfático em dizer que,

[...]A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, p.13)

A percepção acerca da maneira pela qual o povo tabatinguense vai construindo a sua forma local de ser e estar no mundo, nos conduziu a um mosaico cultural que aponta para uma identidade hibridizada, transitória, em movimento.

Hall (2006, p. 69) desenha um quadro contemporâneo das identidades nacionais e locais, apontando a sua pertinência para o caso de Tabatinga. Vejam:

- *As identidades nacionais estão se desintegrando como resultados do crescimento da homogeneização cultural e do “pós-moderno global”;*

- *As identidades nacionais e outras identidades “locais” ou particularistas estão sendo reforçadas⁸⁷ pela resistência à globalização;*
- *As identidades nacionais estão em declínio, mas novas identidades – híbridas – estão tomando o seu lugar.*

As três formas de identidades nacionais descritas por Hall (2006) apontam para a ressignificação das identidades no tempo contemporâneo, enunciado pela pós-modernidade. A globalização é, pois, um fenômeno que trouxe grandes transformações societárias, atingindo fortemente as identidades.

Na região amazônica, as relevantes transformações sociais ocorridas ao longo da história, retratam um quadro difuso e contraditório. Temos um contraste entre a realidade do povo e a realidade retratada pelos governantes. Com a globalização a Amazônia sofre impactos em sua terra e sua gente. Silva (1996, p. 215), nos diz que

A construção da Amazônia brasileira, após a revolução Cabana, resgata do espírito colonial a feição de região bárbara e inóspita, a condição de fronteira da Nação soberana, a situação de atraso econômico e cultural, fundamentando, neste parâmetro, as diretrizes para a ocupação, para a civilização, para a conformação da Região à unidade dita nacional.

A globalização possui interconexão transfronteiriça, no sentido de transitoriedade, hibridismo, bifurcação. Nessa nova concepção da construção identitária cultural muitos processos entram em cena: “poder, lealdade e diferenças sobrepostas” (HALL, 2006). Bauman (2005, p.17), chama a atenção para o fato de que,

A questão da identidade só surge com a exposição a “comunidades” de segunda categoria – e apenas porque existe mais de uma ideia para evocar e manter unida a ‘comunidade fundida por ideias’ a que se é exposto em nosso mundo de diversidades e policultural. É porque existem tantas dessas ideias e princípios em torno dos quais se desenvolvem essas ‘comunidades de indivíduos que acreditam’ que é preciso comparar, fazer escolhas, fazê-las repetidamente, reconsiderar escolhas já feitas em outras ocasiões, tentar conciliar demandas contraditórias e frequentemente incompatíveis (BAUMAN, 2005, p.17).

⁸⁷ Grifo do autor.

A identidade e o pertencimento são vulneráveis, as decisões a que o indivíduo se dispõe ao longo de sua existência implicam na sua construção identitária. E tais decisões estão diretamente ligadas aos processos socioculturais com os quais se vê confrontado, estabelecendo uma identificação que poderíamos classificar como deslocada (BAUMAN, 2005).

Essas decisões estão também relacionadas ao tradicional, conforme nos apresenta Bhabha (1998, p. 21), “ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição recebida.” No caso do Brasil, podemos falar em vários brasis. As identidades multifacetadas do povo brasileiro são perceptíveis viajando somente no espaço, isto é, deslocando-se o observador de uma região para outra, mas também numa mesma região ou cidade, em que se pode viajar no tempo. (AZEVEDO, 1955, p. 13).

Percebe-se, então, que não uma identidade genuína, principalmente, quando pensamos nos processos sociais ocorridos desde os primórdios da colonização com a escravidão de negros vindos da África e, posteriormente, as diásporas de variados povos vindos do mundo inteiro para o Brasil.

A zona fronteiriça é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis (SANTOS, 1994, p. 49)

Com a descrição de um cenário onde não temos apenas uma situação nas relações socioculturais, percebemos que nas regiões de fronteira, pode haver um desvencilhamento do processo de globalização, onde vem à tona novos processos socioculturais que culminam em identidades em movimento. Tal oscilação identitária segue o estabelecido na relação sociocultural em curso, nesse balé todos podem desempenhar o papel de dominador e dominado.

Rajagopalan (1998, p. 41-42), sobre a construção da identidade afirma que:

A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. Isso significa que o indivíduo não tem uma identidade fixa anterior ou fora da língua. Além disso, a construção da identidade de um indivíduo na língua e através dela depende do fato de a própria língua em si ser uma atividade em evolução e vice-versa. Em outras palavras, as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas. Isso por sua vez significa que as identidades estão sempre num estado de fluxo (RAJAGOPALAN, 1998, p. 41-42).

Calvet (2002, p. 35), afirma que “o mundo é plurilíngue”. Tal afirmação se justifica no fato de que, teoricamente, há cerca de 30 línguas por país, considerando línguas oficiais e não oficiais (indígenas ou não). Saussure (2012, p. 92), afirma que a língua “permite a uma pessoa compreender e fazer-se compreender”. Desta forma, o domínio das habilidades linguísticas e de uma língua e suas variantes é determinante no desenvolvimento das relações sociais.

Sobre o cenário da cidade, temos que admitir que é multifacetado, hibridizado, pluricultural e multilíngue. Sobre os sujeitos, reconhecemos que são plurais, despreziosos em sua vivência com tantas possibilidades de referências em flutuação constante. Ferrarini (2013, p.243), destaca que:

A cidade de Tabatinga possui uma posição estratégica na Região Amazônica e Norte do Brasil. É ponto fronteiro com duas nações sul-americanas: Peru e Colômbia. Disso decorre um *status* diferenciado se comparado com outros municípios ou cidades do Brasil. Fronteira sempre é um lugar especial. Tem a sua mundividência negativa como o de local de suspeitas, malandragens, refúgio para foragidos, lugar onde se arrisca, transitoriedade, etc. Mas tem também seu lado positivo. É região de superação de muitos aspectos da vida das pessoas. Há trocas, intercâmbios culturais, certos aspectos de solidariedade, facilidade de troca e compra de produtos das diferentes nações, tolerância, convivência etc. FERRARINI, 2013, p. 243

O processo de bem viver numa zona fronteira passa pelo caminho de saber lidar e conviver com as diferentes situações e interações linguísticas envolvendo as línguas em contato. Dessa necessidade de interações e comunicação entre falantes de línguas diferentes surge o que se denomina contato linguístico (BLOOMFIELD, 1933). Quanto a este conceito, Santos (2012, p. 33), acrescenta que: “estudar a situação de contato linguístico e seus efeitos em cada língua contribui para a compreensão da história das línguas e da cultura dos povos que se encontram em contexto de fronteira internacional e cultural”.

O linguista Weinreich (1953, p. 47), analisa que podem ser dois os fatores que motivem uma língua a adquirir termos de uma outra, que seriam: 1. a necessidade de nomear algo novo que não existe em sua cultura, mas que é nomeada em outra; 2. A influência cultural, sob forma de demonstrar proximidade com a outra língua.

Neste sentido, Ferguson (1974, p. 107) contribui com o conceito ampliado de diglossia, entendendo-o como um processo dinâmico e observa que:

O bilinguismo sem a diglossia tende a ser transicional, tanto em termos de repertórios linguísticos de comunidades de fala como em termos das variedades de fala envolvidas per se. Sem separar, no entanto, as normas complementares e valores para estabelecer e manter a separação funcional das variedades de fala, aquela língua ou variedade que seja o bastante favorável para ser associada com o movimento predominante das forças sociais tende a substituir a (s) outra (s).

Segundo o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o termo Bilinguismo significa: 1. Coexistência de duas línguas num país. 2. Uso de duas línguas por um falante ou grupo. Em Sociolinguística, Fishman (1972, p. 102) estabelece a ampliação do termo, destacando que: “bilinguismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade linguística individual, enquanto diglossia é uma caracterização social de funções entre diferentes línguas e variantes”.

Cabral (2019, p. 56-57), destaca que em Tabatinga podemos encontrar famílias formadas por duas ou mais nacionalidades, onde a prática de “misturar” as línguas espanhola e portuguesa faz parte de seu cotidiano, conforme o cenário e interlocutores: “usam a diglossia (duas formas numa mesma língua ou uso de duas línguas): com o pai usa uma língua; com a mãe, outra”:

Nessa realidade fronteiriça, é comum encontrar alguém que sempre cumprimenta outrem com *buenos días*, independentemente de nacionalidade. E o receptor, geralmente, responde tanto em português quanto em espanhol ou mescla as duas línguas. Isso ocorre inclusive nas redes sociais. (CABRAL, 2019, p. 57).

As famílias nativas da fronteira tabatinguense, normalmente possuem algum membro familiar de outra nacionalidade ou com dupla nacionalidade (colombiana/brasileira; peruana/brasileira), pois é comum a prática de terem seus filhos em país distinto ao de sua nacionalidade para acesso futuro a políticas governamentais reservadas aos nativos daquela nação.

Para Aguilera (2008, p. 106), “a atitude linguística de um indivíduo é o resultado da soma de suas crenças, conhecimentos, afetos e tendências a comportar-se de uma forma determinada diante de uma língua ou de uma situação comunicativa”. Sobre este conceito, Moreno Fernández (1998, p. 178), acrescenta que:

[...] atitude em relação à linguagem e seu uso se torna especialmente atraente quando vista na sua verdadeira magnitude o fato de que as línguas não são apenas portadoras de formas e atributos linguísticos determinados, mas também são capazes de transmitir significados ou conotações sociais, bem como valores sentimentais. As regras e as marcas culturais de um grupo se transmitem ou se destacam por meio da língua”.

Os falantes tendem a formar tais conceitos e resultado a partir de seu conhecimento histórico e cultural de uma determinada variante ou de uma língua ou ainda a partir da vivência empírica à qual se veja exposto. A partir destas percepções, o indivíduo elabora sua autoavaliação para o desempenho linguístico social. As relações desempenhadas a partir daí, tendem a ser resultado dessa análise, tornando as interrelações conflituosas ou não em algum nível.

Em estudos anteriores, Alves (2018, p. 23), afirma que devido à característica do lugar em ter uma transitoriedade permanente de parte de sua população, “tal fenômeno gera uma espécie de reciclagem das línguas, tanto do português, como do espanhol, o que não permitiria que uma interlíngua surja tão rapidamente”. Acrescenta à temática, afirmando que:

Podemos dizer que o panorama sociolinguístico de Tabatinga e Letícia se apresenta de forma muito diversa, com a comunhão de diversas línguas majoritárias ou não, as quais tendem a conviver de forma harmônica e sem perdas linguísticas para nenhuma delas até o momento. Percebe-se também falantes muito arraigados às suas línguas, fazendo da aprendizagem ou uso de uma segunda língua apenas um instrumento que lhe garanta um melhor desempenho na sociedade ou um maior grau de status nesta. (ALVES, 2018, p.23).

Observe-se que no espaço fronteiro se “pressupõe o reconhecimento recíproco e a disponibilidade para enriquecimento mútuo entre várias culturas que partilham um dado espaço cultural” (SANTOS e MENESES, 2009, p. 9). É preciso estar disponível para que essa interação ocorra de forma fluída e contínua. O rigor no controle pode desenvolver uma multiplicidade de fronteiras simbólicas, que em muitos casos “implica viver na fronteira sem viver a fronteira”. (GRIMSON, 2002, p. 184).

Shields (2006), nos ilustra o filme *Gold Rush*, protagonizado por Charles Chaplin onde corre em ziguezague na linha de fronteira entre o México e os Estados Unidos, sendo perseguido de ambos os lados, seja pela polícia, seja por ladrões. Desta forma, chama a nossa atenção para um “terceiro lugar”, um outro espaço que vai além de estar dentro ou fora de um

espaço qualquer. Nesta ilustração, adentramos nos espaços fronteiriços onde os processos identitários e socioculturais ganham um “entrelugar”, uma intersecção entre as culturas nacionais.

Nosso entrevistado, Luís Ataíde, apresenta sua percepção sobre a identidade tabatinguense o modo de viver deste povo:

A nossa identidade eu posso dizer que é uma identidade de teimosia, eu sempre digo que quem mora na fronteira, no Alto Solimões é um teimoso porque, principalmente no início da organização da cidade, um sacrifício muito grande, somente os corajosos, que não tinham salário, que não tinham recepção nenhuma, que conseguiram implantar essa cidade que hoje tem no Alto Solimões.

(Luís Ataíde, Entrevista, 2022).

Hall (2003, p. 76), explana que “as identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas denotam o que, por vezes, é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento”. O senso de pertencimento ao lugar fortalece a teimosia apontada por Ataíde. Nesta particularidade amolda-se e acomoda-se às intempéries às quais foram submetidos pela história e pelos processos socioculturais.

Destacamos também a análise de Sousa Santos (2001, p. 21) quanto ao multiculturalismo pós-colonial,

O multiculturalismo emancipatório que buscamos é um multiculturalismo decididamente pós-colonial, neste sentido amplo. Portanto, assenta fundamentalmente numa política, numa tensão dinâmica, mais complexa, entre a política de igualdade e a política da diferença; isso é o que ele tem de novo em relação às lutas da modernidade ocidental do século XX, lutas progressistas, operárias e outras que assentaram muito no princípio da igualdade. Há a ideia de que, sendo todos iguais, é fundamental que se dê uma redistribuição social, nomeadamente ao nível econômico, e é através da redistribuição que assumimos a igualdade como princípio e como prática. Naturalmente que este princípio não reconheceu a diferença como tal. A política de igualdade, baseada na luta contra as diferenciações de classe, deixou na sombra outras formas de discriminação étnica, de orientação sexual ou de diferença sexual, etária e muitas outras. É a emergência das lutas contra estas formas de discriminação que veio a trazer a política da diferença. E a política da diferença não se resolve progressisticamente pela redistribuição: resolve-se por reconhecimento. (SANTOS, 2001, p. 21)

Diante dos novos conceitos relativos à cultura, Morin (1997, p. 16), acrescenta que “as sociedades modernas são policulturais”. Estar na fronteira é oportunizar-se à inspiração do

flâneur de “estar longe de casa, mas em todos os lugares se sentir em casa” (BAUDELAIRE, 1985). A fronteira seca (Figura 24), abre espaço para o ir e vir constante dos visitantes.

Figura 24 - Fronteira Brasil/Colômbia



Fonte: Pesquisa de campo, 2022.

A vivência fronteiriça com sua multiplicidade simbólica pode ser inspiradora para aqueles que se permitem vivenciá-la com suas diversas nuances. Alteridades, simbolismos, bilinguismo, cultura e interrelações permeiam o cenário regional. Para Santos (2001, p. 350),

Viver na fronteira significa viver fora da fortaleza, numa disponibilidade total para esperar por quem quer que seja [...] significa prestar atenção a todos os que chegam e aos seus hábitos diferentes, e reconhecer na diferença as oportunidades para o enriquecimento mútuo. Essas oportunidades facilitam novos relacionamentos, novas invenções de sociabilidade que, devido ao seu valor paradigmático, se convertem instantaneamente em herança. SANTOS, 2001, p. 350

Com nosso trabalho, buscamos avançar nos estudos sobre essa cidade ímpar que é Tabatinga – AM na busca de produzirmos um material sobre essa cidade diferenciada que é Tabatinga, na tríplice fronteira Brasil, Colômbia e Peru, contribuindo para o crescimento regional, acadêmico e oportunizando mais um meio de registro sobre o pensamento social na Amazônia no relativo a este município amazônida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo concentrou-se numa análise sobre a identidade do povo de Tabatinga, município do Amazonas, buscando dar ênfase aos processos socioculturais que ocorrem em torno da constituição identitária deste povo. A cidade de Tabatinga (Brasil), encontra-se localizada na tríplice fronteira Brasil/Colômbia/Peru e possui uma situação peculiar em relação a outras fronteiras brasileiras. Tal situação está relacionada à sua disposição geográfica, à condição linguística e sociocultural. Esta cidade faz fronteira com a cidade de Letícia, na Colômbia, território é sinalizado por um marco divisor que informa ser um lado da rua parte do Brasil e outro lado parte da Colômbia. Tabatinga faz fronteira também com o Peru, Ilha de Santa Rosa, território peruano, chegando-se a essa localidade num tempo de cinco minutos saindo de Tabatinga.

Essa situação geográfica contribui, decisivamente, para a constituição de uma realidade identitária híbrida, dissonante, inacabada e fluída. Trata-se de uma realidade escorregadia e fugidia que comporta flutuação e bifurcação. Estamos nos referindo não só a uma flutuação em termos populacionais, mas também, no que diz respeito à multiplicidade de culturas espalhadas em processos envolvendo a variedade linguística, a gastronomia, o folclore, dentre outros.

De forma mais detalhada, essa multiplicidade de culturas compostas por expressões socioculturais de três países, envolve as manifestações materiais e imateriais das etnias indígenas que convivem na região. Há, também, outras manifestações socioculturais presentes na gastronomia, variação linguística, costumes, vestimentas, música, entre outros aspectos que dão à região uma identidade multifacetada. A convivência neste contexto sociocultural e linguístico diferenciado, tende a ocasionar ao habitante nativo uma situação diversificada quanto à sua construção identitária, levando-se em consideração suas origens, bem como sua visão de mundo.

Outro aspecto de destaque, é o fato de tratar-se de uma cidade de trânsito, onde estão situados quartéis das forças armadas (Exército, Marinha e Aeronáutica), instituições federais (Polícia Federal, Justiça Federal, Ministério Público Federal, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – Campus Tabatinga), instituições estaduais (Universidade do Estado do Amazonas, Ministério Público Estadual, SEPROR, IDAM, entre outras). Esse leque de instituições atrai e traz para a cidade pessoas de diferentes regiões do

país, as quais trazem consigo seu legado sociocultural que vem assomar-se ao constructo social do lugar.

A região possui, enfim, um certo cosmopolitismo na medida em que atrai uma variedade de povos de diferentes países, tais como: haitianos, angolanos, norte-americanos, árabes, judeus, entre outros que se acham na condição de estrangeiros vivendo na cidade. Outros são atraídos pela cenografia do lugar para fazer turismo, outras pessoas estrangeiras utilizam a cidade como lugar de passagem para os países vizinhos. Nestes casos, essas pessoas se destacam na cidade, por sua *performance* artística em bares e restaurantes locais, por seus trajes característicos, modo de falar, de trabalhar, de viver. Também há aqueles que formaram família, constituíram moradia fixa e permanecem no lugar desde a sua chegada. Outros chegam para passar uma temporada, mas também não passam despercebidos aos olhos da comunidade tabatinguense. Nisto reside o aspecto de hibrididade da cidade de Tabatinga, o que dificulta a construção de uma identidade única de seu povo.

Esta situação repõe o debate em torno da identidade do povo brasileiro que, pelo fato de o Brasil ser constituído por uma variedade de raças e etnias, o seu povo não possui nenhuma identidade específica, o que acarreta sérios problemas geopolíticos como, por exemplo, a política de branqueamento adotada pelo Estado brasileiro. A política de branqueamento que teve início no período colonial com a Coroa portuguesa, século XVIII, e prosseguiu no século XX com o Estado brasileiro, pretendeu impor uma única identidade ao povo brasileiro. Este fato é problematizado na Semana de Arte Moderna, de 1922, cuja síntese mais acabada é o romance *Macunaíma* de Mário de Andrade.

No caso do povo de Tabatinga havia pelo menos duas hipóteses baseadas em processos socioculturais que explicam a dificuldade de constituição de sua identidade. A primeira hipótese associada à situação territorial fronteiriça que conflui para uma demografia constituída por três povos diferentes em cultura e formação social de sua gente. A diversidade de povos torna o povo tabatinguense multidiverso em costumes, modos de vida, cultura em geral, tornando a sua identidade hibridizada. E como assinala Santos (1994, p.50) “a leveza da zona fronteiriça torna-a muito sensível aos ventos. É uma porta vai-e-vem, e como tal nunca está escancarada, nem nunca está fechada.”

A segunda hipótese está associada ao processo geopolítico do Estado brasileiro que institui as Forças Armadas em Tabatinga e militariza a cidade, tornando o povo local subserviente a uma cultura hegemônica, exógena, trazida pelos militares advindos de várias regiões do país. Este processo dificulta a construção de uma identidade mais própria e

específica do povo de Tabatinga. A este propósito, Oliveira (2014b, p. 8) lembra que “na Amazônia brasileira [...] as espacialidades foram impostas, o que não significa reconhecer, de um lado, que estas não são homogêneas, e de outro, guardam resíduos de relações pretéritas como sinais de resistência.”

A grande questão que orienta este estudo consistiu em levantar a tese de que o povo de Tabatinga não possui uma identidade específica, mas encontra-se em construção, em movimento, em constante transformação. Não existe uma identidade tabatinguense, mas várias expressões identitárias que constituem o povo em bases culturais bifurcadas e flutuantes, a qual se viu confirmada a partir da pesquisa de campo realizada.

Os espaços culturais fronteiriços tendem a incorporar valores e fatores que se bifurcam e se confluem no encontro de culturas formando uma realidade hibridizada. O povo tabatinguense é o constructo plural destas pessoas que coabitam a cidade: indígenas, não indígenas, peruanos, colombianos, demais estrangeiros, ribeirinhos⁸⁸, homens, mulheres que compõem esse lugar cosmopolita e em constante movimento.

⁸⁸ “São povos que moram à beira de rios e em várzeas, são povos que apresentam traços característicos afins heterogêneos, que desenham suas paisagens identitárias sociais, culturais, políticas e ambientais num mapa amplo e complexo”. (CORRÊA, 2008, p. 34).

REFERÊNCIAS

- ACHINTE, Adolfo A. “Comida y colonialidad: tensiones entre el proyecto hegemónico moderno y las memorias del paladar”. In: MIGNOLO, Walter (Org). *Arte y estética em la encrucijada decolonial II*. Ciudad autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2014.
- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo**. Editora Argos. 2009
- ALVES, Antônia Marinês Goes. **Panorama Sociolinguístico na fronteira: Discursos Casuais na fronteira Tabatinga (Brasil) – Leticia (Colômbia)**. In. ALVES, A. M. G.A.; OLIVEIRA, S.de E.; JUSTAMAND, M. (Orgs) *Fazendo Antropologia no Alto Solimões 15*. Alexa Cultural: São Paulo, 2018.
- ANDERSEN, S. **A Fronteira na Concepção da Geopolítica Brasileira: Entendendo a origem dos conflitos**. XII Bienal de Coloquio Transformaciones Territoriales. 2018. Disponível em http://www.augm-cadr.org.ar/archivos/7mo-coloquio/mesa_6/20080239.pdf Acesso em 04 de março de 2022.
- APONTE MOTTA, Jorge Mario. **Comercio y ocio en la transformación del espacio urbano fronterizo**. In.: *Espacios urbanos y sociedades fronterizas en la Amazonia. Dinámicas socioespaciales transfronterizas. Tercera Parte*. Bogotá: Editorial Unibiblos, 2012.
- ARISTÓTELES. **Política**. Edição Bilíngue. (Trad. António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes). Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1990.
- ATAÍDE, L. **Tabatinga: crônicas fronteiriças**. Bogotá: Gente Nueva, 2015.
- _____. **Tabatinga, sua história: No contexto do Alto Solimões e da Região Tri-Fronteiriça**. Editorial Gente Nueva, 2020.
- ATHIAS, Renato. **A noção de identidade étnica na antropologia brasileira: de Roquette Pinto à Roberto Cardoso de Oliveira**. Recife: Editora Universitária da UFPE. 2007
- BAGNO, Marcos. **Do Galego ao Brasileiro passando pelo Português: crioulização e ideologias linguísticas**. In: MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Português no Século XXI: um cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 319-338.
- BAKHTIN, Mikhail. (2002): *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena S. Nazário, Homero F. de Andrade. 5. ed. São Paulo: Hucitec.
- BARBOSA, T. **Antropologia e gastronomia: a identidade de ser brasileiro a partir da alimentação**. Documento apresentado no III Seminário de Pós-Graduação em Sociologia da

UFSCar, São Carlos, Brasil, 2012. Acesso março, 2, 2022 em: https://iiiseminarioppgsufscar.files.wordpress.com/2012/04/barbosa_talita-prado.pdf

BARTH, Daiani Ludmila. **Brasileiros na Espanha: Internet, migração transnacional e redes sociais** (Dissertação de Mestrado). São Leopoldo: Unisinos, 2009.

BASSANI, Indaiá de Santana. **Fundamentos Linguísticos: Bilinguismo e Multilinguismo**. UNIFESP: SP, 2015. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3pzu5wk>. Acesso em: 10 out. 2017

BERTELLI, Jocimar. **Poesia, Alteridade e Memória em Narlan Matos: Diálogos Interculturais**. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Cascavel. Centro de Educação, Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Letras. 2020.

BATISTA, D. **O complexo da Amazônia – Análise do processo de desenvolvimento**. 2ª ed. Manaus: Editora Valer, Edua e Inpa, 2007.

BECKER. B. K. **Amazônia: geopolítica na virada do III milênio**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

BENCHIMOL. S. **Amazônia: formação cultural e social**. Manaus: Valer, 1994.

BHABHA. H. K. **O Local da Cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG. 1998

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. Holt, Rinehart and Winston New York, 1933.

BOTÍA, C.G.Z. **Amazonia – 1900 – 1940: El conflicto, la guerra y la invención de la frontera**. 1ª ed. Leticia: Universidad Nacional de Colombia (Sede Amazonía). Instituto Amazónico de Investigaciones (IMANI). Grupo de Estudios Transfronterizos (GET), 2019.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Traduzido por Mateus S. Soares Azevedo et al. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

_____. **O poder simbólico**. Traduzido por Fernando Tomaz. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. **Portaria nº 2.507, de 5 de outubro de 2021**. Ministério de Desenvolvimento Regional. MDR. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.lex.com.br/legislacao-portaria-mdr-no-2507-5-outubro-2021/2797> Acesso em 07 de janeiro de 2022.

BURKE. P. **Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CABRAL, Rocilange Salles. **Ensino de Português em escola pública brasileira em região de fronteira: realidades e desafios**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras – Universidade Federal do Amazonas – UFAM. 2019.

CALEFFI, Paula. **A Identidade Atribuída: um estudo da historiografia sobre o índio**. São Leopoldo (Brasil): UNISINOS, Rev. Estudos Leopoldenses - Série História, 1997. PP. 49-65.

CALEGARE, M. G. A. **Contribuições da Psicologia Social ao estudo de uma comunidade ribeirinha no Alto Solimões: redes comunitárias e identidades coletivas**. 2010. 322f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**/ Louis-Jean Calvet; tradução Marcos Marciolino – São Paulo: Parábola, 2002.

CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. 1972.

CARDIN, E.G. & ALBUQUERQUE, J.L.C. **Fronteiras e deslocamentos**. Revista Brasileira de Sociologia. Vol.06. Nº12, 114–131. 2018. Disponível em <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/236/175Dreyfu>. Acesso em 29 de abril de 2022.

CARLOS, A.F.A. **A cidade (Repensando a Geografia)**. 8ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos; GASTAL, Susana. **Fronteira e Turismo: Tensionando Conceitos**. IV SEMINTUR–Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. III Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. Caxias do Sul/RS, v. 7.

CASTRO, E. **Expansão da Fronteira, Megaprojetos de infraestrutura e integração**. Caderno CRH. v. 25. n. 64, jan/abr. Salvador, 2012.

CORRÊA, Sérgio Roberto Moraes. **Comunidades rurais-ribeirinhas: demarcando traços, tecendo identidades**. in: OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Cartografias Ribeirinhas: saberes e representações sobre práticas sociais cotidianas de alfabetizando Amazônidas. 2ª ed. Belém: EDUEPA, 2008.

ESPIGA, Jorge. **O contato do Português com o espanhol da região sul do Brasil**. In. VANDRESEN, Paulino. (Org.). **Variação, mudança e contato linguístico no Português da região Sul**. – Pelotas: Ed: EDUCAT, 2006. p. 261- 279.

EUZÉBIO, E. F. **Fronteira e Horizontalidade Na Amazônia: As Cidades Gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. Universidade de São Paulo. 2011.

_____. **Fronteira e Horizontalidade Na Amazônia: As Cidades Gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)**. Acta Geográfica. Boa Vista, V.8 nº 18 set/dez. 2014 a.

_____. **A fluidez territorial na fronteira ocidental da Amazônia: as cidades gêmeas Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)**. Revista Franco Brasileira de Geografia. Nº 21. 2014 b.

FARRET, R. **Especificidades das áreas urbanas de fronteira**. In: CASTELLO, I. R.; KOCH, M. R.; OLIVEIRA, N.; SCHAFFER, N. O.; STROHAECKER, T. M. *Fronteiras na América Latina: espaços em transformação*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/Fundação de Economia e Estatística, 1997.

FERRARINI, Sebastião Antônio. **Encontro de Civilizações: o Alto Solimões e as origens de Tabatinga**. Manaus: Valer, 2013.

FISHMAN, Joshua. **Bilingualism with and without diglossia: diglossia with without bilingualism**. Journal of Social Issues, 1967.

FONSECA, J. G. **Nutrição – Ciência ou Arte?** In: FONSECA, João Gabriel M. **Clínica Médica: Obesidade e Outros Distúrbios Alimentares**. S/l: Medsi. 2001. 1v. 2n.

FRANZONI, Elisa. **A gastronomia como elemento cultural, símbolo de identidade e meio de integração**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade de Lisboa. 2016.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. 46 ed. São Paulo, Global, 2004.

GEERTZ, C. **O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne. 10ªed. Petrópolis. RJ: Vozes. 2008.

GOMENSSORO, Maria Lúcia. **Pequeno dicionário de gastronomia**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

GONÇALVES, R. **Vagão descarrilhado: o Brasil e o futuro da economia global**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONÇALVES, J. R. S. A. **Fome e o Paladar: a antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo**. In: Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 33, p. 40-50. 2004.

GONÇALVES, K. B. **A Fronteira e seus paradigmas: Identidade e Alteridade**. In *Contribuciones a las Ciencias Sociales*. Nov. 2011. Disponível em: www.eumed.net/rev/cccss/15/ Acesso em: 20 de janeiro de 2019.

GONDIM, N. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero.1994.

GRIMSON, A. Vivências do Estado como Alteridade: Imagens cruzadas na fronteira argentino-brasileira. In A. Frigerio & G.J. Ribeiro (Orgs.). *Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis: Vozes. 2002.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

_____. **Quem precisa de identidade?** In: SILVA, Tomas Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HERNANDEZ, J.C. **Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares**. In: CANESQUI, A.M.; GARCIA, R.W.D. *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. 1.ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/> Acesso em 18 de janeiro de 2022.

IANNI, O. **Teorias da Globalização**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001.

IPEA. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Fronteiras do Brasil: diagnóstico e agenda de pesquisa para política pública**. Volume 2. Organizadores: Bolívar Pêgo ... [et al.]. – Brasília: Ipea: MI, 2017.

_____. INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Fronteiras do Brasil: uma avaliação de política pública**. Volume 1. Organizadores: Bolívar Pêgo (Coordenador) [et al.]. – Rio de Janeiro: Ipea: MI, 2018.

JUSTAMAND, Michel. **O Exemplo Ticuna na Tríplice Fronteira: Brasil, Colômbia e Peru**. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos, [s.l.], v. 17, n. 1, p. 119-143, fev. 2018. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5budzk4>. Acesso em: 10 out. 2017

LEFEBVRE, H. **O Direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Jorge Luís de F. **Vidas em Movimento - Imigração Peruana na Fronteira Brasil-Peru no Alto Solimões: Trajetórias E Contextos**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM MANAUS, 2019.

MACHADO, L; HAESBAERT, R. et al. **O desenvolvimento da Faixa de Fronteira – uma proposta conceitual metodológica**. IN: OLIVEIRA, Tito Carlos Machado de (Org.). Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras. Campo Grande, MS: EdUFMS, 2005.

MACHADO, Osório Lia. **Limites, fronteiras, redes**. In: STROHAECKER, T. M.; et al. (Org.). Fronteiras e espaço global. Porto Alegre, 1998.

MACIEL, M. E. **Olhares antropológicos sobre a alimentação: Identidade cultural e alimentação**. In: CANESQUI, AM., and GARCIA, RWD., orgs. **Antropologia e Nutrição: um diálogo possível** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005. 306 p. Antropologia e saúde collectión. ISBN 85-7541-055-5. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>>.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

_____. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

MARTINS, J. S. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do Humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MASCARENHAS, R. G T. **Turismo e gastronomia na Região dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2016.

MENESES, Fátima Rejane de. **Alteridade e Incomunicabilidade em contos do imigrante, de Samuel Rawet**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura. Universidade de Brasília. 2013.

MONTANARI, M. **Comida como cultura**. Tradução de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. O espírito do tempo – 1 Neurose.. 9ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. **Da culturálise à política cultural**. MARGEM, São Paulo, n.16, p. 183-221, dez 2002. Tradução de Edgard de Assis Carvalho do original: Communications. Políticas Culturais em Revista, 1(8), p. 106-120, Disponível em www.politicasculturaisemrevista.ufba.br 120 14, Paris: 1969. École Pratique des Hautes Études / Centre d'Études des Communications de Masse/Seuil, Édition du Seuil, 2015.

MURRIETA, R. **Dialética do sabor: alimentação, ecologia e vida cotidiana em comunidades ribeirinhas da ilha de Ituqui, Baixo Amazonas, Pará.** São Paulo: Revista de Antropologia, v. 44, n. 2, 2001.

NICOLAIDES, Christine; SILVA, Kleber Aparecido da; TILIO, Rogério; ROCHA, Claudia Hilsdorf (org.). **Política e Políticas Linguísticas.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2013.

NOGUEIRA, R. J. B. **Amazonas: a divisão da “monstruosidade geográfica”.** Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2007a.

_____. **Fronteira: espaço de referência identitária?** In. Ateliê Geográfico, v. 1, n. 2. Goiânia-Go. Dezembro, 2007b

OLIVAR, José Miguel Nieto. CUNHA, Flávia Melo da. ROSA, Patrícia Carvalho. **Presenças e mobilidades transfronteiriças entre Brasil, Peru e Colômbia: o caso da “migração peruana na Amazônia brasileira”.** TOMO nº 26. Jan/jun. 2015.

OLIVEIRA, T. C. M. de. **Territórios sem limites: estudos sobre fronteiras.** Campo Grande, MS: EdUFMS, 2005a.

_____. **Tipologia das Relações Fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos.** In: _____. Território Sem Limites. Campo Grande: Editora da UFMS, 2005b.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo.** 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

_____. **Caminhos da identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo.** São Paulo: UNESP, 2006.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia.** Estud. av. vol.20 no.57. São Paulo May/Aug. 2006.

_____. **Dinâmicas migratórias na Amazônia contemporânea.** (Tese) Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: UFAM, 2014a.

OLIVEIRA, J.P. Formas de dominação sobre o indígena na fronteira amazônica: Alto Solimões, de 1650 a 1910. Dossiê. Cad. CRH 25(64). Abr. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/HXRLXVZRmR5vTr85pLd8Rbw/abstract/?lang=pt> Acesso em 14 de dezembro de 2021.

OLIVEIRA, J.A. **As cidades da natureza, a natureza das cidades e o controle do território.** Universidade Federal do Amazonas. XIII Colóquio Internacional de Geocrítica. Congresso. 2014b. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjwlpmc3qfxAhVVpZUCHRs4CbIQFjAAegQIAhAD&url=http%3A%2F%2Fw>

www.ub.edu%2Fgeocrit%2Fcoloquio2014%2FJose%2520Aldemir%2520de%2520Oliveira.pdf&usg=AOvVaw1UDno1AYa9KVqoB6ugOKG Acesso em 17 de junho de 2020.

PARAQUETT, M. **Da abordagem estruturalista à comunicativa: um esboço histórico do ensino de Espanhol Língua Estrangeira no Brasil.** In: TROUCHE e REIS (org.). *Hispanismo* 2000. Brasília: Ministério de Educación, Cultura y Deport/Associação Brasileira de Hispanistas, vol. 1, 2001.

PATERSON, Janet. **Pensando o conceito de alteridade hoje.** Revista Aletria, Minas Gerais, v. 16, p. 13-19, jul.-dez. 2007. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/.../aletria%201601-entrevista-janetpaterson.pdf>. Acesso em: 14/01/2022.

PESAVENTO, S. J. **Fronteiras culturais em um mundo planetário - paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s).** Revista Del Cesla, nº 8, pp. 9-19, Polônia, 2006.

PREUSS, Elena Ortiz; ÁLVARES, Margarida Rosa. **Bilinguismo e políticas linguísticas no Brasil:** da ilusão monolíngue à realidade plurilíngue. Acta Scientiarum. Language and Culture, Maringá, v. 36, n. 4, p. 403-414, 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/y5k9dvym>. Acesso em: 8 jun. 2017.

QUIJANO, Aníbal. **El fantasma del desarrollo en América Latina.** Revista del CESLA. Nº 1. 2000.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O conceito de Identidade em linguística: é chegada a hora de uma consideração radical?** In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicada.*: São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

REZENDE, T. V. F. **A conquista e a ocupação da Amazônia brasileira no período colonial: a definição das fronteiras.** Tese de Doutorado. Departamentos de História Econômica, FFLCH, USP, 2006.

RIBEIRO, Darcy. **Povos Indígenas e Mudança Socio-Cultural na Amazônia,** UNB, Série Antropologia, Brasília. 1972.

_____. **Os brasileiros:** 1. teoria do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **O povo brasileiro:** a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

RIBEIRO. N.F. **A questão geopolítica da Amazônia: da soberania difusa a soberania restrita.** Belém: Editora Universitária da UFPA, 2006.

RIBEIRO, Adelia Miglievich. **Estudos em Darcy Ribeiro:** um capítulo do pensamento crítico latino-americano e decolonial. In.: CALIXTRE, André Bojikian; FILHO, Niemeyer Almeida. (Orgs.) *Cátedras para o desenvolvimento: patronos do Brasil.* Rio de Janeiro: IPEA, 2014, p. 109-130.

ROBINSON. D. **Translation and Empire: Postcolonial Theories Explained**. Manchester, UK: St. Jerome Publishing. 1997.

RODRIGUES, Luana Ferreira. **Práticas e políticas linguísticas no Alto Solimões: plurilinguismo, formação de professores na tríplice fronteira Brasil -Colômbia -Peru**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. 2021.

ROUSSEAU. Jean Jacques. **Emílio ou Da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SAID. Edward. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SANTOS, B. S. A crítica da razão indolente: Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2001.

SANTOS, B. S. e M. P. Meneses. “**Introdução**”, em B. Santos e M. P. Meneses (orgs.), *Epistemologias do Sul*, Coimbra, Almedina/CES, pp. 9-19, 2009.

SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. Ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Alessandra Rufino **A migração de peruanos para a Amazônia Brasileira: uma discussão sobre redes migratórias, fronteiras e identidades**. Somanlu: Revista de Estudos Amazônicos, [S.l.], v. 12, n. 2, p. p. 63-84, ago. 2013. ISSN 2316-4123. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufam.edu.br/somanlu/article/view/442>>. Acesso em: 25 jan. 2021. doi: <https://doi.org/10.17563/somanlu.v12i2.442>.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SELINKER, L. Chapter 10. **Interlanguage 40 years on: Three themes from here**. In: HAN, Z.; TARONE, E. (Org.). *Language Learning & Language Teaching*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 39, 2014, 221–246.

SENHORAS, Elói Martins. **Dinâmica Fronteiriça das Cidades-Gêmeas entre Brasil e Guyana**. Revista Geonorte. Edição Especial 3. V. 7 nº 1, p. 1053-1070. 2013.

SHIELDS, R. “**Boundary-thinking in theories of the present: the virtuality of reflexive modernization**”, *European Journal of Social Theory*, vol. 9, 2, pp. 223-237. 2006.

SILVA. A. B. **Geopolítica na fronteira Norte do Brasil: O papel das forças armadas nas transformações sócio-espaciais do Estado de Roraima**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. FFLCH/USP. 2007.

SILVA, Felipe Bilharva da; GONÇALVES, Giovana Ferreira. **Fronteiras linguísticas e culturais: aspectos fonológicos do hunsrückisch na aquisição da escrita do português.**

Revista Ininga. Teresina, PI, v. 4, n. 1, p. 39-58, 2017

SILVA. M. C. **Metamorfozes da Amazônia.** Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 1997. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/279820> Acesso em 22 de janeiro de 2022.

SILVA, Miriam Aline Coelho Rosa da. **Diversidade cultural na diversidade alimentar: a comida da tríplice fronteira.** Dissertação. Mestrado Profissional em Rede para o Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB). Universidade Federal do Amazonas. 2018

SOARES. T. **História da Formação das Fronteiras do Brasil.** Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972.

SOARES. Eliane. **Recolonização como “Reforma do Estado” no Brasil.** Dissertação de mestrado. UFSC. Florianópolis. 2003.

SOUZA. M. **História da Amazônia: Do período pré-colombiano aos desafios do séc. XXI.** 1ª edição. Rio de Janeiro: Record. 2019.

STURZA, Eliana Rosa. **Línguas de Fronteira: O Desconhecido Território das Práticas Linguísticas nas Fronteiras Brasileiras.** In: Ciência e Cultura (SBPC), São Paulo, p. 47-50, 2005.

_____. **Línguas de Fronteiras e Políticas de Línguas: uma História de Ideias Linguísticas.** 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

_____. **Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitários.** In: ProPosições, Campinas, v.21, n.3 (63), p. 83-96, set./dez. 2010.

STURZA, Eliana Rosa; TATSCH, Juliane. **A Fronteira e as Línguas em contato: uma perspectiva de abordagem.** Cadernos de Letras da UFF, Dossiê: Línguas e culturas em contato, Niterói, v. 26, n. 53, p. 83-98, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://tinyurl.com/y4u8jas2>. Acesso em: 14 nov. 2018.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TORRES, I. C. **As primeiras-damas e a assistência social: relações de gênero e poder.** São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **As novas amazônidas**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2005.

UCHÔA, M. M. R. **Currículo Intercultural na Fronteira**: um estudo sobre a política e as práticas de currículo na fronteira Brasil/Bolívia do Estado de Rondônia. 2019. 163 f. Tese (Doutorado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

VIANA, Dayane Lima; MARGOTTI, Felício Wessling. **O plurilinguismo no contexto da fronteira entre o Brasil, a Colômbia e o Peru**: Aspectos etnográficos das línguas em contato em Tabatinga –AM. Revista Humanidades e Inovação. V. 8, nº 66. 38-48. 2021.

VIEIRA, José Maria Trajano. **A Luta pelo Reconhecimento Étnico dos Kokama na Tríplice Fronteira Brasil/Colômbia/Peru**. 2016. 297 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas-SP, 2016.

VIRGA, T. **Urbanização e Fronteira na Amazônia: um olhar para as “cidades-gêmeas” de Leticia (CO) e Tabatinga (BR)**. XVII ENANPUR. São Paulo. 2017.

ZAMBRANO, Cora Elena Gonzalo. **O bilinguismo no *entre lugar* de crianças “brasileiras venezuelanas” na fronteira**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Roraima. Programa de Pós-Graduação em Letras. Boa Vista/RR. 2016.